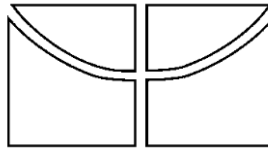


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

***As Redes Sociais — Facebook e Twitter — e suas influências nos Movimentos Sociais***

**Taís Morais Guedes**

**— Outubro de 2013 —**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

***As Redes Sociais — Facebook e Twitter — e suas influências nos Movimentos Sociais***

**Taís Morais Guedes**

Trabalho apresentado à Banca Examinadora de dissertação para obtenção do grau de mestre em Comunicação. Linha de pesquisa: Teorias e Tecnologias da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Christina Maria Pedrazza Sêga.

**— Outubro de 2013**

## **Banca Examinadora**

---

Christina Maria Pedrazza Sêga  
Professora Doutora — FAC/UNB  
Presidente

---

Fernando Oliveira Paulino  
Professor Doutor — FAC/UNB  
Membro

---

Sergio Euclides de Souza  
Professor Doutor — Uniceub  
Membro

---

Luiz Martins Silva  
Professor Doutor — FAC/UNB  
Suplente

## DEDICATÓRIA

*Por todos os caminhos onde ando, vejo, além do horizonte, as estradas construídas por nós e por nossos sonhos.*

*A verdade é o caminho; a solidariedade, a força; e o amor, ah este sim, remove o mais forte dos obstáculos, mantém sempre juntos aqueles que se unem por este sentimento maior. E assim permanecem apesar das agruras.*

*Dedico este estudo a vocês, Matheus, Camila e Sylvio — minhas inspirações e alegrias do dia a dia.*

## **Agradecimentos**

Este é um sonho que se realiza.

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte desta vitória. Cada um que esteve do meu lado nestes três últimos anos e, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu alcançasse este objetivo.

Deus, caso exista, está e esteve no meu coração e mente durante todo o tempo.

Professora e orientadora, Christina Sêga, por não desistir de mim quando eu ainda não estava apta a compreender a vida acadêmica e, com carinho, me auxiliar.

Thiago Quiroga que, com paciência e sabedoria, mostrou que os caminhos árduos do mestrado poderiam ser trilhados com persistência e firmeza.

Pedro Russi, que bagunçou minha cabeça com suas questões e semeou o espírito de pesquisadora acadêmica, refletindo sobre a aplicação da pesquisa empírica.

Sergio Euclides por me orientar na graduação, acreditar em mim, me ajudar e compreender o período conturbado entre a finalização da monografia e o lançamento de livro ao mesmo tempo. E por hoje estar presente nesta banca. Seus ensinamentos percorrem comigo as trilhas da vida.

Luis Martino por dar sua contribuição sábia ao meu projeto proporcionando seu aprimoramento e me fazendo gostar ainda mais de realizar este estudo.

Fernando Paulino por me mostrar que a pesquisa vai além do que imaginamos e que podemos continuar mesmo tendo que retornar um pouco para avançar depois.

À equipe de docentes da FAC/UNB, por selecionar meu projeto e acreditar nele.

Ao Luciano e Regina, incansáveis na orientação de todos aqueles que procuram por eles.

À minha Mãe, meu Pai, meus Irmãos e Mário Hime, por me apoiarem.

**Muito Obrigada. De coração.**

## **As Redes Sociais - *Facebook e Twitter* — e sua influência nos Movimentos Sociais**

### **RESUMO**

Este estudo apresenta como a Internet exerce papel central no cotidiano, e como as Redes Sociais podem influenciar o comportamento humano, levando as pessoas a participar de Movimentos Sociais originados em ambientes virtuais, mas que também ocorrem no mundo real. As mídias sociais, principalmente as digitais, assumiram importante influência na maneira como as relações sociais se transformam. A Internet, e em proporção menor, as Redes Sociais estão presentes na sociedade e se encontram no foco das discussões sobre globalização e fluxo de informações. São as responsáveis por interações sociais modificadas.

O objeto deste trabalho é o Movimento Ficha Limpa e a sua ação para apresentar e aprovar, com uso da prerrogativa constitucional de projetos de iniciativa popular, a Lei Complementar 135/2010, mais conhecida como Lei da Ficha Limpa.

O Movimento Ficha Limpa já havia conseguido aprovação da lei 9.840/99, por meio de projeto de iniciativa popular. Esta lei, de combate à corrupção eleitoral, trouxe melhorias na política brasileira. Ambos os projetos demonstram que, embora seja um instrumento trabalhoso, os projetos de iniciativa popular podem fomentar a participação política e abrir espaço para um diálogo entre a população e seus representantes na busca da ética na política e da fiscalização social da gestão pública.

**Palavras-chave:** Redes Sociais; Movimentos Sociais, Ficha Limpa, Transformação Social.

## **Social Networks — *Facebook and Twitter* — and their influence in social movements**

### **ABSTRACT**

This study aims a broader reflection about today's reality, with the Internet playing a center role on the lives of individuals. It investigates how social networks can influence human behavior, by engaging people in social movements originated in virtual environments, leading them to take part in the related real life events. The central role that social media, particularly digital ones, takes in daily life and how social relations are being transformed, as such resources develop, bring up an important discussion to understand the steps of these changes. This study also examines the particular case of the Clean Record Movement as an instrument of political participation in a different context other than casting a vote, and the use of people's constitutional prerogative to present bills by themselves, such as the one from which derived the Law 9.840/99. Designed to fight electoral corruption, this law brought considerable improvements to Brazilian political scenario, and later inspired another bill, known as the Clean Record Law (135/2010). The same social movement, strongly reinforced by the digital social networks, undertook both popular initiatives. This kind of political participation opens space for a dialogue between the people and their representatives in pursuit of a greater goal: ethics in politics and public opinion's supervision on the administration.

**Keywords:** Social Networks, Social Movements, Clean Record Law, Social Transformation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	8
JUSTIFICATIVA .....	10
OBJETIVOS GERAIS .....	15
OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	16
METODOLOGIA.....	16
CAPITULO 1: UMA BREVE HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	21
1.1 O Movimento Social em favor da ecologia no Brasil e outros casos .....	24
1.2 Os Movimentos Sociais e as Redes Sociais .....	28
1.3 Engajamento e participação colaborativa.....	36
1.4 Ciberativismo .....	43
1.5 Considerações Finais .....	49
CAPITULO 2: AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA TRANSFORMAÇÃO AO LONGO DE 20 ANOS.....	51
2.1 A evolução das Redes Sociais digitais .....	51
2.2 A internet e sua penetração.....	55
2.3 Redes Sociais e inovações .....	57
2.3.1 AOL instant Messenger (1997).....	62
2.3.2 Sixdegrees (1997) .....	62
2.3.3 Friendster (2002).....	63
2.3.4 Myspace (2003) .....	63
2.3.5 LinkedIn (2003) .....	64
2.3.6 Web 2.0 (2004) .....	65
2.3.7 Orkut (2004) .....	65
2.3.8 Google+(2011).....	66
2.4 Contexto Atual.....	67



2.5 Conhecendo os canais de estudo .....	69
2.5.1 O <i>Twitter</i> .....	69
2.5.2 O <i>Facebook</i> .....	73
2.6 Estudos de influência das Redes Sociais .....	78
2.7 O engajamento nas redes sociais .....	81
2.8 A política nas Redes Sociais.....	85
2.9 Considerações Finais .....	89
CAPITULO 3: CIBERCULTURA E TEORIA — ONDE ELAS SE UNEM.....	92
3. 1 Teoria e reflexão.....	93
3.2 Cibercultura: os novos tempos .....	98
3.3 Considerações Finais .....	108
CAPITULO 4: O MOVIMENTO FICHA LIMPA E A LEI APROVADA NO CONGRESSO NACIONAL: ANÁLISES.....	112
4.1 Processo eleitoral brasileiro e a lei de iniciativa popular — uma introdução .....	112
4.2 Petições online e seu valor legal — o nascimento do Movimento Ficha Limpa .....	116
4.3 Movimento Contra a Corrupção Eleitoral (MCCE) — um grupo engajado na transformação política e social .....	120
4.4 A lei da Ficha Limpa e seus avanços — histórico e cronologia.....	122
4.5 A evolução do Ficha Limpa, segundo pesquisa do German Development Institute, da Alemanha.....	132
4.6 Os Movimentos Sociais — da Internet para as ruas.....	139
4.7 Algumas das bandeiras dos Movimentos Sociais nas Redes Sociais .....	144
4.8 A página eletrônica do Movimento Ficha Limpa e os “exércitos” que vão às ruas convocados via Internet.....	146
4.9 Considerações Finais .....	147
5. CONCLUSÃO.....	149
BIBLIOGRAFIA .....	152
OUTRAS REFERÊNCIAS .....	155
ANEXO I — ÍNTEGRA DA ENTREVISTA DO JUIZ MÁRLON REIS.....	158

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa entende que as Redes Sociais são uma estrutura composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que possuem valores, ideias e objetivos em comum (DUARTE, 2008, p. 156). Já as Redes Sociais *online* não seguem exatamente o modelo das físicas. Elas podem ser de relacionamento pessoal, empresarial, de publicidade, entre outras. As Redes Sociais digitais têm adquirido importância crescente na sociedade moderna, por isso, de tempos em tempos, surgem mais páginas eletrônicas oferecendo esses serviços.

Características fundamentais das Redes Sociais são a abertura e a flexibilidade de suas estruturas. Elas possibilitam relacionamentos sem hierarquias e igualitários. Em comum, os diversos tipos de rede social possuem o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e objetivos e o estabelecimento de relações. A intensificação da formação das Redes Sociais, neste sentido, reflete um processo de fortalecimento da sociedade em um contexto de maior participação democrática e mobilização social. O conceito de Redes Sociais tem diversas definições, mas para este estudo vamos utilizar apenas o já citado.

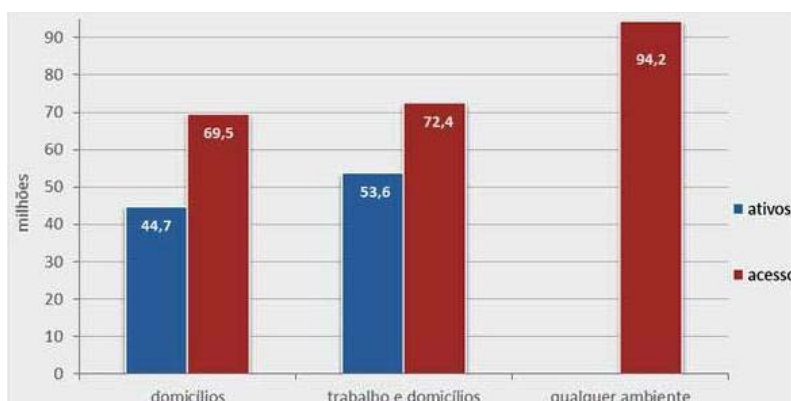
Se, a partir dos anos 1990, a participação da sociedade brasileira na Internet começou tímida, 22 anos depois já havia, segundo levantamento do Ibope Media<sup>1</sup>, 94,2 milhões pessoas com acesso à *web* (o quinto país do mundo neste quesito). A pesquisa, divulgada em dezembro de 2012, consultou pessoas de 16 anos de idade ou mais, com acesso à Internet a partir de qualquer ambiente. Destes, 50,7 milhões acessam regularmente a rede mundial de computadores, sendo 37 milhões de conexões realizadas em residências<sup>2</sup>.

O gráfico abaixo apresenta os dados de acesso da pesquisa do Ibope Media.

---

<sup>1</sup> O IBOPE Media é a unidade de negócios do Grupo IBOPE responsável por prover o mercado com pesquisas sobre o consumo de todos os meios.

<sup>2</sup> [www.agence.com.br](http://www.agence.com.br) — acessado em 11/02/2013.



Número de pessoas com acesso e de usuários ativos. Fonte: IBOPE Media.

Observando os números, este estudo percebeu a importância de analisar a influência que as Redes Sociais *online* exercem no dia a dia dos seus usuários, principalmente nos casos de mobilizações sociais. Para falar sobre o tema dentro das Redes Sociais *online* é necessário entender o conceito de movimento social físico, fora do ambiente cibernético<sup>3</sup>. Como veremos mais detalhadamente no Capítulo 1, movimento social é toda expressão da sociedade para promoção de temas morais, éticos e legais.

Fruto de contextos sociais e históricos, o movimento social possui dois conceitos clássicos. O primeiro aqui utilizado é de Alain Touraine (1998, p. 37-44) que conceitua Movimentos Sociais como controle da ação histórica, onde se entende que eles são as lutas de classes com o objetivo de alcançar seus pleitos. Já o segundo conceito, de Manuel Castells (1999), define que os “Movimentos Sociais são sistemas de práticas sociais contraditórias, cuja natureza é transformar a estrutura do sistema por meio de ações revolucionárias ou não”. Assim, as Redes Sociais, *online* ou não, unidas aos Movimentos Sociais podem ter imenso alcance e persuasão dentro das sociedades.

Nessas comunidades virtuais “vivem” duas populações muito diferentes: uma pequena minoria de aldeões eletrônicos “residindo na fronteira eletrônica” e uma multidão transitória para a qual suas incursões casuais equivalem à exploração de várias existências na modalidade do efêmero. (CASTELLS, 2000, p.386)

O estudo possui como principal objetivo compreender como as Redes Sociais podem influenciar os Movimentos Sociais sem esquecer, no entanto, a conceituação, as

---

<sup>3</sup> A cibernética, segundo o *site Think*, (que usa como referência CHIAVENATO, Idalberto. "Introdução à Teoria Geral da gestão", 4ª Edição, Ed. Makron Books), é uma teoria dos sistemas de controle baseada na comunicação entre os sistemas e o meio ambiente e dentro do próprio sistema. Ambiente cibernético, neste caso, é aquele que se utiliza do ciberespaço, ou seja, a Internet. /www.thinkfn.com, acessado em 28/10/2013.

características, os exemplos, a relação destes movimentos com os meios de comunicação, seus vínculos e contrapontos. É necessário cuidar para não repetir ideias que podem se tornar armadilhas para o entendimento do tema, pois o ser humano tende a buscar interpretações pré-concebidas de fatos, tornando-os verdadeiros sem o conhecimento teórico ou prático sobre eles.

Para exemplificar, cita-se a campanha presidencial de Barack Obama nos Estados Unidos da América. A maior parte das pessoas com quem se conversa sobre o tema credita a vitória de Obama ao seu uso das Redes Sociais; no entanto, o telefone móvel também ajudou a criar uma rede de contatos e foi amplamente utilizado durante o período eleitoral.

Quando Obama iniciou a corrida eleitoral nas prévias do Partido Democrata, ele contou com um aliado poderoso: seu *smartphone*. A equipe de Obama cadastrou milhares de voluntários e obteve seus números de celular. A partir daí usou os *SMS* para distribuir tarefas que incluíam o contato com os amigos e a obtenção de novos números de celular para aumento da base de voluntários.

Antes de cada prévia, os celulares dos eleitores de determinada região recebiam mensagens com informações das ações que cada um deveria realizar. A mobilização e a agilidade alcançadas foram decisivas. O celular pode ser uma ferramenta de sucesso inegável e se tornou, como na campanha de Obama, uma plataforma para interação, navegação e envio de mensagens, sempre disponível.

A Internet faz parte do cotidiano de 2,4 bilhões de pessoas em todo o mundo<sup>4</sup> e poder ser utilizada tanto para o lazer quanto para o trabalho. Também tem sido aproveitada para mobilizações sociais — afinal, o ciberespaço promove diferentes possibilidades de comunicação, tem baixo custo e dissemina informações de forma bastante veloz. A diversidade de ambientes *online* proporciona diversos tipos de interação, como comentários em notícias, *chats*<sup>5</sup>, transmissão de vídeos ao vivo, entre outras. Estas interações são chamadas de comunicação mediada por computador e não precisam de relação presencial, sendo muito comuns via Internet. Esse tipo de interação não é restrito aos aspectos

---

<sup>4</sup> [www.tecnologia.terra.com.br/internet](http://www.tecnologia.terra.com.br/internet), acessado em 28/10/2013.

<sup>5</sup> *Chat*: espaço que permite uma discussão por escrito, em tempo real, entre dois ou mais usuários da Internet. Forma de comunicação com o uso de computadores, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas, que vão aparecendo na tela de todos os participantes. [www.br.significado.de/chat](http://www.br.significado.de/chat), acessado em 28/10/2013.

tecnológicos. Segundo Alex Primo, seria “desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador” (PRIMO, 2007, p.30). O pesquisador afirma que o conceito de interação é baseado em uma “ação entre”, por isso precisa ser entendida a partir do relacionamento entre os interagentes, uma vez que cada agente envolvido cria uma dependência do outro. Primo (2007) aponta que o comportamento do interagente afeta diretamente o do outro e vice-versa, ocasionando transformações sucessivas.

A interação demonstra um alto grau de flexibilidade e indeterminação. E devido a essa flexibilidade, os interagentes podem lidar com a novidade, com o inesperado, com o imprevisto, com o conflito (PRIMO, 2007, p.65).

Aqui, contudo, não interessam especificamente as dinâmicas dos interagentes entre eles, mas sim os movimentos surgidos nas páginas de relacionamentos *online* que tenham contribuído para a promoção da lei da Ficha Limpa<sup>6</sup>. E para compreender a evolução delas, é necessário o relato histórico das principais Redes Sociais *online* desde o surgimento até sua atual configuração (detalhes tratados no Capítulo 2).

Ainda ocorrerão diversas transformações nos meios de comunicação e interação por conta da evolução das tecnologias. Acredita-se, porém, que a tendência das pessoas será de uma presença cada vez maior nos ambientes virtuais, tornando-se assim, mais dependentes deles, que hoje crescem, se desenvolvem e se expandem em grande velocidade. Vive-se um tempo de novas e avançadas tecnologias. Livros digitais, *tablets*, TVs interativas e plataformas virtuais tendem a ser mais utilizados. Não que os antigos modos de comunicação serão para sempre suprimidos, mas as pessoas mais jovens, principalmente as nascidas a partir dos anos 1990, vêm sendo amplamente incentivadas a utilizarem os novos meios de comunicação e tecnológicos.

Jornais e revistas hoje oferecem seus conteúdos *online*. A terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012), realizada pelo IBOPE Inteligência para o Instituto Pró-Livro, revelou queda no número de leitores no país: de 95,6 milhões registrados em 2007,

---

<sup>6</sup> A Lei Complementar nº. 135/2010 modificou as regras de inelegibilidade para cargos públicos. Foi originada de um projeto de lei de iniciativa popular que reuniu 1,3 milhões de assinaturas. A lei da Ficha Limpa torna inelegível por oito anos um candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado (com mais de um juiz), mesmo que ainda exista a possibilidade de recursos.

para 88,2 milhões<sup>7</sup>. Vídeos e fotos migram dos equipamentos tradicionais e álbuns físicos para o *YouTube* (*site* que permite aos usuários compartilhar vídeos em formato digital, fundado em fevereiro de 2005) e álbuns virtuais, como o *Flickr* ou *Multiply*. As mobilizações de rua foram parar nas Redes Sociais formando os ciberativistas<sup>8</sup>. Verifica-se, portanto, que esta é a era da informática e da mobilidade. Em artigo publicado em 2004, na revista Eletrônica *Razon Y Palabra*<sup>9</sup>, André Lemos afirma:

A era da conexão é a era da mobilidade. A internet sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público (onde estamos quando nos conectamos à internet em uma praça ou quando falamos no celular em meio à multidão das ruas?), a privacidade (cada vez mais deixaremos rastros dos nossos percursos pelo cotidiano), a relação social em grupo com as *smart mobs* etc. As novas formas de comunicação sem fio estão redefinindo o uso do espaço de lugar e dos espaços de fluxos. (LE MOS, 2004, ed. 41)

O texto aborda a questão do acesso simplificado à rede mundial de computadores e como ele modificou a vida das pessoas. Lemos comenta as práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura e como elas têm transformado a cultura atual em cultura da mobilidade. As sociedades, desde sempre, sofreram mutações em suas formas de viver e de se relacionar com o mundo. Neste estudo se aproveitam os mesmos exemplos usados por Lemos: as territorializações e desterritorializações, as práticas nômades e tribais, tanto em termos de subjetividade como de deslocamentos, a reconfiguração dos espaços urbanos. Afinal, a inovação tecnológica promoveu interações e as mudanças no espaço público.

O autor diz ainda que, hoje, a mobilidade é característica importante para a realização de diversas atividades. A pesquisa concorda que, entre estas atividades, está a mobilização social por meio das redes digitais. Isto tem sido possível, atualmente ainda mais, por conta da acessibilidade via telefones celulares, *smartphones*, *tablets* etc. Movidos pela vontade e munidos com tais aparelhos, manifestantes podem estar em qualquer lugar para ter acesso aos acontecimentos e a eles se unirem, caso desejem. O usuário não precisa mais ir até os pontos

---

<sup>7</sup> [www.g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html](http://www.g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html) — acessado em 11/02/2013.

<sup>8</sup> A definição de ciberativismo usada por Silveira (2010) identifica-o como o conjunto de práticas realizadas em redes cibernéticas em defesa de causas específicas, sejam elas políticas, ambientais, sociotécnicas etc.

<sup>9</sup> [www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemos.html](http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemos.html), acessado em 11/03/2013.

de Internet, como afirma Lemos, (2004) “as cidades contemporâneas estão vendo crescer zonas de acesso à internet sem fio (*wi-fi*)”.

A Internet móvel, também cada vez mais presente, parece se encaixar de forma perfeita no dia a dia das pessoas que procuram se mobilizar, pois têm, segundo Lemos, as características de:

Serem abertas e crescerem onde reina a igualdade (a massa formada é aberta *a priori*, constituída de indivíduos que não pertencem ao mesmo grupo e que vão exercer o sentimento de igualdade juntando-se); Elas são rítmicas (vão no movimento da convocação — por SMS, *e-mails*, *blogs* — onde *la densité est consciemment structurée par esquivé et rapprochement*); Elas são rápidas. (LE MOS. 2004)

André Lemos (2004) fala, das “massas políticas, desportivas e guerrilheiras, que são bem rápidas. Muito diferentes das massas religiosas e dos peregrinos, cujo objetivo está na distância”. Concordando com o autor, entende-se que o uso das tecnologias de conexão sem fio contribui para a formação e aumento destas massas citadas por Lemos. Cada tecnologia criada modifica algumas dimensões da inter-relação entre pessoas, da percepção da realidade, da interação com o tempo e o espaço. Antes, o telefonema interurbano — por ser caro e demorado — era usado apenas em casos extremos. A evolução das telecomunicações e a redução no tamanho dos aparelhos permitiram uma mobilidade inimaginável alguns anos atrás, facilitando os processos de comunicação. Pode-se alcançar ou fazer conexões com a Internet de qualquer lugar, sem depender de cabo ou rede física.

A Internet é uma imensa máquina de fazer contato e de trocar informações. Muitas mobilizações estão se originando dentro dela — por exemplo, os *flashmobs*, manifestações-relâmpago, sem cunho político, nas quais pessoas desconhecidas marcam, via rede (*blogs*, celular com uso de voz ou SMS), uma reunião em locais públicos, para fazer uma apresentação (de dança, canto ou para tocar instrumentos) e se dispersar rapidamente.

Os ambientes cibernéticos não são perfeitos ou maravilhosos. Nem sempre movimentam apenas boas pessoas para boas causas, pelo contrário. A Internet pode, por outro lado, causar distanciamento da realidade e incentivar as “ vaidades ” de cada indivíduo —

afinal, qualquer pessoa publica qualquer coisa a qualquer momento. Como diz Andrew Keen<sup>10</sup>, as imensas possibilidades provocadas pela Internet são como uma “grande sedução”.

A revolução da *Web 2.0* disseminou a promessa de levar mais verdade a mais pessoas — mais profundidade de informação, perspectiva global, opinião imparcial fornecida por observadores desapaixonados. Porém, tudo isso é uma cortina de fumaça. O que a revolução da *Web 2.0* está realmente proporcionando são observações superficiais do mundo à nossa volta, em vez de análise profunda, opinião estridente, em vez de julgamento ponderado. (KEEN, 2009, p.19)

As Redes Sociais têm sido uma importante ferramenta de articulação para os Movimentos Sociais e políticos ao redor do mundo. A Primavera Árabe<sup>11</sup> e o *Occupy Wall Street*<sup>12</sup> são bons exemplos desses fenômenos. Andrew Keen afirma que as Redes Sociais *online* representam a transformação das formas de comunicação e informação comparáveis somente às mudanças ocorridas durante a Revolução Industrial, no século XIX. Contudo, garante Keen, “essas alterações nas formas de se comunicar estão nos fragilizando, desorientando e dividindo” (2012). Segundo o autor, a superexposição das pessoas nestes ambientes significa abdicar da privacidade, da vida própria e da intimidade, submetendo-se ao contínuo escrutínio público, nem sempre bem orientado e livre de preconceitos, como Keen afirma, “estamos nos tornando esquizofrênicos — a um só tempo desligados do mundo, porém de uma forma irritantemente onipresente”. (KEEN. 2012. p. 22)

Nesse mundo transparente, estamos ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, a irrealidade absoluta é a presença real; o totalmente falso é também o totalmente real. Isso, percebi, era o retrato mais verdadeiramente falso da vida conectada do século XXI. (KEEN. 2012. p. 22)

Sérgio Amadeu da Silveira (2010, p.31) afirma que o ativismo “influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de

---

<sup>10</sup> Andrew Keen é um dos empreendedores pioneiros do Vale do Silício. Seus artigos sobre mídia, cultura e tecnologia digital são publicados nos periódicos *Los Angeles Times*, *The Wall Street Journal*, *The Guardian*, *The Independent*, *Forbes*, entre outros.

<sup>11</sup> Nome dado à onda de protestos, revoltas e revoluções populares contra governos do mundo árabe que eclodiu em 2011. A raiz dos protestos é o agravamento da situação dos países, provocado pela crise econômica e pela falta de democracia. Principais países envolvidos: Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmen e Barein.

<sup>12</sup> Movimento contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas — sobretudo do setor financeiro — no governo dos Estados Unidos. Iniciado em 2011, em Nova York, ainda continua denunciando a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial. Já existem movimentos Occupy por todo o mundo.



comunicação utilizados na conformação da Internet”. Ou seja, o ciberativismo é próprio e essencial à internet.

Por causa da ampla utilização das Redes Sociais digitais e sua grande importância na atualidade, este estudo vai tratar de como os Movimentos Sociais se formam e se fortalecem nestes ambientes, trazendo algumas mudanças para o âmbito real. Pretende mostrar, sob o ponto de vista desta pesquisadora, o retrato dos Movimentos Sociais e como acontecem por meio da Internet. Observará como o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa foi disseminado até alcançar milhares de pessoas, motivando o engajamento delas na causa. Em função do grande alcance das Redes Sociais e do aumento da utilização delas para fins específicos, o estudo também pretende mostrar que as mobilizações na Internet possibilitaram a aprovação mais rápida da lei da Ficha Limpa (Capítulo 4), e como os usuários do *Facebook* e do *Twitter* tiveram participação decisiva na tramitação no Congresso Nacional da lei de iniciativa popular, provocando mudanças na forma de candidatura aos cargos eletivos do país.

## DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A lei da Ficha Limpa, assim nomeada por causa do movimento de mesmo nome que deu origem ao projeto de Lei de iniciativa popular, é um grande exemplo da força que uma nação unida em torno de um objetivo pode alcançar. O Brasil, segundo o *site* Info Exame<sup>13</sup>, é o quinto país com maior número de pessoas conectadas na Internet. Assim, com os novos tempos, chamados de modernidade, pós-modernidade ou modernidade líquida, como denomina Bauman (2004), as Redes Sociais digitais<sup>14</sup> crescem fomentando as relações entre pessoas, estando elas juntas ou separadas, próximas ou distantes.

As relações pessoais, sociais e econômicas, ou seja, as Redes Sociais físicas<sup>15</sup>, antes diretamente dependentes da proximidade e da localidade, se tornaram mais flexíveis. Hoje

---

<sup>13</sup> [www.info.abril.com.br](http://www.info.abril.com.br), acessado em 12/02/2013.

<sup>14</sup> *Sites* que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em relacionamentos. Redes interpessoais existentes através da comunicação mediada por computador. (AGUIAR, Sonia) [www.sitedaescola.com](http://www.sitedaescola.com), acessado em 28/10/2013.

<sup>15</sup> Redes pessoais e familiares representadas pelas trocas de recursos materiais e informações, bem como formação de laços ou conexões sólidas entre pessoas ou grupos. (FAZITO, Dimitri). [www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_Fazito\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf), acessado em 28/10/2013.

não é necessário estar no mesmo local para manter relacionamentos dentro dos limites aceitáveis de conduta ou moralidade. Dessa forma, o indivíduo se torna cada vez mais apto a escolher “livremente” seus laços e as Redes Sociais que deseja integrar. Assim, com todas as mudanças perpetradas no mundo ao longo dos últimos anos, percebe-se a necessidade de estudar os novos fenômenos de comunicação entre as pessoas.

A maior parte dos seres humanos integra *um grupo social físico*<sup>16</sup>, ou seja, grupo com o qual se convive diariamente no ambiente presencial. No entanto, por motivos diversos, essas mesmas pessoas também podem integrar grupos formados na Internet — no caso deste estudo, no *Facebook* e no *Twitter*<sup>17</sup>, cujo histórico veremos no Capítulo 2. Estes grupos passaram a ter grande importância na hora de agregar pessoas com os mesmos interesses. Podem ainda ser compostas por comunidades engajadas em cooptar membros para movimentos e causas sociais. Os participantes, geralmente simpáticos às causas, aderem aos grupos ou eventos, participam das discussões, das combinações de ações, atividades e locais onde a causa poderá ser vista e as pessoas ouvidas. O objeto deste estudo, o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa, embora não tenha nascido nas Redes Sociais digitais, ganhou força e visibilidade decisivas por meio destas.

Entende-se, portanto, que mobilizações contra ou a favor de alguma causa podem nascer nas Redes Sociais digitais como forma de sensibilizar e unir pessoas em torno de um tema interessante. Estas mobilizações conclamam por participações, recebem adesões e quando conseguem, partem para as ruas, onde buscarão colocar em prática o discurso da internet e os seus objetivos iniciais.

Este momento vivenciado pela sociedade, de ver os Movimentos Sociais se expressarem via Redes Sociais digitais, demonstra a utilização do ideário de liberdade de expressão, transformação imediata na política e emancipação social. Mesmo com toda a timidez destes movimentos há expectativas de mudanças das crenças e valores atuais. Demonstra também que mesmo em pequenas proporções frente à população mundial, já existe

---

<sup>16</sup> Grifo nosso para diferenciar Redes Sociais físicas (nosso ambiente do dia a dia) das Redes Sociais digitais ou *online*.

<sup>17</sup> O *Facebook*, mais popular rede social da história, surgiu na Universidade de Harvard (EUA). Seu nome foi uma homenagem do criador ao apelido do livro de fotos e dados dos estudantes das universidades americanas. O *Twitter* nasceu da combinação de mensagens instantâneas com os status dos amigos do criador no *AOL Instant Messenger*, para que pudessem ler as atualizações dos amigos a partir de qualquer lugar com acesso à Internet.

uma consciência social crítica capaz de se rebelar contra um sistema político-eleitoral defasado e repleto de representantes cujos interesses são pessoais e não coletivos.

As Redes Sociais digitais tendem a crescer e transformar os movimentos nelas originados em ferramentas cada vez mais utilizadas. No entanto, isso só será possível com auxílio de um sistema de informações, das instituições públicas, transparente e facilitado. Essa realidade, quando alcançada, poderá complementar as ações dos Movimentos Sociais, ajudando pessoas a se unirem para que o Estado conte com instrumentos como a Lei Complementar 135/2010, a lei da Ficha Limpa.

Sabe-se que mobilizações nas redes não irão resolver nem emancipar, por si sós, as questões sociais. Nem o desenvolvimento tecnológico dissolverá, *per si*, os problemas das sociedades. Entretanto, desde a popularização da Internet, as relações sociais (e comerciais) começaram a não precisar muito mais do espaço físico e geográfico para acontecerem. Elas fluem independentes do tempo ou do espaço. As relações em uma rede física refletem a realidade das pessoas e do ambiente ao redor. A influência sofrida por seus atores repercute diretamente no comportamento das comunidades e no seu dia a dia. A representação da realidade e a interpretação das relações nas redes digitais não estão ligadas ao cenário físico, por isso acredita-se que os Movimentos Sociais, sejam eles quais forem, podem auxiliar na transformação de atitudes. Eles não mudam as matrizes culturais de forma rápida e eficiente, mas podem ser os pilares da construção do futuro.

Buscando apoio nessa afirmação e aplicando a questão da influência direta do cenário no comportamento dos usuários das Redes Sociais, foi escolhido como objeto de estudo o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa e seu desenvolvimento até que a lei de mesmo nome fosse aprovada pelo Congresso Nacional, modificando e melhorando a formatação das eleições no Brasil, para moralizar as casas legislativas federais, estaduais e municipais.

## **JUSTIFICATIVA**

Desde os primórdios da existência humana, a comunicação entre os seres se destina a expressar suas necessidades e emoções, bem como para estabelecer relacionamentos. Segundo

a tese de doutorado de Eliana Marina Faria, da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>18</sup>, “os seres humanos se comunicam através da linguagem verbal (símbolos verbais) e a linguagem analógica (não verbal) nas quais se transmite o conteúdo e se expressa a relação, produzidos num processo de interação”. Ela afirma ainda que os “seres humanos expressam suas necessidades como objeto de sentido e de significados, que se exterioriza em cada processo relacional”. Esta pesquisa acredita que a comunicação passou por grandes transformações ao longo dos tempos. A fase em que estamos é privilegiada pelas tecnologias desenvolvidas ao longo dos séculos, presentes em quase todos os tipos de comunicação. As barreiras que o tempo e o espaço impunham à chegada de informações em localidades mais distantes foram paulatinamente superadas, cedendo lugar à velocidade e aproximando-as, não geograficamente, mas virtualmente.

Os meios de comunicações digitais hoje oferecem a possibilidade de diálogos e repasses de informações com pessoas de todos os cantos do mundo, sem a necessidade de cruzar oceanos em navios ou aviões. A facilidade antes proporcionada pelo telefone, fax ou telex, e mais tarde com a web de conexão discada, hoje foi superada e melhorada. Em décimos de segundo entrega-se uma mensagem via banda larga e demais formas de conexões velozes. Lemos (2004) compreende que a nova realidade, o uso da Internet, tem como consequência o “nomadismo eletrônico em meio ao espaço urbano de aço e concreto. Em meio ao individualismo e a formas de privatização do espaço público”.

Estas mudanças começaram ainda nos anos 1990, com maior acesso de pessoas aos *e-mails*, *chats* e *blogs*. Os usuários da *web* começaram a estabelecer vínculos maiores com as diversas comunidades de seu interesse, para além daquelas que já conviviam no cotidiano. A Internet e os sistemas de mensagens permitem trocar informações e conhecimentos de forma mais rápida e segura, proporcionando, assim, que os internautas possam compartilhar interesses em comum. Essas trocas de mensagens e a criação de páginas que proporcionavam relacionamentos impulsionaram a criação das Redes Sociais digitais como o *Orkut*, *LinkedIn*, *Flickr* e outros, cujas origens e histórias serão tratadas no Capítulo 2. Entretanto, aqui o foco é o *Facebook* e também o *Twitter*, as duas Redes Sociais mais utilizadas pelos brasileiros de todas as faixas etárias e também por corporações de todos os tamanhos na atualidade.

---

<sup>18</sup> [www.repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76532](http://www.repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76532), acessado em 28/10/2013.

O livro *Sociedade e Interação: Um estudo das diferentes formas de interagir*, de Christina Sêga (2011), cita Marcel Mauss (1988) que estudou a interação nas comunidades e sociedades arcaicas e primitivas da Polinésia e Melanésia e verificou que nelas a cooperação se processa por práticas sociais existentes. O ponto crucial do seu trabalho fundamenta-se no sistema da troca e da dádiva nas sociedades arcaicas — o ato de “dar”. O texto diz: “na troca há um grande número de atividades ou práticas sociais, aparentemente heterogêneas, mas que interagem entre si, tendo como princípio e fim os atos de *dar e receber*” (SÊGA, 2011, p. 8).

A definição generalizada de sociedade pode ser entendida como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas ou sistema de símbolos, valores e normas, como também é um sistema de posições e papéis. Uma sociedade é uma rede de relacionamentos sociais. A origem da palavra sociedade vem do latim *societas*, que significa associação amistosa com outros. Já na concepção de Karl Marx<sup>19</sup>, uma sociedade heterogênea é constituída por classes sociais que se mantêm por meio das ideologias dos que possuem o controle dos meios de produção, ou seja, as elites.

Cita-se Marx e apropria-se, neste caso, de suas ideias para utilizá-las nesta pesquisa. Hoje, constata-se que a integração do indivíduo à sociedade é realizada principalmente por meio das tecnologias<sup>20</sup> desenvolvidas, onde a informação chega facilmente à sociedade de massa<sup>21</sup>, cuja origem se deu no século XIX, por meio da industrialização. Durante aquele período, as pessoas começaram a deixar os campos e pequenas cidades, concentrando-se nos grandes centros urbanos, atraídas por itens de conforto como transporte, iluminação pública, alimentos industrializados, utensílios domésticos, maiores oportunidades de emprego e novas formas de entretenimento. Com o inchaço das grandes cidades, as populações se tornaram

---

<sup>19</sup> O Capital, conjunto de livros escrito a partir de 1867 e publicado pela primeira vez no Brasil em 1960.

<sup>20</sup> José Carlos Teixeira da Silva, doutor em Engenharia de Produção da Escola Politécnica da USP, no artigo *Tecnologia: novas abordagens, conceitos, dimensões e gestão conceitual*: “Tecnologia é um sistema através do qual a sociedade satisfaz as necessidades e desejos de seus membros. Esse sistema contém equipamentos, programas, pessoas, processos, organização, e finalidade de propósito”. [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132003000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132003000100005&script=sci_arttext). Acessado em 28/10/2013.

<sup>21</sup> A expressão “sociedade de massa” foi criada no século XX para designar um tipo de sociedade marcada pela produção em grande escala de bens de consumo, pela concentração industrial, pela expansão dos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, publicações impressas e, hoje, pela rede de computadores), pelo consumismo desenfreado, pelo conformismo social e pela ação da publicidade, que induz comportamentos consumistas e não de cidadãos dotados de espírito crítico. Adaptado de: ORTEGATI, Cássio. *Sociedade de massa*. In: BOBBIO, N.; Matteucci, N. e PASQUINO, G. Dicionário de política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986. p. 1211-3.

amorfos e sem identidade própria. Com isso, passaram buscar grupos onde pudessem interagir e com quem tivessem interesses em comum.

Segundo Lemos (2004), vive-se hoje em um ambiente sociotécnico pós-industrial e com isso pode-se observar as profundas modificações que o espaço urbano sofreu ao longo dos tempos, nas formas sociais e nas práticas de cibercultura. Com o surgimento das mídias sociais, cujo conteúdo é construído de forma mais livre e independente do crivo editorial das empresas de comunicação tradicionais, a pesquisa acredita que as pessoas se sentiram melhor representadas. As mídias sociais buscam suprir as necessidades de interação e informação desde antes do surgimento das mais sofisticadas ferramentas de uso *online*, como as Redes Sociais digitais e *blogs*, de acesso facilitado pela supressão dos códigos de programação como o Java<sup>22</sup>.

Além de permitir a livre produção e distribuição de conteúdo colaborativo em todos os ambientes sociais, com custo reduzido e oportunidade de repassar informações sem a dependência dos grandes grupos empresariais, a mídia social, hoje, facilita a interação. Esses fatores transformam a história e o entendimento da sociedade em relação aos conteúdos, modernizando as formas de vivência.

Sociólogos em geral tendem a traçar um paralelo entre sociedade e modernidade<sup>23</sup>, enfatizando que o conceito de sociedade é ambíguo, tanto por designar uma associação entre pessoas, quanto por poder traduzir um sistema específico de relações sociais. No entanto, à medida que as modificações sociopolíticas foram ocorrendo, surgiram novas hierarquias sociais e movimentos ligados a elas. Para atingir as sociedades de massa<sup>24</sup>, surge no século XX a comunicação de massa — processo industrializado de produção e distribuição de mensagens culturais transmitidas via veículos mecânicos (elétricos/eletrônicos), com o objetivo de informar, educar, entreter ou persuadir, promovendo a integração. No entanto, nas

---

<sup>22</sup> Linguagem de programação e plataforma de computação lançada pela primeira vez pela Sun Microsystems em 1995. É a tecnologia que capacita muitos programas da mais alta qualidade, como utilitários, jogos e aplicativos corporativos, entre muitos outros, por exemplo. O Java é executado em mais de 850 milhões de computadores pessoais e em bilhões de dispositivos em todo o mundo, inclusive telefones celulares e dispositivos de televisão. ([www.oracle.com](http://www.oracle.com))

<sup>23</sup> No Manifesto Comunista, Marx afirma que modernidade é a época do conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas — incluindo aí as ciências —, incentivadas e criadas pela burguesia, e as relações de produção e de propriedade — incluindo aí o conjunto de normas éticas e costumes morais — que fundamentam e caracterizam o sistema de vida burguês.

décadas recentes, estes meios de comunicação, tidos como tradicionais, começaram a ver sua credibilidade contestada, processo que se deu muito em função do surgimento das mídias sociais. Atualmente as Redes Sociais, por ostentarem um perfil mais criativo — aparentemente menos decadente e mais desafiador —, passaram a influenciar as sociedades e angariar adeptos por todo o mundo, inclusive sendo utilizados pelos veículos mais tradicionais de comunicação.

Nas Redes Sociais físicas, os fatores humanos e reais estão concentrados nos grupos. Nelas são promovidas interações entre pessoas que convivem próximas, comungam ideias, posicionamentos e anseios em comum. Nas Redes Sociais digitais ocorre a união dos mais diversificados perfis de pessoas, porque as barreiras geográficas deixam de existir. A comunicação entre pessoas de línguas, culturas e até mesmo de países diferentes é possível e eficaz. A facilidade de comunicação e interação entre pessoas conectadas auxilia no compartilhamento de informações e interesses mútuos. Ajuda na aproximação entre os mais diferentes personagens da vida cotidiana. Mas pode, por outro lado, produzir uma falsa impressão de proximidade, levando a situações constrangedoras, como o caso de um aluno que, por se sentir muito ligado a um professor pelas Redes Sociais digitais, insiste em se aproximar do mestre em momentos inconvenientes.

As Redes Sociais *online* conquistam cada vez mais espaço nas diversas esferas da sociedade, indo muito além da academia ou da ciência — fato que se tornou possível em função da criação do software social, que une recursos tecnológicos e gera uma página onde os determinados grupos convidam amigos, conhecidos, sócios, clientes, fornecedores e outras pessoas de seus contatos para participarem da sua rede.

Para Recuero (2009), as Redes Sociais podem ser emergentes — onde os laços sociais se estabelecem a partir da interação de seus atores — ou associativas, nas quais tais laços ocorrem por relações de pertencimento. Portanto, entende-se aqui que a articulação de qualquer movimento nas Redes Sociais *online* facilita a disseminação de conteúdo e a visibilidade que uma informação ganha nas redes de cada indivíduo. No ciberespaço (área das redes de computadores interligadas), as pessoas agrupam-se baseadas em afinidades e não por imposição geográfica. Organizam-se em comunidades que interagem no território virtual de modo ágil e isento dos obstáculos impostos pela geografia no mundo físico. Com isso, as Redes Sociais digitais possibilitam a chegada mais veloz de conteúdos. Aqui, neste caso, facilita as mobilizações em prol de uma causa política, propagando-as para outros ambientes como os meios de comunicação e as instituições democráticas.

Partindo dos elementos apresentados, torna-se mister analisar o surgimento e desenvolvimento do movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa, verificando a atividade nas Redes Sociais até que o projeto de lei fosse aprovado. As Redes Sociais digitais, antes utilizadas apenas para entretenimento, começam a assumir funções diversas e importantes, como informar e auxiliar o fortalecimento das relações afetivas, sociais e profissionais, no cotidiano dos usuários de Internet.

Dados divulgados no primeiro semestre de 2012, sobre a utilização da Internet<sup>25</sup> mostram:

- As Redes Sociais são o quarto maior interesse dos usuários de Internet;
- Se o *Facebook* fosse um país, teria a população maior que dos Estados Unidos, Brasil, Rússia e Japão combinados (955 milhões de usuários ativos, dados de agosto de 2012);
- O *Facebook* (ganhou cerca de 100 milhões de usuários em nove meses) cresceu mais rápido do que a televisão (50 milhões em 13 anos), o rádio (50 milhões em 38 anos) e a internet (50 milhões em quatro anos);
- Brasil é o segundo país onde o *Twitter* mais cresce. Só em junho de 2010, mais de 93 milhões de pessoas com mais de 15 anos acessaram o *Twitter*<sup>26</sup>.
- A Wikipédia, largamente utilizada como base de consulta para os diversos segmentos da sociedade, possui mais de 13 milhões de artigos em 260 idiomas;
- São postados, em média, 156.23 artigos na Wikipédia por hora;
- Existem 133 milhões de *blogs*, onde se postam 900 mil textos por dia;
- Somente em 2012, o *YouTube* atingiu a marca dos 75 bilhões de vídeos rodados;
- Desde abril de 2011, o *Twitter* aumenta cerca de 20 milhões de usuários por mês;
- O *Flickr* possui mais de 3,6 bilhões de imagens armazenadas em seus servidores.

## **OBJETIVOS GERAIS**

---

<sup>25</sup> [www.E-Consultancy.com](http://www.E-Consultancy.com), acessado em 03/08/2012.

<sup>26</sup> [www.blogdoecommerce.com.br/fatos-sobre-twitter/#sthash.rmuJvzO.dpuf](http://www.blogdoecommerce.com.br/fatos-sobre-twitter/#sthash.rmuJvzO.dpuf), acessado em 23/07/2013.



Devido à escassez de pesquisas acadêmicas mais complexas e ao acesso reduzido a estatísticas que demonstrem a influência das Redes Sociais digitais nos Movimentos Sociais, procura-se identificar a trajetória do movimento Ficha Limpa e qual foi o papel das Redes Sociais digitais para que o projeto de iniciativa popular chegasse angariasse o número de assinaturas necessárias e fosse levada ao Congresso Nacional. Pretende-se ainda verificar como os usuários das redes *Facebook* e *Twitter* se mobilizaram para que a lei Complementar 135/2010 — Ficha Limpa — fosse aprovada no Congresso Nacional, modificando a realidade política do país, com a criação de novas e mais rigorosas regras de elegibilidade para os mandatos populares.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Descobrir qual a influência das Redes Sociais digitais nos Movimentos Sociais envolvidos com o Ficha Limpa.
- Analisar o processo de construção e montagem do movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa fora e dentro das redes digitais, citando alguns outros Movimentos que se proliferaram na Internet no ano de 2013.

### **METODOLOGIA**

A construção do saber passa por diversos momentos. Um deles é a não compreensão verdadeira, ou não conhecimento, do objeto de estudo ao qual se pretende avaliar. Observando a realidade dos dias atuais, percebe-se o surgimento da cultura de não conformismo com as estruturas de governo e com a corrupção. E isso tem sido cultivado também por meio das Redes Sociais digitais. Para esta pesquisa, a construção do saber vem junto com a evolução do objeto de estudo, que é dinâmico e relativamente novo, o Movimento Social dentro das Redes Sociais *online*

No fundo da prática científica existe um discurso que diz: “nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nossa mão para desvelada. A nós cabe achar uma boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessário, pois de qualquer maneira ela está presente em todo lugar”. Mas achamos também e de forma tão profundamente arraigada na nossa civilização, esta ideia que repugna à ciência e à filosofia: que a verdade, como o relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra, mas para produzir. (FOUCAULT. 2006. p. 113)

Em 1918, Max Weber (2001) descreveu a busca do seu próprio método de pesquisa. Ele criou o conceito de tipos ideais e questionou o entendimento de um fato por uma

sociedade. Procura-se nesta pesquisa, estabelecer, assim como Weber, uma forma própria de montar o processo de pesquisa. Pretende-se observar que, a partir de determinado fenômeno, o objeto de estudo, que é a lei da Ficha Limpa, será abordado por meio da pesquisa histórica e documental. Procurando se ater ao período desde que o movimento iniciou até ganhar força na sociedade e ser aprovada como uma lei que pretende moralizar a escolha dos representantes políticos do país.

Entende-se aqui que o cientista social deve conquistar sua individualidade, obviamente calcado em teorias formuladas anteriormente, mesmo para apresentar sua discordância. Sua observação deve ser composta de elementos empírica ou cientificamente testados, para confirmar ou refutar sua hipótese, refletindo sobre temas inéditos. No desenvolvimento deste trabalho, acreditou-se que o objetivo ideal não é aquele que apenas existe, mas que pode servir de modelo para a análise de novos casos, referenciar novos estudos e sobreviver ao fim.

Analisar os fenômenos sociais mais complexos pode induzir a pesquisa a criar modelos ideais e construir, a partir de um ambiente “inexistente” fisicamente — o ciberespaço —, uma realidade onde as pessoas, determinadas a mudar a realidade, se organizam e se unem no mundo físico para articular Movimentos Sociais de combate ao errado, ao corrupto, ao desumano, ao desigual, ao ambientalmente nocivo etc.

Não é fácil encontrar respostas para os anseios do saber. Algumas inquietações formulam questões complexas demais para o entendimento absoluto, principalmente nas ciências sociais, onde os objetos se modificam mais rapidamente. Todo o conhecimento que se pode obter carrega valores próprios, dificultando a compreensão homogênea. Todas as ciências se caracterizam pela utilização de métodos científicos, mas nem tudo que emprega método pode ser considerado ciência. Método é o caminho para se chegar a um fim. Assim sendo, o método científico é o caminho para o conhecimento científico. Em outras palavras, o método é:

O conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo — conhecimentos válidos e verdadeiros — traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.<sup>27</sup> (LAKATOS, MARCONI. 1991. P.83)

As ciências sociais procuram conhecer a própria experiência humana; assim sendo, tentou-se não conduzir o estudo por meio de valores culturais individuais nem inserir

---

interesses próprios na análise. Buscou-se edificar uma pesquisa e desenvolver uma metodologia, percorrendo os mais diversos caminhos até conseguir obter os resultados necessários para finalizar o estudo, mas não sem antes compreender que:

Essa história de idealismo, de pesquisa pura, da busca pela verdade em todas as suas formas, está tudo muito bem, mas chega uma hora que você começa a desconfiar, que, se existe uma verdade realmente verdadeira, é o fato de que toda infinidade multidimensional do Universo é, com certeza quase absoluta, governada por loucos varridos. (ADAMS, 2009 [1979], p. 190).

O texto de Douglas Adams utilizado na página inicial do livro *Métodos de Pesquisa para a Internet*, de Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), ajuda a confirmar a ideia de que, quando se fala a respeito de cibercultura, tudo é ainda muito novo, meio louco, sem normas, num ambiente infinito e com inúmeras possibilidades de assuntos para pesquisadores de todas as áreas.

Para a realização desta pesquisa, as observações e técnicas empíricas foram largamente utilizadas. Planejou-se utilizar estes métodos para evoluir no assunto novo com técnicas antigas e retornar ao meio tradicional de pesquisa sem abandonar as novas teorias. No entanto, existem várias formas de se estudar as Redes Sociais para construir este estudo. Como disseram Fragoso, Recuero e Amaral (2011), “trata-se não de um único, mas de uma compilação de métodos que podem traduzir um pouco da perspectiva desenvolvida nesse texto, que é baseada em premissas da Análise de Redes Sociais (ARS)” (2011, p. 115). É seguindo a premissa dos diversos métodos existentes para estudar as mídias sociais e, por conseguinte, as Redes Sociais digitais, que a pesquisa observativa tornou-se necessária.

Esta metodologia não intencionou ancorar-se somente em manuais ou estudos já publicados, para não se tornar repetitiva e irrelevante. Outros trabalhos serviram de referência, mas o maior objetivo foi desenvolver esta pesquisa de forma que, a partir do método dedutivo, se pudesse responder ao questionamento chave. Dúvidas são um acontecimento normal durante o processo, mas as questões e dificuldades que surgiram durante o caminho da pesquisa foram enriquecedoras, pois estimularam a investigação. A inquietação frente aos fatos trouxe benefícios para a construção deste estudo.

A pesquisa aborda a interferência das Redes Sociais nos Movimentos Sociais envolvidos com o Ficha Limpa, identificando os pontos positivos (se o movimento que gerou a lei da Ficha Limpa foi realmente fortalecido pelas participação dos usuários das Redes Sociais digitais, ao ponto de pressionar o governo a aprová-la) e os pontos negativos (se as pessoas realmente tomaram conhecimento do que se tratava ou se as Redes Sociais digitais apenas foram uma ferramenta de compartilhamento, mas não de engajamento no assunto).

Seguindo as normas de pesquisa de Fragoso, Recuero e Amaral, uma das ARS utilizadas foi a análise das páginas e das Redes Sociais durante seis meses. Após a coleta dos dados e análises, as informações foram analisadas para se chegar ao resultado. Para complementar a pesquisa, buscou-se entrevistar alguns dos integrantes do movimento. Para definir esta ação com base teórica utiliza-se o pensamento de Lopes:

Defino metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e de opções pelo investigador que estruturam a investigação e, em fases, cujas operações metodológicas se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico. (LOPES, 2010, p. 27).

Ao longo do processo de desenvolvimento a pesquisa buscou, a partir de métodos e caminhos próprios, chegar a resultados interessantes também para outros pesquisadores. Como opção metodológica de pesquisa, os métodos utilizados para a elaboração da dissertação foram os de documentação (pela técnica de pesquisa bibliográfica, utilizando jornais, revistas, Internet, autores da comunicação e da cibercultura, porque estas ferramentas possibilitaram resultados mais confiáveis para a pesquisa).

A classificação foi a da pesquisa observativa do objeto, pois somente a partir dele pôde-se perceber se havia influência das Redes Sociais nos Movimentos Sociais. Seguiu-se um plano de trabalho exequível, objetivando encontrar nos conceitos e teorias bases sólidas para o trabalho empírico. Destarte, foram considerados os atores e suas conexões sendo o *Facebook* e o *Twitter* os atores, e as conexões deles, os usuários ativos.

Os autores que compuseram a espinha dorsal teórica foram os pioneiros em estudos das redes e Movimentos Sociais, Manuel Castells, Alain Touraine, Maria da Glória Gohn e Pierre Lévy, bem como Maria Immacolata, Fragoso, Recuero e Amaral, Alex Primo, Francisco Rüdiger, entre outros tantos, que ajudaram a pesquisa a compreender e utilizar as teorias comunicacionais e da cibercultura.

Por fim, a pesquisa foi estruturada em Introdução e mais quatro capítulos:

### **Capítulo 1 — Uma breve história dos Movimentos Sociais**

Aborda os Movimentos Sociais como um todo e suas teorias formuladas desde Marx, Weber, a escola de Chicago e pensadores como Maria da Glória Gohn, que enriqueceram o tema com suas pesquisas e publicações. Faz-se um breve panorama sobre os Movimentos Sociais físicos até a organização dos mesmos na Internet. Trata ainda de temas como ciberativismo e hackativismo como forma de ação nas Redes Sociais.

### **Capítulo 2 — As Redes Sociais digitais e sua transformação ao longo de 20 anos**

As questões da Internet, cibercultura e as principais Redes Sociais digitais desde a origem e o desenvolvimento, até chegar ao objeto de estudo, *Facebook* e *Twitter*, são o foco

deste capítulo. Autores como Castells, Marx, Park, Lévy e outros nos auxiliam com a destreza dos seus importantes estudos. Outras dissertações e artigos encontrados no *Google Academics* também foram utilizados para dar suporte às teorias.

Este capítulo aborda ainda como o ciberespaço passou a ser ambiente para debate de opiniões. Mostra-se como as Redes Sociais são utilizadas de diversas formas, desde o engajamento social até a participação política.

### **Capítulo 3 — Cibercultura e teorias: onde elas se unem**

São tratados, neste capítulo, primeiramente os conceitos de cibercultura e suas teorias. Os autores da comunicação fazem parte da espinha dorsal teórica que compreenderá o primeiro capítulo. São abordados os princípios das redes, com Manuel Castells. Pierre Lévy é um dos principais pensadores utilizados na construção do conceito da cibercultura e como ela se desenvolveu até chegar aos tempos atuais rompendo as barreiras do desconhecimento e do preconceito contra ela. Francisco Rüdiger, Luis Carlos Lopes, Manuel Castells, Theodor W. Adorno, dentre outros, também compõem o capítulo. Encontra-se, aqui, as considerações sobre as obras citadas e suas conexões com o tema da pesquisa, sobretudo tentando aproximar o estudo com as teorias e completando-o com a análise realizada nos capítulos anteriores.

### **Capítulo 4 — O Movimento Ficha Limpa e a Lei aprovada no Congresso Nacional: análises**

Este capítulo tem o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa como objeto principal. Analisou-se a criação, disseminação e trajetória deste movimento nas Redes Sociais digitais até a lei da Ficha Limpa ser aprovada no Congresso Nacional. Realizou-se uma observação mais detalhada do movimento, perfil de alguns participantes, a relevância do *Facebook* e do *Twitter* para disseminação e engajamento de internautas. Como base, utilizou-se dissertações e autores com trabalhos sobre a lei da Ficha Limpa. Outros casos de Movimentos Sociais originados ou fortalecidos na Internet também compuseram o capítulo, fortalecendo e melhorando a pesquisa.

## **CAPÍTULO 1: UMA BREVE HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS**

Para entender as Redes Sociais e melhor compreender os Movimentos Sociais originados e desenvolvidos nos ambientes cibernéticos, é preciso aprofundar-se no tema das mobilizações sociais de forma mais histórica. A ideia de rede nos remete a um pensamento de unicidade, por isso é necessário partir dos conceitos e teorias, conhecer alguns dos movimentos mais importantes ocorridos no Brasil e voltar-se às teorias, sem aprofundar-se

nos estudos de caso puros e simples. Para começar este capítulo, dois estudiosos que muito bem conceituaram os Movimentos Sociais, os sociólogos Alain Touraine (1976) e Manuel Castells (1999), são de grande importância. Os dois estudiosos foram, ao longo do tempo, ajudando a definir e compreender tanto os movimentos quanto as Redes Sociais e suas complexidades.

Para Alain Touraine (1976), Movimentos Sociais são os resultados das lutas de classes. Ele acredita que os povos moldam o futuro por meio de mecanismos estruturais e das suas próprias lutas internas. No livro *Em defesa da Sociologia* (1976), Touraine diz que, para se compreender os Movimentos Sociais, seria necessário considerar as estruturas sociais nas quais eles se manifestam e pensar muito além de valores e crenças. Ele conduz seu pensamento de forma a deixar claro que cada estrutura social tem como cenário um contexto histórico onde há um conflito no terreno das relações sociais, e que tudo depende dos modelos culturais, políticos e sociais.

Na concepção de Touraine, os Movimentos Sociais fariam eclodir os conflitos gerados pela estrutura criadora da contradição entre as classes, sendo uma ferramenta fundamental para a ação inicial com fins de intervenção e mudança de uma estrutura já danificada. Entretanto, mesmo considerando as ideias do autor, é necessário compreender que valores e crenças se modificam em cada estrutura social, por isso não se pode considerar essa postura como sendo universal. As questões sociais estão ainda longe de estarem todas resolvidas, e os Movimentos Sociais por si só representam apenas um passo no processo de emancipação nos diversos grupos da sociedade. A Internet e as Redes Sociais digitais estão em processo de amadurecimento. Elas poderão se tornar ferramentas poderosas na promoção da movimentação social, mas ainda são apenas o aríete a ser usado por algumas camadas com acesso à informação digital.

O termo Movimentos Sociais dá significado aos processos não institucionalizados, aos grupos que os originam, às lutas políticas, às organizações (e lideranças) formadas com o objetivo de transformar, de modo frequentemente radical, a situação vigente, as formas de interação e os grandes ideais culturais. Deve-se a Alain Touraine a reconstrução histórica dos Movimentos Sociais "clássicos" e do seu quadro teórico. O autor escreveu que "os velhos Movimentos Sociais foram associados à ideia de revolução, e esta associação deu origem a uma clara orientação tática para o poder, a violência e o controle". Cita-se, aqui, a Queda da Bastilha, na França; a ocupação de fábricas; e a repressão truculenta da polícia, para justificar a exposição do autor (TOURAINÉ, 1992, p.143) sobre o poder e a violência no comando dos Movimentos Sociais. No entanto, o autor salienta que essas táticas e estratégias refletiam

menos uma realidade social inevitável do que “o pensamento social materialista que norteou a concepção ocidental da sociedade desde o século XVIII”. (TOURAINÉ, 1977, p. 38).

Concordando com o pensador, conclui-se que Movimentos Sociais são fundamentalmente importantes para a sociedade civil enquanto meio de obtenção de melhorias ou sucesso em suas reivindicações. Se as instituições democráticas, como o Congresso Nacional brasileiro, são os fios condutores, os Movimentos Sociais representam as molas propulsoras para as transformações das sociedades. O movimento operário, para Alain Touraine, surgiu como um dos Movimentos Sociais mais reivindicativos do século XIX, por força de como o trabalho operário na sociedade industrial era organizado — ou seja, para gerar mais e mais lucros. Assim, na sociedade industrial e pós-industrial o modo técnico de produzir era inseparável do modo social de produção. (TOURAINÉ, 2006, p.33).

O século XIX pode ser citado como aquele em que os movimentos sociais emergiram no Brasil como fenômenos sociais e, mesmo com a ausência de um sistema estruturado de comunicações, alcançaram grande unidade (Gohn, 1997, p. 18) no período, aglutinando forças sociais — às vezes com interesses discrepantes ou mesmo antagônicos — em torno de lutas comuns. Estes movimentos aconteciam tanto nas zonas rurais quanto urbanas, dadas as características do sistema produtivo do período, que concentrava a produção no campo e a distribuição e o gerenciamento da mão-de-obra nas cidades.

Como afirma Arim Soares do Bem<sup>28</sup>, no artigo *A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o Estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX*, “os movimentos sociais são os indicadores mais expressivos para a análise do funcionamento das sociedades”. E continua seu pensamento: “traduzem o permanente movimento das forças sociais, permitindo identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses e expondo as veias abertas dos complexos mecanismos de desenvolvimento das sociedades.” De fato, cada momento histórico revela suas carências estruturais, focos de insatisfação e desejos coletivos por meio dos seus movimentos sociais. Estes permitem também conhecer o modelo de sociedade dentro da qual se articulam. O Brasil, com pouco mais de 500 anos de história, viveu Movimentos Sociais que ajudam a confirmar o pensamento de Touraine, tais como o

---

<sup>28</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Livre de Berlim e professor adjunto do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CHLA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). *Revista Educação e Sociedade*, acessada em 28/10/2013.

movimento negro, o estudantil, o dos trabalhadores do campo, o feminista, o ambientalista, a luta contra a homofobia e os separatistas do sul do país.

Outros movimentos também podem ser apontados para melhor compreensão da dimensão das mobilizações pelo mundo, como: os marxistas, socialistas e comunistas entre os que transformaram a história, para sempre, a partir de suas ações. Algumas destas mobilizações foram realizadas de forma centralizada apenas em algumas regiões (como no caso dos movimentos separatistas da Europa). Já a luta contra a homofobia e para a proteção do meio ambiente, por exemplo, se expandiram principalmente depois do advento da Internet. A veiculação das notícias passou a romper as fronteiras geográficas de forma mais veloz e menos distorcida graças à facilidade criada pela globalização e pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicação.

Este estudo não vai tratar dos problemas e benefícios gerados pela globalização da economia, pois estão fora do contexto aqui pretendido, mas não exclui a certeza de que ela contribuiu imensamente para a inclusão de pessoas tanto nos meios sociais quanto proporcionou acesso mais facilitado aos ambientes digitais.

Abaixo, as palavras de Alain Touraine demonstram como as sociedades sempre buscaram alcançar algo diferente das suas realidades e, com as novas tecnologias, acabaram encontrando situações muitas vezes inesperadas. Pessoas e classes já tiveram seus interesses e vozes representados pela imprensa tradicional. Hoje, eles estão também em novos veículos, por isso as pessoas aprenderam a conviver com o novo paradigma e o novo desafio: as mídias sociais e sua liberdade.

Durante longo tempo, o ser humano buscou o sentido de sua vida numa ordem do universo ou numa ordem divina, numa cidade ideal ou numa sociedade de iguais, num progresso sem fim ou numa transparência absoluta. Mas, ao longo dos dois últimos séculos, em algum momento os céus esvaziaram-se de suas divindades, trocando-os por guardiões, ditadores, polícias secretas e mesmo, mais recentemente, por publicitários e executivos de grandes empresas. (TOURAINÉ, 2006, p. 122).

Partindo da citação de Touraine, e exemplificando como as pessoas buscam por algo diferenciado em suas existências, surge nos anos 1970 um novo conceito de pacifismo e luta social, o Greenpeace. Um movimento originado no Canadá por desertores norte-americanos da guerra do Vietnã para protestar contra testes nucleares que seriam realizados pelos Estados Unidos em Anchitka Island, no Alasca. Este movimento ganhou o mundo em função da sua bandeira ambiental, de proteção às florestas, contra a caça às baleias e também por causas sociais. No entanto, o principal apelo sempre foi ambiental. Desde os anos 1990, apesar de alguns autores tentarem diagnosticar os Movimentos Sociais como em situação de crise,



destaca-se o *Greenpeace*, que desde então se fortalece perante as sociedades como um movimento social engajado, cuja principal bandeira é o ambientalismo, e por isso angaria simpatizantes em todos os continentes desde que se tornou conhecido e acessível.

### *1.1 O movimento social em favor da ecologia no Brasil e outros casos*

No Brasil, o *Greenpeace*, instituição que se declara independente e sem fins lucrativos, tornou-se conhecido por sua atuação em prol da preservação da Amazônia. Apesar disso, ainda há quem antagonize o discurso e os métodos do movimento, como os proprietários de terras. Nos anos de 2011 e 2012, em razão da votação do Novo Código Florestal Brasileiro, o *Greenpeace*<sup>29</sup>, junto a outras organizações não governamentais como a SOS Mata Atlântica, se engajou, pela Internet, em uma disputa ideológica com a Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Os dois lados patrocinaram, durante meses, uma guerrilha digital travada por meio do *Twitter*, *Facebook* e *blogs*<sup>30</sup> para convencer internautas a darem apoio — ou não — ao texto do novo código florestal. Os grandes produtores acusavam o *Greenpeace* de ser pago para fazer *lobby* de proteção às matas, para que o Brasil continue subdesenvolvido e dependente de países como Estados Unidos e China. O movimento, que diz ser mantido exclusivamente pelos seus mais de três milhões de colaboradores, afirmava que o Brasil estava sendo destruído pelos grandes pecuaristas. A instituição, independente das acusações sofridas, ganha milhares de seguidores nas Redes Sociais todos os meses. O *Twitter* da filial brasileira da Organização Não Governamental (ONG) possuía 641.157 usuários lendo-os diariamente, em agosto de 2013<sup>31</sup>.

Durante os dois anos em que a proposta do novo código florestal esteve na pauta no Congresso Nacional, os interessados na sua aprovação ou no seu veto, ruralistas e ecologistas, mobilizaram centenas de pessoas, compraram programas que soltavam milhares de mensagens por minuto no *Twitter* e montaram equipes<sup>32</sup> para ativar os possíveis formadores

---

<sup>30</sup> Nota da autora, que possui conhecimento empírico da guerrilha digital velada entre agropecuários e ecologistas, por ter participado como estrategista de conteúdo da empresa de comunicação contratada pela Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil.

<sup>31</sup> [www.greenpeace.com.br](http://www.greenpeace.com.br); <https://twitter.com/GreenpeaceBR>

<sup>32</sup> Exemplo de perfil de ativador (falso) em favor do código: [https://twitter.com/meio\\_rural](https://twitter.com/meio_rural).

de opinião para que as mensagens em favor de um lado ou de outro fossem publicadas e, quiçá, influenciassem os parlamentares na hora da votação em plenário. As Redes Sociais foram tão amplamente utilizadas que o tema ganhou destaque no *Twitter* com a *hashtag*<sup>33</sup> #codigoflorestal, sendo um dos mais comentados na rede nos dias de votação da nova lei ambiental.



Exemplos de perfis criados para discutir o Código Florestal na ocasião dos debates

Movimento Social ambiental é conceituado como “novo movimento social” por Maria da Gloria Gohn<sup>34</sup>. Entre esses novos movimentos, ela classifica também a mobilização das mulheres e as campanhas contra a fome, entre outros — sinalizando, *a priori*, um distanciamento do caráter classista que se configurava nos movimentos sindicais e operários em torno do mundo trabalhista de décadas atrás. Entretanto, não quer dizer que não possam assumir posições diferenciadas no decorrer do tempo e dos interesses econômicos e sociais vigentes. Gohn (1997) ensina que os novos Movimentos Sociais são o oposto dos antigos e mais tradicionais por causa das suas práticas e objetivos. Eles não se utilizam das normas e valores herdados do passado. Para ela, os Movimentos Sociais,

Apesar de trabalharem com bases marxistas do conceito, que vê a cultura como ideologia, eles deixaram de lado a ideologia como falsa representação do real. Sabemos que, no paradigma marxista o conceito de ideologia está intimamente associado ao de consciência de classe. Esta última, por sua vez, por ser formada por um processo de conflitos dados pelas estruturas de poder e desigualdades sociais, que o econômico tem prevalência, irá influenciar os conflitos dos movimentos (GOHN, 1997, p. 121-122).

<sup>33</sup> *Hashtags*, segundo a *Wikipédia*, são palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", designando o assunto o qual está se discutindo em tempo real no *Twitter*. Servem também para marcar o tema e posteriormente ser utilizado como índice para monitoramento do assunto.

<sup>34</sup> Professora da Faculdade de Educação da Unicamp e referência no estudo dos Movimentos Sociais.

A autora considera os Movimentos Sociais “ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil”. As ações realizadas por eles partem da criação de temas e problemas surgidos em situações de conflitos, litígios e disputas. Para a professora, “as ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum”. Maria da Glória Gohn explica que esta identidade pode se originar no princípio da solidariedade entre os grupos, e ser “construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo” (GOHN, 1997<sup>35</sup>). Compreende-se, portanto, que os novos Movimentos Sociais desenvolvem ações de acordo com seus interesses para construir suas bases dentro das diretrizes que atendam o coletivo.

Já Manuel Castells (1999) aborda os Movimentos Sociais não somente calcado em sua base acadêmica. Ele se baseia em sua experiência pessoal. O autor participou pessoalmente da resistência contra a ditadura do general Francisco Franco, na Espanha (1939-1976), e também da insurreição dos estudantes e trabalhadores na França, em 1968, integrando o famoso Maio de Paris<sup>36</sup>, a convite de Daniel Cohn-Bendit<sup>37</sup>. Castells afirma que os Movimentos Sociais são “sistemas de práticas sociais contraditórias que acontecem de acordo com a ordem social urbana/rural, cuja natureza é a de transformar a estrutura do sistema, por meio de ações revolucionárias ou não, numa correlação classista e ou pelo poder estatal” (Castells, 1972). Sua experiência pessoal e indignação com os resultados das ações populares resultaram no livro *A Questão Urbana*, escrito no exílio sofrido pelo autor. Sobre a obra ele conclui:

Este livro nasceu do espanto, numa época em que as lutas anti-imperialistas estão varrendo o mundo, quando os movimentos de revolta estão explodindo no coração do capitalismo, quando do reavivamento da classe trabalhadora. (CASTELLS, 1972, p. 1).

---

<sup>35</sup> Livre citação da autora pela pesquisa.

<sup>36</sup> Em Maio de 68, a França concentrou durante 30 dias as transformações sociais que já ocorriam nos Estados Unidos, alguns países da Europa e da América Latina havia uma década. Em 30 dias, os estudantes criaram barricadas, formando verdadeiras trincheiras de guerra nas ruas de Paris para confrontar a polícia. O movimento francês teve início na Universidade de Paris Ouest – Nanterre e rapidamente se expandiu para o centro da capital.

<sup>37</sup> Daniel Marc Cohn-Bendit (4/4/1945) é um político francês, filho de judeus alemães refugiados, membro do partido ecologista Die Grünen. Atualmente, exerce mandato de deputado no Parlamento Europeu e faz parte do Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia. Foi líder estudantil protagonista da famosa movimentação popular em maio de 1968, em Paris.

Observa-se, portanto, que o conceito de Movimento Social refere-se à ação coletiva de um grupo, que tem como objetivo alcançar mudanças sociais por meio do embate político, de acordo com seus valores e ideologias dentro de uma sociedade e de um contexto específicos, permeados por tensões sociais. As ações podem objetivar a mudança ou a transição de uma realidade hostil a certo grupo ou classe. Seja na luta por um ideal ou no questionamento da realidade que se caracterize como algo restrigente ou impeditivo, o Movimento tende a construir uma identidade para a luta e defesa de seus interesses. A partir daí se torna porta-voz do grupo que luta por melhores condições, sejam elas sociais, econômicas, políticas, religiosas etc.

Dentro das sociedades, surgem e se desenvolvem os mais diferentes conflitos. A História revela uma participação significativa da atuação dos Movimentos Sociais na luta pelos direitos dos grupos. Estes conflitos sempre foram — e ainda são — resolvidos pelas instituições por meio de mediações e/ou da repressão, como visto anteriormente na teoria de Alain Touraine.

Gohn afirma que eles são decorrentes de lutas sociais. No entanto, aponta a autora, “eles colocam atores específicos sob as luzes da ribalta em períodos determinados. Com as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade civil e política, eles se transformam” (GOHN, 2000, p. 20). Os Movimentos Sociais surgiram, em grande parte, ao longo do século XIX, na Europa Ocidental, como um novo fenômeno político, ainda fortemente presente hoje. Estes grupos foram chamados de Movimentos Sociais<sup>38</sup>, em função das mudanças estruturais, associadas ao capitalismo e procedentes à Revolução Industrial sobre os quais eles versavam em suas reivindicações.

No caso do Greenpeace Brasil, como citado, o tipo de mobilização que promove é mais no estilo dos novos Movimentos Sociais apresentados por Gohn. Na ocasião da sanção do projeto de lei com o novo código florestal, ambientalistas jogaram na Internet via Redes Sociais, a campanha #vetatudodilma na intenção de chamar a atenção da presidente para que não aceitasse o relatório aprovado no Congresso Nacional. Em maio de 2012, às vésperas da sanção da presidente ao projeto, ativistas do Greenpeace, WWF Brasil e de outros movimentos e organizações sociais, ex-ministros, políticos, estudantes e artistas se

---

<sup>38</sup> [www.passapalavra.info/?p=31230](http://www.passapalavra.info/?p=31230), acessado em 12/02/2013.

mobilizaram para pedir que a presidente Dilma Rousseff optasse pelo veto total. As ONGs ambientalistas promoveram mobilizações nas Redes Sociais<sup>39</sup>, além de vigílias e uma serenata para a presidente. A presidente sancionou a lei com 19 vetos. Os ambientalistas não gostaram e dispararam textos na internet, afirmando que a presidente não cumprira a promessa de preservar as florestas do país.



*Campanha #vetatudodilma, dos ambientalistas e a #naovetadilma, dos ruralistas*

Observa-se, neste caso, que Gohn tem razão ao afirmar que os novos Movimentos Sociais “recusam a política de cooperação entre as agências estatais e os sindicatos, e estão mais preocupados em assegurar direitos sociais — existentes ou adquiridos para suas clientelas” (GOHN. 1997. p. 125). Afinal, o texto do novo código florestal brasileiro, antes de ir ao Congresso para ser votado, passou por grupos de trabalho formados por várias entidades, inclusive governo, interessados na questão ambiental. ONGs, ministérios, Judiciário, sociedade, estudiosos e representantes do Poder legislativo elaboraram o relatório em conjunto. Mas os ambientalistas, depois de o texto pronto, não aceitaram sua aprovação tal como estava, mesmo tendo auxiliado na sua elaboração.

## *1.2 Os Movimentos Sociais e as Redes Sociais*

A História do Brasil tem, em suas páginas, uma diversidade de mobilizações sociais de cunho político, entre as quais é possível citar a Revolução Pernambucana, Trombas e Formoso, a Cabanagem, a Guerra dos Farrapos, a Sabinada, a Balaiada e outros. Todos atestam o fato de que o brasileiro sempre se uniu em grupos para realizar mobilizações

<sup>39</sup> [www.revistabrasileiros.com.br/2012/05/09/o-recado-do-greenpeace/](http://www.revistabrasileiros.com.br/2012/05/09/o-recado-do-greenpeace/), acessado em 07/04/2013.

sociais. Antigamente, estas ações ocorriam à revelia da Coroa Portuguesa. Após a Independência, uma sucessão de movimentos tentou abalar as estruturas do jovem Império do Brasil. No entanto, os levantes e insurreições ocorridos na primeira metade do século XIX, embora registrados pela historiografia oficial como fatos isolados e sem maiores implicações, foram, no dizer de Maria da Glória Gohn, fundamentais para a construção da cidadania sociopolítica do país (1997, p. 22). No século XX, o Brasil foi palco de várias mobilizações, como a Revolução de 30 e as guerrilhas urbanas e rurais das décadas de 60 e 70, como por exemplo a do Araguaia. E, como nos tempos de império, os movimentos republicanos também foram sufocados pela força das tropas.

Há mais ou menos dez anos, as Redes Sociais digitais começaram a se tornar armas eficazes na mobilização de pessoas. Hoje, mais que nunca, os grupos agem nas redes sem medo de censura ou repressão. Se fortalecem e lutam por seus ideais, incentivando a participação de pessoas com os mesmos anseios e desejos em comum. Por este motivo, a Internet se torna um meio de comunicação cada vez mais popular. Movimentos Sociais dentro das Redes Sociais necessitam da presença de líderes, que podem se formar fora dos ambientes *online*, mas precisam estar presentes no meio digital para propagar a causa. Esta estrutura pode proporcionar mais facilidade e agilidade nas transformações desejadas.

Em um sentido mais amplo, estes dois componentes (Internet e Movimentos Sociais), quando se unem em torno de um objetivo, fazem com que as causas pelas quais trabalham tomem corpo e se transformem em um cenário ao alcance das pessoas comuns — desde que tenham acesso à Internet. A organização destas redes muitas vezes assumem motivos e causas — sejam eles, culturais, étnicos ou sociais — que só atingem o sucesso quando os indivíduos se unem seriamente em torno desses objetivos. Capra (2002) foca a noção de rede como a ação primitiva de capturar a caça, assim, pode-se compreender por meio de suas palavras quando delinea a importância das redes organizacionais, que a rede é um instrumento de captura de informações:

[...] na era da informação — na qual vivemos — as funções e processos sociais organizam-se cada vez mais em torno de redes. Quer se trate das grandes empresas, do mercado financeiro, dos meios de comunicação ou das novas ONGs globais, constatamos que a organização em rede tornou-se um fenômeno social importante e uma fonte crítica de poder. (CAPRA, 2002, p. 267)

Baseadas no seu próprio dinamismo, as redes funcionam como um espaço para compartilhar e receber informações, trocando conhecimentos. Estas redes podem ser físicas ou virtuais e servem para que as pessoas intercambiem experiências, criando bases e gerando informações relevantes para o setor em que atuam. A formação de redes nas organizações

ocorre por meios e formas variados: uma conversa informal com um colega de trabalho na hora do café, um encontro com os amigos após o expediente, reuniões, congressos, listas de discussões, portais corporativos e até situações formalmente criadas com a finalidade de alcançar resultados específicos.

Os brasileiros já promoveram mobilizações sociais físicas. E, embora esses movimentos tenham se enfraquecido nos anos recentes, principalmente pelas duas décadas de repressão militar, a vontade de transformar ainda se faz presente. Como este estudo tem como ponto principal compreender as atuais movimentações sociais virtuais nas Redes Sociais, são nestes ambientes, principalmente os que permitem segmentações, como o *Facebook*, que as mobilizações tomam vulto e se fazem conhecer pelo público alvo. A Internet tende a separar os grupos por interesses em comum, a interação entre as pessoas surge em alguns ambientes específicos e se proliferam pela *web*. O casamento gay e o desaparecimento de pessoas, por exemplo, possuem páginas dedicadas somente a estes assuntos, mas eles se disseminam e atingem outras pessoas além das associadas àqueles grupos.

Faz-se necessário, neste momento, conhecer algumas das plataformas que servem de apoio para os Movimentos Sociais se disseminarem na Internet, como o *site Avaaz*. O significado de Avaaz é “voz” em várias línguas asiáticas, segundo a própria página. Ela é uma plataforma lançada em 2007 cuja missão, afirma o *site*, é a de mobilizar pessoas de todos os países para agirem em causas internacionais urgentes, como a pobreza global, os conflitos no Oriente Médio ou as mudanças climáticas. O [www.avaaz.org](http://www.avaaz.org) utiliza o modelo de mobilização *online*, permitindo ações individuais ou coletivas. No entanto, no *Facebook* e no *Twitter* podem ser encontrados os mais diversos grupos e mobilizações. É possível identificar várias comunidades virtuais criadas em protesto contra a corrupção, em favor dos animais, contra violência doméstica, entre outros temas.

Uma das campanhas originadas no *Facebook*, utilizadas neste estudo como exemplo, é a “Brasil Contra a Corrupção”. Formulada para mobilizar pessoas na luta contra a corrupção, em junho de 2012 a página contava com mais de 55 mil compartilhamentos de informações e fotos diversas. O mote da campanha criada pela *fanpage* Direito, conforme se observa na

imagem abaixo, foi: “um milhão de compartilhamentos para a campanha Brasil Contra a Corrupção<sup>40</sup>”.

**1 Milhão de Compartilhamentos para Campanha Brasil Contra a Corrupção. Faça a sua parte.**



Não é possível afirmar que o mero compartilhamento de informações sobre corrupção fará a sociedade modificar seus hábitos eleitorais. Entretanto, a intenção das campanhas realizadas na Internet nas páginas politizadas é conscientizar as pessoas de que o Brasil ainda possui práticas políticas condenáveis. Esta pesquisa acredita que somente com uma maior conscientização e educação política será possível banir das disputas eleitorais as pessoas sem compromisso com a ética. Não se pode prever, ainda, o verdadeiro alcance das campanhas virtuais como a “Brasil contra a Corrupção”, afinal, em maio de 2013, quase um ano depois do seu lançamento, a campanha só apresentava em sua página 124.224 compartilhamentos. Um número bem inferior ao desejado pelos idealizadores.

Já no caso da lei da Ficha Limpa, oriunda do projeto de iniciativa popular elaborado pelo movimento de mesmo nome, a mobilização alcançou os 1,5 milhão de assinaturas necessárias para que a proposta fosse aceita pelo Congresso Nacional<sup>41</sup>.

Outro bom exemplo de mobilização nas Redes Sociais brasileiras, desta vez no *Twitter*, foi o julgamento do mensalão<sup>42</sup>, ocorrido entre os meses de agosto e outubro de 2012.

---

<sup>40</sup> [www.facebook.com/photo.php?fbid=297288417000295&set=a.184256594970145.48844.183581201704351&type=1&theater](http://www.facebook.com/photo.php?fbid=297288417000295&set=a.184256594970145.48844.183581201704351&type=1&theater), acessado em 30/05/2013.

<sup>41</sup> Como será visto no capítulo 4.

<sup>42</sup> Esquema de corrupção de parlamentares que compunham a base aliada do governo. Eles recebiam, periodicamente, recursos do Partido dos Trabalhadores para que a base apoiasse o Governo Federal. Esse



Embora a denúncia de corrupção parlamentar não tenha nascido nos ambientes cibernéticos, nem por meio de Movimentos Sociais, mas sim na mídia tradicional, a repercussão e a almejada punição dos réus do mensalão levaram os usuários de Internet a uma intensa mobilização.

Durante o julgamento, transmitido ao vivo pela TV Justiça também na Internet, o *Twitter* registrou nos *Trending Topics (TTs)*<sup>43</sup>, as *hashtags* #mensalao, #STF (esta perdurou até os últimos dias de julgamento), #joaquimbarbosa, #euqueroqueozedirceu, #genoino entre outros. Os tuítes, em sua maioria, repetiam as falas dos ministros. Reprovavam ou aprovavam os discursos dos magistrados. No *Facebook*, bem como no *microblog*, se multiplicavam as manifestações, tanto de simpatizantes do PT quanto dos opositores ao partido atualmente no poder. Os usuários do *Facebook* criaram todos os tipos de textos em fotos e distribuíram na rede. Não há dúvida de que os ministros do STF tomaram conhecimento da grande repercussão do julgamento junto à opinião pública, mas é impossível afirmar se tal mobilização teve influência direta nos votos. O fato é que, após mais de dois meses de deliberações, 25 dos 37 réus do processo sofreram condenações, entre eles o ex-ministro da Casa Civil do governo Lula, José Dirceu, um dos principais alvos da campanha *online*.

Já em 2013, durante intervalo de uma sessão do Supremo Tribunal Federal, o nome do ministro Celso de Mello entrou na lista dos assuntos mais comentados no *Twitter*. O motivo de tantas citações é o fato de que recaiu sobre o mais antigo ministro do Supremo a responsabilidade de proferir o último e decisivo voto sobre a aceitação ou não dos embargos infringentes no processo do mensalão — decisão que, na prática, permitiria um novo julgamento para 12 dos 25 condenados<sup>44</sup>.

Fora do Brasil, recentes Movimentos Sociais iniciados nas Redes Sociais tiveram enorme cobertura da imprensa. “*Occupy Wall Street*” — o movimento dos indignados, nos

---

movimento foi denominado mensalão. A palavra deriva de "mensalidade" usada para se referir à "mesada" paga aos deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo.

<sup>43</sup> Os *Trending Topics* ou “TTs” são uma lista mostrada do lado esquerdo da tela do *Twitter* com as expressões ou nomes, em tempo real, das frases mais publicadas em todo o mundo. Para medir os TTS geralmente se usa as *hashtags* (#) e nomes próprios. O recurso tem abrangência em toda a *worldwide web*, mas também é possível filtrar por países ou estados.

<sup>44</sup> [www.estadao.com.br/noticias/nacional,ministro-celso-de-mello-vira-trending-topic-no-twitter](http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,ministro-celso-de-mello-vira-trending-topic-no-twitter), acessado em 28/10/2013.

EUA; o “*Geração à Rasca*”<sup>45</sup>, em Portugal; e o “*Quinzieme*” na Espanha<sup>46</sup> mostraram o importante papel das Redes Sociais digitais na organização de manifestações sociais.

Para levar o leitor a refletir sobre a nova formatação da vida moderna trazida pelas Redes Sociais, cita-se o texto Mito da Caverna, escrito por Platão no século IV a.C., e que está contido no livro A República:

[...] imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior. (PLATÃO, 1956, p. 287-291)

As palavras de Platão remetem um ar de atualidade e, traçando um paralelo, permitem observar que os usuários das Redes Sociais muitas vezes vivem presos a uma realidade virtual. Sabem que há uma luz lá fora, e que nem todas as coisas do mundo se encontram nas páginas das redes. Estão acorrentados, enxergam a própria sombra, não se sentem capazes de mudar o que há. Mesmo assim, querem ampliar suas participações nas mídias sociais para, quem sabe assim, tornarem-se populares, com milhares de seguidores e com suas ideias pautando as vidas alheias.

É mister dizer que um dos grandes problemas enfrentados pelos seres humanos de todas as épocas é a compreensão do papel da comunicação nos processos de transformação social. As atividades comunicativas são poderosas e cada vez mais são percebidas como fatores importantes para obter mudanças de atitudes, de comportamento e padrões culturais mais profundos e expressivos na sociedade.

Marcondes filho sugere:

A nova realidade eletrônica, marcada pela transformação da Internet na nova rede mundial de conexões, traz muitos rearranjos e recomposições no quadro da sociedade dos indivíduos. Não apenas as informações, as trocas comerciais e as articulações foram inteiramente modeladas, até mesmo as relações subjetivas e os afetos se transformaram intensamente. (MARCONDES FILHO, 2012, p.117)

Dessa forma, entende-se que para um Movimento Social existir de fato é necessário desenvolver padrões, estratégias e ações, organizando-os de forma clara e objetiva. Além de

---

<sup>45</sup> Movimento de protesto apartidário, laico e pacífico, que reivindica melhorias nas condições de trabalho, como o fim da precariedade no trabalho e do subemprego.

<sup>46</sup> [www.politica.elpais.com/politica/2011/05/16/actualidad/1305578500\\_751064.html](http://www.politica.elpais.com/politica/2011/05/16/actualidad/1305578500_751064.html), acessado em 30/10/2013.

reunir pessoas dedicadas e, o mais importante de tudo, muito engajadas na causa. Sendo assim, reunir pessoas pode ser mais viável e fácil, por meio da Internet. Compreende-se, porém, que Movimentos Sociais não se restringem a palavras escritas em cartazes, ou na *web*, nem apenas em manifestações esporádicas. Movimento Social é um composto coletivo que age de forma permanente em busca dos seus objetivos, sejam eles de qualquer natureza. É um trabalho de longo prazo, que requer persistência e suor. Em outras palavras, os Movimentos Sociais só alcançarão seus propósitos caso tenham uma bandeira forte, que não se rasgue com facilidade, e que reúna pessoas persistentes para segurar o estandarte com mãos firmes e paciência longa.

Toda mobilização social tem uma razão de ser e precisa de tempo, espaço e recursos humanos para se tornar efetiva, mas muitas vezes não é possível levar adiante uma ideia ou colocar em prática uma ação da maneira que um idealizador pretende. Como alternativa para muitos casos, e também para os locais de grande extensão territorial, como o Brasil — onde por razões econômicas, financeiras ou culturais as novas gerações não se unem em prol de uma causa nas ruas, como fazia a juventude dos anos 60 —, a Internet é uma grande aliada. Mais ainda, ela promove a disseminação de informações que podem ser trocadas e espalhadas até se converterem em fatos ou apenas conhecimentos.

Estudos recentes mostram como na sociedade contemporânea configuram-se as novas formas de sociabilidade emergentes a partir das inovações e possibilidades tecnológicas. Neste contexto, em que o fluxo constante das trocas de informações se efetiva pelos meios comunicacionais, torna-se possível a criação de vínculos sociais nas comunidades virtuais. As novas “convivências” advindas da mediação tecnológica têm ampliado a rede de relações entre as pessoas e construído laços afetivos entre elas. O uso das ferramentas disponíveis na Internet abriu a possibilidade de as pessoas se “conhecerem” e estabelecerem relacionamentos sem qualquer contato físico anterior. Essa prática, cada vez mais comum, vem modificando os hábitos, os comportamentos, tornando mais complexas as formas de interação social entre os indivíduos e produzindo novas formas de sociabilidade entre eles. (MORIGI, PAVAN. 2004. P.117)

Com esta reflexão, conclui-se que a Internet, espaço alternativo para circulação de opiniões, em contraponto à imprensa tradicional, pode revelar novos autores e líderes de movimentos que, em outras épocas não seriam capazes de se manifestar ou despertar alguma atenção para seus propósitos. No entanto, a ideia e as mobilizações ocorrem ainda tímidas, com um misto de entusiasmo e cautela. Ainda há reservas por parte de muitos usuários, mas a ideia de que o espaço pode ser usado para a construção de uma nova e melhor realidade começa a germinar nos corações das pessoas presentes nas Redes Sociais.

Esta pesquisa acredita que algumas das características mais importantes das redes ainda são pouco exploradas por quem as utiliza. Como exemplos, a falta de hierarquia, a boa

flexibilidade de horários para se trabalhar o tema desejado, redução de custos e participação voluntária em causas ou casos. No entanto, o potencial dessas ferramentas pode levar à interpretação equivocada de que mobilizações sociais nas redes vão resolver todos os problemas apenas por existirem, mas elas não trabalharão o engajamento e não se desenvolverão por si próprias. Elas podem e devem ser utilizadas, ativadas, monitoradas e avaliadas. Caso se mostrem eficazes para promover mobilizações e transformar realidades, podem ser melhoradas e melhor aproveitadas pelas lideranças e pelos Movimentos Sociais.

A pesquisadora Ilse Scherer-Warren afirma que as mobilizações são possíveis em diversos níveis. Nesta pesquisa são abordadas mobilizações realizadas por meio das articulações entre os atores dos Movimentos Sociais localizados, mas que buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações, com a finalidade de produzir visibilidade para os simpatizantes ou para a sociedade em geral, como é o caso do movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa.

É através dessas formas de mediação que se dá a interlocução e as parcerias mais institucionalizadas entre a sociedade civil e o Estado. Essas articulações também se tornaram possíveis porque há meios técnicos que as viabilizam: a Internet e os *e-mails* são práticas cotidianas das redes do novo milênio. Os encontros presenciais podem ser mais circunstanciais e espaçados, quando a comunicação cotidiana está garantida pelos meios virtuais. Consequentemente, tem se observado um crescimento expressivo de redes de ONGs e associações, de fóruns e de redes de redes, conforme constatado em nossa pesquisa. (SCHERER-WARREN. 2006. P.112)

As informações que circulam de forma irrestrita nos ambientes digitais são capazes de difundir o conhecimento, aumentar a capacidade comunicação e da troca de experiências entre os atores das Redes Sociais. Estes atores são capazes de promover revoluções dentro do espaço cibernético e, quiçá, nos ambientes reais, colocando em prática os interesses ou afinidades coletivas em busca de uma nova forma de fazer e de viver. Em termos de produção e circulação de informações, bem como em ampliação do número de participantes, as Redes Sociais digitais podem ter mostrado capacidade de mobilização virtual e de levantamento de discussões importantes para o desenvolvimento das sociedades que vivem nesta nova era. Mas ainda precisam ser lapidadas e melhor aproveitadas para que mais pessoas acessem a ferramenta e se unam para um trabalho de mudanças sociais, dentro e fora das redes digitais. Somente dessa forma a realidade poderá se transformar de forma certa, verdadeira e sem deixar aberturas para que antigos hábitos voltem a ser entrave no desenvolvimento.

### *1.3 Engajamento e participação colaborativa*

Como todo e qualquer movimento transformador, desde o saber até o fazer coletivos são importantes estratégias que englobam conjuntos de sujeitos e práticas. Ele pode ser um elemento na construção e criação de pactos de governança, fomentando a compreensão e o acolhimento de outros valores e auxiliar na superação de ações, a exemplo as de regulação ou de controle. Essas ações podem informar ou intervir em escolhas do poder público e também da sociedade rumo às transformações. Habitamos em complexos sistemas que fazem parte de redes densas e que precisam contar com um determinado grau de autonomia dos seus elementos. Melucci afirma:

Sem o desenvolvimento das capacidades formais de aprender e agir (aprendendo a aprender), indivíduos e grupos não poderiam funcionar como terminais de redes de informação, as quais têm que ser confiáveis e capazes de autoregulação. Ao mesmo tempo, seja como for, uma diferenciação pronunciada demanda maior integração e intensificação do controle, que se desloca do conteúdo para o código, do comportamento para a pré-condição da ação. (MELUCCI, 1997, p. 6<sup>47</sup>)

Melucci (1997) escreve que “sociedade não é a tradução monolítica de um poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos”. O autor explica que conflitos ou Movimentos Sociais contra determinadas ações ou realidades tendem a surgir em áreas mais expostas a sistemas informacionais, onde os atores são os grupos sociais mais diretamente expostos aos processos de transformação. Melucci completa que a maneira pela qual os conflitos se expressam não é a da ação “efetiva”. Assim, compreende-se que ações coletivas como mobilizações sociais, são as formas pelas quais os atores revelam sua existência e seus modelos de organização e expressão, para o restante da sociedade. Na Internet, as ações coletivas tendem a ganhar peso por estarem mais facilmente conectadas. A informação trafega rapidamente pelo ciberespaço e alcança mais atores em menos tempo.

Melucci considera que, hoje em dia, o tempo é uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social, e este tempo, não aquele dividido em horas, é medido por máquinas. Máquinas possuem uma maneira própria de medir tempo, criando uma nova

---

<sup>47</sup> Revista Brasileira de Educação, ed. 5.

dimensão. “Tempo é uma medida de quantidade: nos ritmos diários de trabalho como nos balancetes anuais das empresas. Aliás, em qualquer cálculo pautado na racionalidade instrumental, a máquina estabelece uma continuidade entre tempo individual e tempo social”<sup>48</sup>, afirma o autor. Desta maneira, é possível compreender como os computadores criaram uma nova realidade e como a Internet construiu uma nova dimensão de tempo e espaço na vida das pessoas.

O movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa surgiu quando, no Rio de Janeiro, por causa da eleição de alguns candidatos condenados pela Justiça, alguns dos quais já cumprindo pena. O Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE) atribuiu o fato à pressão de grupos paramilitares e de narcotraficantes junto às comunidades. Por sugestão do secretário-geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Dimas Lara, o MCCE decidiu elaborar um projeto de iniciativa popular vedando a candidatura de pessoas condenadas. Foi a gênese da campanha Ficha Limpa, que buscava a adesão mínima de 1% do eleitorado nacional – à época, cerca de 1,3 milhão de pessoas, mediante assinaturas —, conforme previsto na Constituição, para que a proposta pudesse tramitar no Congresso Nacional. Em julho de 2013, o Senado aprovou e enviou à Câmara projeto que reduz para 0,5% tal exigência, além de autorizar a coleta de assinaturas por meio eletrônico<sup>49</sup>.

Para o tema ser inserido no contexto teórico desta pesquisa, cita-se Giroux (2003)<sup>50</sup>. Ele afirma que a cultura política nunca pode ser separada das questões de poder e de protagonismo. O autor aponta que protagonismo envolve relações de participação e de acesso, como também as possibilidades de mover-se em locais específicos de atividade e de poder. Também é necessário promover o sentido de pertencimento, de modo que a população seja capaz de exercer seus poderes. Giroux abre caminho para outra perspectiva crítica: o aprofundamento dos valores necessários à vivência, espaços, diálogos e aprendizagens. Transportando esta reflexão para a pesquisa, vê-se que Redes Sociais, quando utilizadas de maneira correta e convincente, podem fazer os Movimentos Sociais saírem do ambiente

---

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> [www.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/senado-reduz-assinaturas-para-projetos-de-iniciativa-popular/](http://www.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/senado-reduz-assinaturas-para-projetos-de-iniciativa-popular/). Acessado em 19/10/2013.

<sup>50</sup> A pesquisa cita o autor e suas ideias em uma livre interpretação, sem que sejam citadas páginas ou trechos a serem destacados.

virtual e se integrarem ao mundo presencial. Basta a utilização de estratégias colaborativas e participativas. No caso da Ficha Limpa, houve primeiramente o trabalho no espaço físico, só depois as Redes Sociais digitais passaram a fazer parte da ação de propagação da campanha. No mesmo instante que as assinaturas começaram a ser coletadas nas ruas, o Movimento lançou sua campanha também no *Facebook*, para ganhar força e visibilidade.



Página da Campanha para coleta de assinaturas do Ficha Limpa no *Facebook*

As diversas teorias sobre a sociedade da informação indicam transformações na sua estrutura. Conforme Masuda (1982)<sup>51</sup>, neste contexto as tecnologias de informação e comunicação operam como forças propulsoras de modelagem das relações sociais, econômicas e políticas, originando um tipo de sociedade diferente. A aplicação delas transforma-se na principal fonte do crescimento econômico e dissolve muitos dos problemas dos países menos desenvolvidos, caso do Brasil. Nesta ótica, ainda que determinista, percebe-se uma interação entre as tecnologias de informação, comunicação e a sociedade. Tais tecnologias, ao mesmo tempo em que moldam a sociedade, também são moldadas por ela.

As tecnologias de informação e comunicação exercem influências profundas na vida cotidiana. Contudo, não são autônomas, não podem ser desvinculadas do contexto social em que foram produzidas. É difícil, porém, prever as diversas consequências em relação ao emprego, às novas competências e aos novos níveis de qualificação dos trabalhadores com a difusão e aplicação das tecnologias de informação e comunicação. No entanto, percebe-se que os impactos sobre serviços tradicionais tendem a desaparecer com os processos de automação fazendo surgir novos serviços.

<sup>51</sup> Idem - interpretação livre da pesquisa.

Foucault estudou as sociedades de controle e as disciplinares que podem ser aqui levadas em consideração para comparar com o trecho acima. Para Foucault (1994), as sociedades de controle são as que surgem e permanecem. As antigas disciplinas dão lugar às novas, mediante formas de controle ultrarrápidas e flexíveis. Os controles não são moldes, sim modulações que podem mudar continuamente<sup>52</sup>. Como exemplo ele utilizou a fábrica, que conhece um salário básico e benefícios claramente codificados. Já as empresas modernas se esforçam para impor uma modulação contínua de salários, causando instabilidade e levando a desafios, concursos, bônus por mérito, e assim por diante.

Dessa forma, acredita-se que a Internet e os Movimentos Sociais podem contribuir, com suas mudanças contínuas, na perpetuação dos grupos de controle, mas não sem causar alguma instabilidade nos processos já instalados. A *web* pode proporcionar novos desafios à sociedade, tanto para promoverem mudanças em espaços físicos, quanto para atuar em frentes distintas nestes tempos de ciberespaço, cibercultura e novos paradigmas sociais. Para o caso das mobilizações sociais via Internet, as palavras de Foucault podem exprimir como engajar pessoas “saber onde e quando encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos” (FOUCAULT, 1994, p.131)

As pessoas vivem conectadas em redes físicas. Sua convivência em ambientes virtuais ocorre em função das novas tecnologias que criaram as Redes Sociais digitais. Whitaker é citado, aqui, para explicar as estruturas de redes:

Redes são estruturas que foram se tornando cada vez mais possíveis com o progresso tecnológico: do correio e telégrafo ao avião, ao rádio, ao telefone, ao fax e aos meios de comunicação de massa, o mundo se transformou numa imensa rede com cada vez menos barreiras à livre circulação de informações. As atuais possibilidades oferecidas pela informática — na rapidez da comunicação e na estocagem da informação — podem dar uma extrema eficácia a redes constituídas com objetivos específicos, assim como lhes assegurar efetivamente plena liberdade de circulação de informações. (WHITAKER, 1993, texto *online*)

No caso das Redes Sociais digitais, o conhecimento e o compartilhamento são fomentados por qualquer indivíduo, seja alguém com poder de articular pessoas em torno de interesses, projetos e objetivos ou somente um usuário comum que descobriu um nicho, uma causa ou uma notícia que achou interessante e disseminou a ideia. Todos os membros das

---

<sup>52</sup> Livre interpretação.



redes digitais podem atuar em seu próprio nome, de associações, movimentos, comunidades, empresas etc.

Tome-se como exemplo a comunidade criada pelo grupo Movimento Contra a Corrupção, no *Facebook*<sup>53</sup>. Em 30 de outubro de 2013, 935 mil pessoas já haviam curtido a página, exemplo da formação de um movimento social que pode influenciar pessoas por meio da rede social digital. Na *fanpage*<sup>54</sup>, também presente no *Google+* e no *Twitter*, são compartilhadas fotos, mensagens e charges de protesto.



*Fanpage com grande alcance no Facebook, contra a corrupção*

Whitaker (1993) escreve que “redes são estruturas alternativas de construção. São quando pessoas ou entidades se associam para realizar determinado objetivo e são geralmente estruturas piramidais<sup>55</sup>. No entanto, a organização por meio da estrutura horizontal em rede tem sido cada vez mais utilizada<sup>56</sup>”.

<sup>53</sup> [www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao/info](http://www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao/info), link para a página e informações do movimento, acessado em 23/08/2013.

<sup>54</sup> Usando as palavras do próprio *Facebook*: As páginas de fãs (fan pages) existem para que as organizações, empresas, celebridades e bandas transmitam muitas informações ao seus seguidores ou ao público que escolher se conectar a elas.

<sup>55</sup> Whitaker (1993) escreve que: uma estrutura em pirâmide corresponde ao que seu próprio nome indica: as pessoas ou entidades se organizam em níveis hierárquicos, que se superpõem, cada nível compreendendo menos integrantes do que o nível que lhe é inferior. O conjunto se afunila a partir de uma base que pode ser mais ou menos ampla, para chegar a um topo no qual pode se encontrar um único integrante — o “chefe”. A comunicação entre integrantes de diferentes níveis se faz de cima para baixo ou de baixo para cima, através dos níveis intermediários àqueles que se comunicam.

<sup>56</sup> Artigo divulgado pela primeira vez em abril de 1993, com a introdução aqui apresentada, como nº 14 da série “Procurando entender — textos para discussão” — publicação do Gabinete do Vereador Chico Whitaker, da Câmara Municipal de São Paulo, autor do artigo. Ele foi reproduzido posteriormente em outras publicações, como a revista *Mutações Sociais*, publicação trimestral do CEDAC, Rio de Janeiro, Ano 2/nº 3/março/abril/maio de 1993. [http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura\\_alternativa\\_organizacao.PDF](http://inforum.insite.com.br/arquivos/2591/estrutura_alternativa_organizacao.PDF), acessado em 19/05/2013.

Uma estrutura em rede — que é uma alternativa à estrutura piramidal — corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (WHITAKER, 1993, texto *online*, acessado em 19/05/2013)

O pesquisador citado afirma que, “embora as redes muitas vezes surjam como reação a problemas criados com as pirâmides, não pretendem necessariamente substituir ou se contrapor às estruturas piramidais.”<sup>57</sup> Whitaker diz ainda, que em alguns casos a estrutura em rede pode ser mais favorável que a estrutura piramidal para a realização dos objetivos perseguidos. “E há ainda situações em que o melhor seria exatamente a combinação de ambas as estruturas. Este parece ser o caso em ações políticas, inclusive nos próprios partidos políticos, tradicionalmente piramidais.”<sup>58</sup> Ele conclui seu pensamento dizendo: “como as redes são necessariamente abertas horizontalmente, por meio delas pode-se desbloquear e ampliar cada vez mais a entrada de novos participantes na ação ou na ideologia.”<sup>59</sup>

Sobre esta horizontalidade nas interconexões e fluxo de informações, Aguiar 2007<sup>60</sup>, enfatiza que são como a marca registrada da rede e que “não é condição suficiente para garantir a plena participação nem a efetiva democratização dos processos decisórios, que dependem também da qualidade dos vínculos estabelecidos entre os participantes e dos conteúdos mobilizadores que circulam pela rede”. Aguiar diz que nas “Redes Sociais a frequência e a direção do fluxo de informações e da intercomunicação são determinantes da sua dinâmica. Qualquer pessoa pode contatar certos indivíduos e ignorar outros (sobretudo quando a rede é muito extensa)<sup>61</sup>”. Entende-se, portanto, que os usuários de Internet podem se

---

<sup>57</sup> Mesma fonte. Texto *online*, acessado em 19/05/2013.

<sup>58</sup> *Idem*

<sup>59</sup> *Idem*

<sup>60</sup> AGUIAR, SONIA. Pesquisadora da Universidade Federal Fluminense. *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. 2007. [www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf), acessado em 23/04/2013.

<sup>61</sup> Mesma fonte, acessado em 23/04/2013.

comunicar mais intensamente com algumas pessoas que com outras e estes vínculos não resultam em uma comunicação mais eficaz. Aguiar ressalta que:

As tecnologias de informação e comunicação continuamente atualizadas e reapropriadas no ambiente aberto e (ainda) pouco regulado da Internet têm exponenciado a complexidade das Redes Sociais, que não são obrigatoriamente evolutivas: ganham e perdem nós ao longo do seu percurso, assim como ocorrem mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós, sem que isso altere a sua identidade. (AGUIAR, 2007, p. 9)

A pesquisa concorda com Aguiar quando esta afirma que as redes podem ganhar e perder conexões ao longo da sua existência, bem como podem estabelecer vínculos e promover crescimento qualitativo sem ter sua identidade alterada. Elas podem se deslocar no espaço (físico ou virtual), sem que as pessoas precisem se desconectar. A rede pode se manter no seu propósito ao se organizar ou se readaptar a em cada ambiente e circunstância adversa que tente alterar o seu rumo ou objetivo.

Já os moderadores das Redes Sociais digitais podem agir de forma adversa dos líderes de comunidades físicas. O ambiente virtual permite que eles excluam membros das comunidades virtuais a qualquer momento, ato quase impossível nos ambientes físicos, pois perpassa por obstáculos como liberdade de ir e vir dos membros ou teimosia em permanecer onde não são mais aceitos. Para traduzir o entendimento desta pesquisa sobre relações sociais virtuais ou não, utiliza-se os conhecimentos deixados por Bauman:

Diferentemente de 'relações', 'parentescos', 'parcerias' e noções similares — que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso —, uma 'rede' serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui 'sua essência'! A palavra 'rede' sugere momentos nos quais 'se está em contato' intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento 'indesejável, mas impossível de romper' é o que torna 'relacionar-se' a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma 'conexão indesejável' é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2004, p.12)

O pioneiro em estudos sobre cibercultura, Pierre Lévy, discute de forma interessante a questão. Ele conceitua a tecnologia como dependente da sociedade:

Seria a tecnologia um autor autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior. Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sociotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos,

e não uma entidade real que existiria independentemente do resto, que teria efeito distinto e agiria por vontade própria. (LÉVY, 1999, p. 22).

Se, por um lado, Lévy trata dos autores autônomos da sociedade defendendo que a técnica é ângulo de análise, por outro Foucault (1994)<sup>62</sup> explica que o poder (o autor cita o ambiente físico, mas traça-se o paralelo com o virtual<sup>63</sup>) é exercido apenas por ele mesmo, por isso as sociedades de controle. No caso observado nesta pesquisa, os grupos mais atuantes na Internet exercem o poder pela ação de um sobre o outro.

Estudar as relações de poder é compreender o exercício concreto sob o saber concernente a ele. Foucault<sup>64</sup> não confunde as relações de poder com as de dominação. Ele afirma que não há relação de dominação sem que o exercício recíproco do poder seja estruturado sobre um modo de desigualdade de uma força sobre outra. Nesta pesquisa, bem como para Foucault, as relações “entre indivíduos” nos ambientes virtuais não são correlações de forças, sim de poder de alcance, de apelo e de persuasão, porque há liberdade para agir em prol de qualquer causa, mesmo que seja de cunho próprio.

#### *1.4 Ciberativismo*

Os Movimentos Sociais, brevemente observados neste capítulo são os responsáveis por diversas mudanças positivas para as sociedades ao longo da existência da humanidade. Entretanto, para compreender os Movimentos Sociais dentro dos ambientes digitais, particularmente nas Redes Sociais virtuais, é necessária uma pequena reflexão sobre o ciberativismo. A palavra significa “ativismo cibernético”, ou seja, aquele realizado no ambiente da *web*. Esta modalidade de protesto ou de trabalho por causas, realizada por meio dos ambientes eletrônicos de comunicação, pode ser considerada como um novo tipo de Movimento Social. O ciberativismo tem sido bastante utilizado por alguns dos meios de comunicação para organizar reuniões políticas e sociais, disseminar mensagens para um

---

<sup>62</sup> A pesquisa utilizou o autor livremente, interpretando suas falas sem necessariamente utilizar trechos da obra *Vigiar e Punir*.

<sup>63</sup> Nota da pesquisa para deixar claro que Foucault descreve o poder nos ambientes físicos, não no ciberespaço.

<sup>64</sup> Livre citação da mesma obra do autor.

número maior de pessoas sem depender dos veículos tradicionais de comunicação. O objetivo dele é trabalhar com maior liberdade de expressão tanto na troca de informações como na expressão e compartilhamento delas e para realização de ações impactantes. Por outro lado, o ativismo é uma ação que, quando crescente, encontra facilidade para construir as interfaces nas redes de ação direta para reunir os colaboradores capacitados em sustentar uma ação.

Abandonando a mediação das instituições e utilizando a estrutura dos Movimentos Sociais americanos dos anos 60 e 70, a organização dos grupos contemporâneos se manifesta de forma segmentada porque se compõe de diferentes grupos em modo celular; é policêntrica porque possui muitos centros de direção ou líderes; é integrada porque os líderes e os segmentos estão dispostos em um reticulado de sistemas ou redes através de vários vínculos estruturais, pessoais e ideológicos (ANTOUN, 2005, p.06-07).

Atualmente, o ciberativismo possui um foco maior em temas ambientais, políticos e sociais. Baseia-se no crescimento de usuários da Internet e também da telefonia móvel, buscando maior visibilidade, com menos custos na produção dos seus eventos ou conteúdos. A eficácia deste movimento é a garantia de gastar menos tempo para as comunidades virtuais conhecerem o movimento e fazerem sua adesão. O ciberativismo possibilita ainda, movimentar as ideias com a certeza de maior alcance. Ele une o ativismo real ao ambiente veloz das novas mídias<sup>65</sup>, principalmente depois da popularização das Redes Sociais e proliferação das comunidades formadas por grupos de culturas e países distintos.

Para o ciberativismo dar certo, é necessário que o mundo presencial seja fielmente reproduzido no mundo virtual. É necessário ter uma visão mais detalhista do conteúdo noticiado nas grandes mídias e, ocasionalmente, modificar a maneira de agir como ciberativista. O ciberativismo geralmente busca apoio para suas causas na Internet em função do baixo custo e alcance mais eficaz. Apesar dessa facilidade, o ciberativismo não se restringe somente à Internet. É necessário exercer o ativismo real, pois os dois processos se complementam por o primeiro ainda ser muito dependente do segundo. Além disso, é importante o comprometimento e conhecimento da causa pelo ativista para que não seja apenas um ativista de sofá.

---

<sup>65</sup> A definição de novas mídias é a de mídia fora dos meios tradicionais: rádio, jornal, televisão, revista, mídia exterior, ou seja, um novo meio de comunicação. As principais novas mídias são a Internet, o celular e a IPTV. Elas revolucionaram não apenas a comunicação, também a estrutura organizacional como um todo. [www.tecnocratadigital.com.br](http://www.tecnocratadigital.com.br), acessado em 30/10/2013.

Apesar das críticas que podem receber os ativistas de Internet, Pierre Lévy afirmou em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo<sup>66</sup>, em março de 2013, não ser contra o ativismo de sofá. Ele considera os expressões legítimas da vontade dos cidadãos. O filósofo não crê que esse tipo de mobilização seja menos legítima do que as manifestações tradicionais, como protestos na rua. No Brasil, recentemente, pôde-se assistir a estes protestos virtuais por meio de abaixo-assinados que alcançaram milhares de pessoas em pouco tempo, fazendo piscar o alerta da classe política. Foram dois milhões de assinaturas na petição popular para que o projeto da lei da Ficha Limpa chegasse ao Congresso Nacional para ser votado. Em 2013, cerca de 1,6 milhão de pessoas assinaram o protesto contra a reeleição de Renan Calheiros para a presidência do Senado<sup>67</sup>. Já o pastor Marco Feliciano, eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, foi alvo de dezenas de manifestações físicas para destituí-lo e a petição que solicitava sua saída do cargo chegou a obter mais de 445 mil apoiadores<sup>68</sup>.

Fatos reais são, por vezes, reproduzidos nos ambientes virtuais. Também existem passeatas, abaixo-assinados, petições e atos de vandalismo na web. Neste caso, sites são invadidos e pichados com a marca do invasor e seu conteúdo modificado. Já as passeatas virtuais são realizadas com a intenção de boicotar um *site* impedindo que outras pessoas possam acessar. Elas acontecem por meio de acordos entre os internautas com a data e horário para a movimentação, impedindo assim, o acesso a determinada página da Internet. Existem casos de bloqueios às páginas da Internet realizados pela justiça, mas estes não se configuram como mobilização.

Recente acontecimento na web, a divulgação pelas Redes Sociais dos horários e locais de blitz no trânsito em função da Lei Seca levou a Advocacia-Geral da União (AGU) a pedir na Justiça a proibição dessa divulgação. A AGU argumentou que a proibição das páginas na Internet não feria a liberdade de expressão. O Professor-Doutor Fernando Oliveira Paulino, da Universidade de Brasília, defendeu a atuação conjunta do estado com empresas de Internet.

---

<sup>66</sup>[www.estadao.com.br/noticias/nacional,nao-sou-contra-o-ativismo-de-sofa-afirma-o-filosofo-frances-pierre-levy,1007313,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,nao-sou-contra-o-ativismo-de-sofa-afirma-o-filosofo-frances-pierre-levy,1007313,0.htm), acessado em 30/05/2013.

<sup>67</sup>[www.oglobo.globo.com/pais/manifestantes-entregam-16-milhao-de-assinaturas-pela-queda-de-renan-calheiros-7629464](http://www.oglobo.globo.com/pais/manifestantes-entregam-16-milhao-de-assinaturas-pela-queda-de-renan-calheiros-7629464), acessado em 24/07/2013.

<sup>68</sup>[www.g1-globocom.jusbrasil.com.br/noticias/100422818/psc-recebe-peticao-eletronica-com-445-mil-assinaturas-contra-feliciano-indicadas-para-voce](http://www.g1-globocom.jusbrasil.com.br/noticias/100422818/psc-recebe-peticao-eletronica-com-445-mil-assinaturas-contra-feliciano-indicadas-para-voce), acessado em 24/07/2013.

De acordo com Paulino “uma regulação compartilhada com as empresas, evitando que o trabalho da polícia seja prejudicado, sem que as pessoas fiquem sem acessar seus *sites* de compartilhamento, seria o ideal.”<sup>69</sup>

A questão da divulgação de informações é polêmica e fez com que, há pouco tempo, o mundo inteiro conhecesse o *WikiLeaks*<sup>70</sup>, página na Internet que ficou célebre por divulgar milhares de documentos confidenciais do governo dos Estados Unidos sobre a guerra do Iraque, entre outros. Julian Assange<sup>71</sup>, o fundador do *WikiLeaks*, responde a diversos processos por conta do conteúdo disponibilizado em seu *site*, cujo objetivo é divulgar a má conduta dos governos, de empresas e instituições. Foi por meio dos documentos oficiais “vazados” por Assange, que o mundo conheceu a filosofia do *WikiLeaks*: “privacidade para os fracos, transparência para os poderosos”. E também tomou conhecimento do princípio fundamental da filosofia *hacker*: “A informação quer ser livre”.

Conclui-se, portanto, que se vive em um tempo de total vigilância tecnológica — onde de um lado, uma rede de governos e corporações espionam tudo o que se faz. Do outro, os novos tipos de ciberativistas, os *CypherPunks* —segundo Assange, ativistas e *geeks*<sup>72</sup> criadores de códigos e criptografias que ninguém consegue acessar, e que, por sua maneira de agir, podem influenciar as políticas públicas. Em entrevista para apresentar o seu livro de mesmo nome do movimento, no início de 2013, Assange sugeriu que, quando as pessoas se comunicam via Internet ou telefonia celular, agora dentro da rede, as comunicações são interceptadas por organizações militares de inteligência. Ele afirma que a “Internet, que deveria ser um espaço civil, se transformou em um espaço militarizado. No entanto, um espaço de todos, porque todos o utilizam para se comunicar uns com os outros e com os

---

<sup>69</sup> [www.g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/02/agu-quer-bloquear-sites-que-divulgam-informacoes-sobre-lei-seca.html](http://www.g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2012/02/agu-quer-bloquear-sites-que-divulgam-informacoes-sobre-lei-seca.html), acessado em 24/07/2013.

<sup>70</sup> [www.wikileaks.org/](http://www.wikileaks.org/), acessado em 01/06/2013.

<sup>71</sup> Em agosto de 2013, Julian Assange estava exilado em uma embaixada equatoriana acusado de assédio sexual na Suécia e de crimes cibernéticos nos EUA. No entanto, o *WikiLeaks* continuava ativo e seu *Twitter* continha mais de um milhão de seguidores.

<sup>72</sup> Pessoas dependentes dos mais diversos tipos de tecnologias relacionadas ao entretenimento, como computadores, jogos, livros, filmes e cultura popular em geral.

círculos da intimidade”. Então, diz Assange, “na prática, nossa vida privada entrou em uma zona militarizada. É como ter um soldado embaixo da cama”<sup>73</sup>.

Esta pesquisa acredita que os ambientes virtuais, submetidos a constante vigilância, podem ser comparados aos espaços físicos urbanos, que se encontram mais vulneráveis e expostos aos diversos tipos de aparatos tecnológicos, e cada vez mais propícios à instalação de câmeras vigilantes, sob observação pelo Estado e pelas autoridades policiais *em nome da segurança e da ordem*<sup>74</sup>. Antoun (2010) define muito bem a palavra vigilância:

Mantém parentesco com o cuidado excessivo, muitas vezes insone, presente na noção de vigília. Trata-se de voltar a atenção para algo, alguém ou algum movimento e acompanhar sua duração sem momento de distração ou cansaço. Ela deriva de velar, que tanto nos traz um cuidado constante, quanto um ocultamento. Velar é cuidar de um corpo morto de um ente querido e, também, apagar, obscurecer, como no caso do velamento de um filme. (ANTOUN, 2010, p.147)

Murilo Machado<sup>75</sup>, em artigo escrito para o *Le Monde Diplomatique*<sup>76</sup> sobre ativismo *hacker*, afirma que não há como falar do tema sem se reportar à sua maior expressão nos dias de hoje: a rede *hacktivista Anonymous*. Embora muito se fale sobre o movimento em nível global, poucas análises, principalmente acadêmicas, existem de fato. O texto versa:

Em tempos de crescente protagonismo das mais variadas formas de redes digitais, nos quais a era informacional deixa de ser uma promessa malfadada para se tornar uma realidade incontestável, por um lado, despontam novas maneiras de se implementar o controle sobre as sociedades e, por outro, formas inusitadas de resistência política se ocupam de fazer frente a um comando cada vez mais distribuído e silencioso”. (MACHADO, 2012, texto *online* no link abaixo)

Os atores do *hacktivismo* são os chamados *hackers*, conhecidos por seu comportamento transgressivo e que buscam ter acesso a todo e qualquer tipo de informação. O *hacktivista* foi conhecido no início deste século, por suas ações ameaçadoras. No entanto, eles não roubam senhas nem penetram redes privadas destruindo bancos de dados ou praticando terror virtual, ocasionando o que se chama de “vítima virtual”. Por vítima virtual, Vaz (2010) “compreende todo e qualquer indivíduo que, a partir de notícias sobre o sofrimento de estranhos, concebe suas rotinas de trabalho e lazer como perpassadas pela

---

<sup>73</sup> [www.outraspalavras.net/2013/02/02/especial-a-apresentacao-do-livro-julian-assange](http://www.outraspalavras.net/2013/02/02/especial-a-apresentacao-do-livro-julian-assange), acessado em 30/05/2013.

<sup>74</sup> Grifo da pesquisa.

<sup>75</sup> Mestrando na Universidade Federal do ABC. Faz parte de um grupo de pesquisa em Cultura Digital e Redes de Compartilhamento da UFABC.

<sup>76</sup> [www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3009&tipo=acervo](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3009&tipo=acervo), acessado em 30/05/2013.



possibilidade de vitimização”. O autor define ainda que uma vítima virtual é imediatamente percebida como inocente, seu sofrimento foi causado por algo ou alguém e conclui que “para alguns autores e para a mídia, mesmo a experiência indireta do crime pode provocar traumas e fazer com que alguns morram, literalmente, de medo” (VAZ, 2010, p.188-189).

No entanto, os verdadeiros *hacktivistas* não espalham medo e terror entre os usuários de Internet. Eles possuem uma ética própria de ação e não costumam agir como os crackers — estes sim, responsáveis pelas ações citadas. *Crackers* não são tão perigosos ao sistema quanto os *hacktivistas*, capazes de empregar as mais variadas táticas para iludir as sociedades de controle. São eles quem, por exemplo, ocultam e embaralham dados de navegação tornando-os invisíveis ao rastreamento na rede. Eles disponibilizam aplicações que permitem aos internautas sem conhecimento técnico fazerem o mesmo, podendo causar danos à rede. Também empregam técnicas de criptografia para criar *softwares* que furam bloqueios criados por governos totalitários sobre diversos conteúdos na Internet. Eles podem, ainda, acessar informações protegidas ou aprisionar conteúdos, tornando-os disponíveis apenas a quem eles querem. Em geral, pessoas que usam ferramentas específicas para esse fim, eles mesmos. Os *hacktivistas* utilizam as tecnologias de controle e vigilância para promover acesso irrestrito, livre circulação e anonimato.

Embora muito se fale sobre o movimento em nível global, poucas análises têm sido realizadas a respeito da presença da rede *hacktivista Anonymous* no Brasil. Os primeiros registros da rede *Anonymous*<sup>77</sup> datam da #OpPayBack, uma onda de protestos em defesa do *WikiLeaks* que derrubou diversos *sites* mundo afora. A grande repercussão promoveu a criação do fórum *What is the plan*, onde diversas pessoas interessadas em *hackativismo* se encontraram e formaram o primeiro *hub Anonymous*. Em 15 de junho de 2011, este *hub* anunciou a “Guerra formal contra o sistema”, valendo-se de um vídeo divulgado pelo movimento internacional com legendas traduzidas para o português. Também foi divulgado o primeiro *site* nacional ligado ao coletivo e o perfil @PlanoAnonBr passou a dar informações sobre as atividades em curso.

Ao mencionar o *hackativismo*, em geral, ou o movimento *Anonymous*, surgem algumas perguntas, porém este estudo não tem o objetivo de respondê-las, deixando para outro

---

<sup>77</sup> [www.anonyops.com/index.php](http://www.anonyops.com/index.php), acessado em 01/06/2013.

pesquisador a ideia. De certo modo, ao abordar este tema, é natural se perguntar “aonde isso vai parar?”, ou “como a falta de acesso a uma página eletrônica pode afetar a vida de todos?”. Murilo Machado (artigo Resistência política, *hacktivismo* e Anonymous Brasil, de 2012<sup>78</sup>) afirmou que a melhor pergunta a se fazer era: “Até onde isso pode chegar?” Ele escreveu ainda que “a imensa maioria dos participantes do movimento, os Anons, são jovens que, à sua maneira, estão fazendo profundos questionamentos aos sistemas políticos e econômicos vigentes”. O autor também disse que “a grande imprensa, em geral, lhes é indiferente. Ou melhor, é responsável por estimulá-los à medida que os retrata diariamente como cibercriminosos a serem combatidos”<sup>79</sup>. Machado sugere, ademais, que por conta do domínio técnico que os *Anons* detêm sobre as redes sociotécnicas, pelas quais passa grande fluxo de informações que afetam as pessoas todos os dias, “desprezar seus potenciais como atores políticos do novo século seria incorrer em grande erro”.

Por fim, em atenção às informações acima, pode-se constatar que a *web* possibilita diversas atividades voltadas tanto para o bem quanto para o mal. Se a existência dos ciberativistas pode se mostrar salutar e promover transformações em alguns segmentos da sociedade, por outro lado tem potencial também para espalhar terror, medo e caos a partir da rede mundial de computadores, sem serem identificados para posterior punição.

### *1.5 Considerações finais*

Ao ler este capítulo, compreende-se que a comunicação e as interações entre os membros de uma rede social física ou virtual podem ser de natureza social, econômica, de trabalho, afetiva etc. Elas possibilitam a troca de informações, conseguindo inclusive mobilizar grupos para determinadas ações. No que tange aos interesses que movem as redes, pode-se separar por grupos eficientes dentro das redes porque incentivam os atores a se envolverem com temas específicos. A informação e o conhecimento são ferramentas estratégicas para todos os grupos da sociedade atual agirem em prol das causas que julgam prioritárias dentro do seu julgamento.

---

<sup>78</sup> [www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3009&tipo=acervo](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3009&tipo=acervo), acessado em 30/05/2013

<sup>79</sup> Idem

Ao entrar no universo dos Movimentos Sociais físicos, e também nos das Redes Sociais digitais, observou-se que o ser humano desde sempre viveu em conexão, antes essencialmente física, agora física e virtual. Para apoiar o referencial teórico, autores como Alex Primo, Francisco Rüdiger, Raquel Recuero, Pierre Lévy, Manoel Castells e outros, auxiliaram no entendimento do ambiente digital. Maria da Gloria Gohn e Whitaker mostram como os Movimentos Sociais físicos funcionam.

O capítulo aborda as influências dos Movimentos Sociais originados nas redes digitais no cotidiano. Apresenta os cenários tanto dos Movimentos Sociais quanto das Redes Sociais digitais, que ganharam força ultimamente no país. Abordou a questão do engajamento nas redes e o ciberativismo, que hoje tem em suas fileiras de “manifestantes sociais” os *cypherativistas* –pessoas capazes de influenciar todo um sistema de redes por meio de ações misteriosas e pouco rastreáveis. O capítulo fala sobre um tema multidisciplinar e que pode indicar as diversas possibilidades de vigilância da sociedade atual. A *web* está cada vez mais fiscalizada, no entanto ainda é possível, por meio de técnicas específicas agir de forma pouco visível, como fazem os *hacktivistas*. Eles podem influenciar os ambientes virtuais e influenciar no dia a dia das pessoas comuns transformando-as em vítimas virtuais.

O referido capítulo trata as questões das relações sociais mediadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, traça um paralelo com a cibercultura, finalizando-se com o ciberativismo na questão do *WikiLeaks*, que colocou em xeque o princípio da confidencialidade dos Estados. Algumas das mudanças ocorridas nas formas de relação entre os indivíduos foram causadas pelos frequentadores do ciberespaço, onde as regras ainda não estão implementadas. Sua movimentação depende exclusivamente dos usuários, dos códigos de ética e de conduta criados por eles mesmos.

No capítulo 2 serão apresentados tópicos sobre Internet e Redes Sociais, bem como suas influências sobre os usuários. Também mostrará a origem dos *sites* de relacionamento e das Redes Sociais digitais, onde as relações de troca entre as sociedades de diversas culturas se intensificam propagando novas ideias e conceitos. Essa relação de troca entre sociedade, cultura e tecnologia tem sido grande responsável pelas transformações. Isso pode não ser totalmente positivo, pois crianças, adultos, corporações e governos se sentem obrigados a estarem inseridos nestas formas de comunicação, com isso estão obrigados a aderir ao novo e ao desconhecido, mesmo quando não se deseja estar.

## CAPÍTULO 2: AS REDES SOCIAIS DIGITAIS E SUA TRANSFORMAÇÃO AO LONGO DE 20 ANOS

### 2.1 A Evolução das Redes Sociais digitais

Para explicar a evolução das Redes Sociais aqui analisadas, é necessário fazer uma digressão e explicar o surgimento de duas ferramentas que transformaram, de forma definitiva, as relações humanas e a disseminação das informações: a internet e a *world wide web* (www). Somente após a apresentação dos tópicos mais relevantes para o entendimento do estudo, serão abordadas as teorias. Isso se faz necessário para que durante o desenvolvimento do trabalho, as ferramentas estejam devidamente contextualizadas e as concepções teóricas apropriadamente colocadas para a compreensão da sistemática da Internet e das Redes Sociais e com a respectiva citação dos autores dentro deste universo complexo que é o ciberespaço.

A Internet surgiu no bojo de um projeto de pesquisa militar norte-americano — *Advanced Research Projects Agency* (ARPA)<sup>80</sup> — no ápice do período histórico conhecido como Guerra Fria, no final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta. Como explica Lima em seu livro *A Sociedade Digital: O Impacto da Tecnologia na Sociedade, na Cultura, na Educação e nas Organizações* (2000), o Arpa foi uma resposta estadunidense ao lançamento da nave *Sputnik* (1957) pela ex-União Soviética, episódio que marca o início da corrida espacial entre as duas superpotências.

Originalmente, o propósito do sistema desenhado pelo Arpa era interligar os maiores centros universitários de pesquisa dos Estados Unidos ao Ministério da Defesa (Pentágono), de modo a possibilitar não apenas um intercâmbio mais veloz de informações protegidas, mas também para dotar o país de um canal de informação capaz de sobreviver ao temido holocausto nuclear. A tecnologia empregada à época para a transmissão de dados — *Wide Area Networks* (WAN) — que ainda hoje sobrevive, mas não se pode afirmar o mesmo sobre a linguagem utilizada nos computadores ligados em rede. A *Wan* era tão complexa e difícil de ser usada que era entrave ao alastramento da rede interna (*Internet*, em inglês). Nos anos 70,

---

<sup>80</sup> Sigla para *Advanced Research Projects* e se refere a uma agência do governo americano responsável por diversos projetos, sendo o mais famoso deles a ARPANET (ARPA Network) que é a rede predecessora da Internet. [www.cedet.com.br/index.php?/O-que-e/Internet-e-Convergencia/arpa-advanced-research-projects-agency](http://www.cedet.com.br/index.php?/O-que-e/Internet-e-Convergencia/arpa-advanced-research-projects-agency), acessado em 08/04/2013

novas linguagens tornaram possível a criação de outra ferramenta revolucionária: o *e-mail*, termo inglês para correio eletrônico. O *e-mail* se converteu no primeiro e mais precioso instrumento de comunicação entre os cientistas dentro da Internet. Apenas na década de 1980 surgiram as primeiras aplicações externas e com potencial comercial da Internet. A criação dos provedores internacionais de serviço (ISP)<sup>81</sup> fez com que se abrisse e se oferecesse conexões à Internet dentro da casa dos cidadãos comuns. Era, porém um serviço incipiente, lento, complicado e que oferecia poucas ferramentas práticas aos usuários.

O panorama começou a mudar pelas mãos do pesquisador Timothy John Berners-Lee<sup>82</sup>, ao desenvolver, em 1989, a *www* (*world wide web*). A *web* foi disponibilizada ao público pela primeira vez dois anos depois, quando Berners-Lee criou os protocolos fundamentais para o funcionamento do que hoje tão comumente usamos em nossos computadores ou celulares: o endereço URL, o protocolo HTTP e código HTML. Isso tornou possível a navegação moderna na internet e a transformou no meio de comunicação com o crescimento mais rápido de todos os tempos.

Com o advento da Internet, tornou-se frequente o uso de um termo que merece, aqui, uma explicação mais detalhada: o ciberespaço. Cunhado por William Gibson (2008) em seu romance de ficção científica *Neuromancer*, publicado pela primeira vez em 1984, a palavra é resultado da junção de cibernético com espaço. Ele define o ambiente criado de forma virtual através do uso dos meios de comunicação modernos, destacando-se entre eles a Internet. Seria uma gigantesca rede interconectada mundialmente, através de um processo de comunicação “universal”. Mas acredita-se que o ciberespaço trouxe de revolucionário para as relações humanas foi a sua própria natureza interativa e o modo como esta interatividade o tornou uma realidade psicológica e social. Morigi e Pavan (2004) resumem muito bem esta mudança:

Estudos recentes mostram como na sociedade contemporânea configuram-se as novas formas de sociabilidade emergentes a partir das inovações e possibilidades tecnológicas. Neste contexto, em que o fluxo constante das trocas de informações se efetiva pelos meios comunicacionais, torna-se possível a criação de vínculos sociais nas comunidades virtuais. As novas “convivências” advindas da mediação tecnológica têm ampliado a rede de relações entre as pessoas e construído laços afetivos entre elas. O uso das ferramentas disponíveis na Internet abriu a possibilidade de as pessoas se “conhecerem” e estabelecerem relacionamentos sem qualquer contato físico anterior. Essa prática, cada vez mais comum, vem

---

<sup>81</sup>ISP, sigla em inglês para *Internet Service Provider*. Denominam-se por ISP as empresas que fornecem serviços de Internet.

<sup>82</sup>Físico britânico e professor da Massachusetts Institute of Technology (MIT)

modificando os hábitos, os comportamentos, tornando mais complexas as formas de interação social entre os indivíduos e produzindo novas formas de sociabilidade entre eles. (CI. INF. Brasília. 2004. p.117-125)

Para Ben-Ze'ev (2004), o ciberespaço é “um lugar onde pessoas reais têm interações reais com outras pessoas, enquanto podem moldar, ou até mesmo criar, as suas próprias personalidades e as de outras pessoas”. Relacionamentos virtuais seriam, portanto, aqueles que acontecem no ciberespaço, mediados pela rede mundial de computadores, popularmente tratada como Internet.

Com a evolução das tecnologias e o aumento considerável no número de internautas, surgiu a necessidade de se criar (e usar) uma ferramenta de comunicação mais abrangente, mais interativa e que permitisse ampliar as redes de contatos, pois mensagens de *e-mails* começaram a se tornar uma ferramenta de uso mais profissional, limitando-se aos usuários que possuíssem um endereço eletrônico. Havia ainda a restrição na distribuição das mensagens, restritas aos seus contatos e que não podiam ser repassadas com facilidade. Além disso, entre outros problemas, os endereços eletrônicos se tornaram alvo de publicidade e os *spams* começaram a proliferar nas caixas de entrada das pessoas, principalmente nos servidores gratuitos.

Há mais de vinte anos, antes de toda a estrutura e modernidade que se verifica no ambiente digital, quando a maioria da população de todos os continentes ainda não possuía consciência da dimensão que teria a Internet, o filósofo francês Pierre Lévy iniciou alguns estudos sobre cibercultura e inteligência coletiva. Com um olhar futurista e à frente de outros estudiosos, Lévy hoje é referência para muitos pesquisadores e seus estudos ajudam a compreender como funciona a principal rede de comunicação da atualidade. Desde os anos 1990, ele realiza uma série de investigações sobre as formas de acesso à informação por meio dos instrumentos digitais. Suas reflexões originaram o conceito da “cosmopédia” — designada pelo autor como “conhecimento universal no qual os indivíduos exploram, pesquisam, criam e preenchem os seus pensamentos, através da absolvição das suas descobertas”.

Quando iniciou seus estudos sobre a cultura digital, o próprio Lévy afirmava haver preconceito das pessoas contra o tema. Ele explicou a teoria formulada há 20 anos<sup>83</sup>, afirmando que “naquele tempo as pessoas diziam que a Internet era uma mídia fria, sem emoções e sem comunicação real. Mas hoje, com a mídia social, as pessoas compartilham músicas, imagens e vídeos”. Segundo Lévy, atualmente o ambiente cibernético e todo o seu conteúdo mudaram:

Há muitas emoções circulando nesses espaços de comunicação. O que acontecia antes era que as pessoas não sabiam do que estavam falando. O preconceito, na maioria das vezes, é gerado pela ignorância. Até mesmo com vocês, jornalistas, isso mudou. Eu lembro bem que naquela época os jornalistas tinham todo o tipo de preconceito com a comunicação digital, e hoje todos estão usando essas ferramentas. (LÉVY. *site O Globo*. Cultura. 2011).

Como se pode observar, Lévy e seus conceitos deixaram de ser um tema de difícil abordagem pela falta de conhecimento da cibercultura, passando a ser referência entre os estudiosos e críticos da sua postura ao iniciar o debate sobre os ambientes digitais, dos quais não se tinham muitas informações. Hoje, porém, o filósofo demonstra sua capacidade em perceber que a Internet é muito mais útil do que inicialmente se imaginou<sup>84</sup>. O primeiro-ministro britânico David Cameron, em 2011, criticou publicamente a Internet e as Redes Sociais, alegando que elas incitavam e facilitavam ações de violência. Pierre Lévy considerou absurda a fala do político e afirmou que a grande maioria da população daquele país utiliza as Redes Sociais também para assuntos importantes. Ele refutou ainda, a ideia de que se deveria controlar a rede por causa de uma pequena quantidade de baderneiros. “Criminosos usam estradas, telefones, qualquer forma que encontrarem para se comunicar. Não há nada específico que justifique responsabilizar as Redes Sociais pelos crimes cometidos”, afirmou, na mesma entrevista, Lévy, que é contra a censura na Internet. O autor defende que as Redes Sociais podem ser bem úteis para auxiliar investigadores da polícia a encontrar criminosos, entre outras causas, em todos os cantos do mundo.

Por meio de conceitos como “espaços de conhecimento” e “cosmopédia”, Lévy prenunciou o surgimento da *Wikipédia* e a eficácia da disseminação das redes de comunicação

---

<sup>83</sup> Entrevista concedida ao jornal *O Globo* em agosto de 2011. [www.oglobo.globo.com/cultura/especialista-em-cibercultura-frances-pierre-levy-critica-intencao-inglesa-de-controlar-redes-sociais-fala-sobre-futuro-dos-livros-2690647](http://www.oglobo.globo.com/cultura/especialista-em-cibercultura-frances-pierre-levy-critica-intencao-inglesa-de-controlar-redes-sociais-fala-sobre-futuro-dos-livros-2690647), acessado em 15/07/2013.

<sup>84</sup> O primeiro-ministro David Cameron sugeriu que a Inglaterra criasse uma forma de controlar as Redes Sociais para reduzir a criminalidade, pois elas teriam sido utilizadas como um dos principais meios de comunicação entre desordeiros e saqueadores para coordenarem atos de vandalismo, em agosto de 2011 naquele país.

digital. Há algumas décadas, aborda as implicações da tecnologia na sociedade, o que culminou em teorias mundialmente conhecidas como a cibercultura e a inteligência coletiva. O filósofo francês não se posiciona positivamente sobre os ganhos para a comunicação por meio da Internet e para a sociedade, pois acredita que ainda há muito a se descobrir e desenvolver.

## 2.2 A Internet e sua penetração

A partir da década de 1990, as empresas começaram a perceber o extraordinário potencial da Internet e, em pouco tempo, a *World Wide Web* (www) se transformou no atual modelo: uma rede flexível, formada por redes onde instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam suas próprias páginas eletrônicas. De acordo com Manuel Castells (1996), o processo de formação e difusão da Internet moldou de forma definitiva a estrutura do novo veículo de comunicação na arquitetura de rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais de comunicação. Este é um exemplo de como a produtividade da cooperação tecnológica por meio da rede a fez ser aperfeiçoada.

Castells diz ainda, no livro *A Sociedade em Rede*, que em 1996 a nova mídia, representada pelas tecnologias surgidas nos anos 1980, determinou um novo modelo de comunicação, onde a audiência tende a escolher suas mensagens. O autor fala da evolução de uma sociedade de massa para uma sociedade segmentada, resultante das novas tecnologias de comunicação. Devido à diversidade da mídia e à possibilidade de visar um público alvo, o autor afirma que “no novo sistema de mídia, a mensagem é o meio” (CASTELLS, 1999, p.364).

No Brasil, a Internet tem superado todas as outras mídias, com exceção da TV, que ainda mantém alta audiência e investimentos em publicidade. A ComScore, a pedido do Interactive Advertising Bureau (IAB)<sup>85</sup>, realizou o estudo “Como 80 milhões de brasileiros acessam a internet no Brasil”, para compreender a audiência online, os hábitos dos consumidores no ambiente digital e como a população se relaciona com a *web*. O resultado

---

<sup>85</sup> [www.iabbrasil.net/portal/institucional-iab/iab-no-mundo](http://www.iabbrasil.net/portal/institucional-iab/iab-no-mundo), acessado em 13/03/2013.



apontou que 42% das mais de duas mil pessoas entrevistadas passam conectadas por pelo menos duas horas, seja por meio do computador ou do celular. Para a mesma quantidade de horas, apenas 25% ficam na frente da TV<sup>86</sup>.

Pelo visto, a mídia mais utilizada hoje em dia é a Internet. Segundo o mesmo estudo, aproximadamente 30% dos entrevistados preferem navegar na *web* a utilizar outros veículos de comunicação. As Redes Sociais ficaram com 13% da preferência, e assistir tevê ficou com 11%. Com estes resultados pode-se inferir que a Internet é atividade realizada por todas as faixas etárias, inclusive entre os indivíduos com mais de 55 anos. A Internet é ainda a mídia mais utilizada na escola e no trabalho, além dos telefones celulares que podem estar em qualquer lugar. O consumo da mídia social, pelo período de um dia, supera o do jornal impresso pela manhã e o da TV à noite<sup>87</sup>.

Para demonstrar a penetração e importância da Internet na vida cotidiana, a pesquisa da IPSOS<sup>88</sup>, de abril de 2013, revela que os brasileiros dão pouca atenção à televisão e preferem a *web* para o consumo diário de notícias. Esta é a primeira fonte de informação, de qualquer natureza, para 70% dos entrevistados<sup>89</sup>. Além disso, o *e-mail*, que alguns especialistas condenaram ao fim, continua em plena utilização pelo mundo. Cerca de 90% dos internautas ainda utilizam este serviço. As Redes Sociais despontam como um dos serviços da *web* mais utilizados no Brasil. O mesmo estudo apontou que os brasileiros são os que mais assistem TV e navegam na internet ao mesmo tempo, entre um grupo que incluiu países latino-americanos, Espanha e Estados Unidos.

Percebe-se que o uso combinado de mídias faz cada vez mais parte do cotidiano do brasileiro e a TV não foi definitivamente abandonada, como previram alguns especialistas. A informação confirma o que escreveram Fragoso, Recuero e Amaral:

Os processos dinâmicos das redes são consequências diretas dos processos de interação entre os atores. Redes são sistemas dinâmicos e, como tais, sujeitos a processos de ordem, caos, agregação e ruptura. São processos denominados

---

<sup>86</sup> [www.administradores.com.br/noticias/marketing/pesquisa-indica-como-se-comportam-80-milhoes-de-brasileiros-na-internet/55387](http://www.administradores.com.br/noticias/marketing/pesquisa-indica-como-se-comportam-80-milhoes-de-brasileiros-na-internet/55387), acessado em 14/03/2012.

<sup>87</sup> Pela manhã, 14% das pessoas consomem jornal a web fica com 69%. À noite aproximadamente 78% das pessoas navegam e apenas 46% veem TV. Idem nota acima.

<sup>88</sup> Disponível em [www.convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?hl=&inford=33459&sid=122](http://www.convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?hl=&inford=33459&sid=122), acessado em 14/04/2013.

<sup>89</sup> [www.tecnologia.terra.uol.com.br](http://www.tecnologia.terra.uol.com.br), acessado em 14/04/2013.

emergentes, característicos dos sistemas complexos. (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2012, p. 126)

### 2.3 Redes Sociais e Inovações

A informação e o conhecimento são considerados fundamentais tanto na vida acadêmica quanto na profissional, e estes, quando transformados em ações ou estudos pelos indivíduos tornam-se atitudes valorizadas. Juntos trazem benefícios sociais e econômicos, estimulando o desenvolvimento e se tornam recurso fundamental para a formação e manutenção das Redes Sociais como um todo.

A convivência em rede é típica do ser humano. Ele se agrupa, estabelece relações de trabalho, amizade ou quaisquer outras, e estas relações podem se modificar conforme a trajetória de vida de todos. Os indivíduos são quem delineiam e expandem suas redes conforme a vontade de se inserir na realidade social. Seus interesses em determinados grupos ou temas são os fatores determinantes dos tipos de grupos com quem irão se relacionar. As Redes Sociais constituem uma das estratégias utilizadas pela sociedade para compartilhar seus interesses. Os processos sociais se modificam em velocidades grandes e as sociedades também seguem este curso, mudando seus *modi operandi* em muitos aspectos da realidade. Acredita-se que a informação e o conhecimento sejam essenciais para inovar, por isso as Redes Sociais digitais surgiram com a chegada e desenvolvimento das ferramentas de Internet e começaram a agir diretamente no processo de interatividade, na busca de convívio e de conhecimentos nos diversos grupos da sociedade.

Estudar os ambientes digitais requer considerar a natureza veloz na modificação das ferramentas e plataformas, além das várias interpretações dos estudiosos nos mais diversos contextos de pesquisa. A análise das Redes Sociais na Internet é fenômeno novo, ainda que, desde o início deste século a discussão de tais redes esteja entre alguns dos temas mais caros à Sociologia. Aqui, nesta pesquisa, procuramos entender as Redes Sociais a partir do olhar da autora, respeitando as dimensões a serem alcançadas nesta pesquisa.

A semente de todo este processo para chegar às atuais Redes Sociais virtuais foi plantada ainda nos anos 1990. Começaram a surgir os *blogs* no ciberespaço, eles foram os primeiros passos para determinar os rumos que tomariam a aglutinação de pessoas em um ambiente digital por causa dos seus interesses em comum. Por isto, tal fenômeno merece uma

explicação esmerada: o termo *weblog* (cujo significado literal é relatório diário da rede) foi criado pelo primeiro blogueiro<sup>90</sup> de que se tem notícia, Jorn Barger, em 1997. A abreviação da palavra para *blog*, por sua vez, foi criada por outro americano, Peter Merholz, que, de brincadeira, desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* (“nós blogamos”) na barra lateral de seu *blog* peterme.com, no início de 1999.

Representando uma espécie de evolução dos antigos manuscritos, muito populares entre as meninas, o *blog* é um diário pessoal virtual, um *site* onde o autor está sempre escrevendo coisas (“postando”, no jargão da rede). Qualquer pessoa com acesso à Internet pode criar um *blog* gratuitamente em questão de minutos, basta entrar numa das incontáveis plataformas à disposição na rede, fazer um cadastro e pronto. “É uma tribuna diária. Um espaço interativo. Um local para discussões políticas. Um canal com as últimas notícias. Um conjunto de links. Suas ideias. Mensagens para o mundo”.<sup>91</sup> As novidades de um *blog* aparecem sempre no topo da página, para que os visitantes logo as vejam. Se autorizadas pelo autor, essas pessoas podem ir muito além da simples leitura: deixar comentários, acrescentar um *link* ou enviar *e-mails*.

A blogosfera cresceu em ritmo acelerado, como é característico dos fenômenos associados à Internet. Em 1999, a estimativa era da existência de apenas 50 blogs. Nos anos 2000, os *blogs* se inseriram séria e definitivamente na Internet e, a partir de 2002, sua popularidade explodiu e começaram a contribuir para a expansão dos blogs uma série de ferramentas e soluções que simplificaram os complicados modelos iniciais, tornando-os mais simples e acessíveis. Em 2011, quando publicado o estudo “Memória do Cotidiano: registro da Comunidade Santa Clara na Web”, os dados eram de que em 2004, quando a empresa Technorati<sup>92</sup> realizou seu primeiro estudo intitulado de: *State of the Blogosphere* — hoje em sua 13ª edição — havia cerca de quatro milhões de *blogs* criados. As autoras de Memórias do Cotidiano, Maria Giovanna Guedes Farias e Isa Maria Freire, prosseguem com novos dados:

---

<sup>90</sup> O primeiro blog do mundo é o [www.scripting.com](http://www.scripting.com), segundo o [www.atendanarocha.com/2009/10/o-primeiro-blog-do-mundo.html](http://www.atendanarocha.com/2009/10/o-primeiro-blog-do-mundo.html), acessado em 30/10/2013.

<sup>91</sup> Definição do *site* [blogger.com](http://blogger.com), segundo maior hospedeiro de *blogs* da Internet, mantido pelo Google.

<sup>92</sup> [www.technorati.com/state-of-the-blogosphere](http://www.technorati.com/state-of-the-blogosphere), acessado em 13/04/2013.

Já em abril de 2010, o Netcraft<sup>93</sup> contabilizou 205 milhões de *sites*, destes 20% são *blogs*, além de sinalizar que a blogosfera dobra de tamanho a cada cinco meses e meio. Seu acesso pode ser restrito apenas aos seus criadores, como também, serem compartilhados com um grupo de amigos para permitir as trocas de vivências e opiniões, ou para o público em geral. (GUEDES, FREIRE. 2011. p.124<sup>94</sup>)

De acordo com o estudo da Pingdom<sup>95</sup>, as plataformas mais usadas pelos blogueiros ao redor do mundo eram *Wordpress*, *Blogger*, *Tumblr*, *Typepad*, *Posterous* e outros. Segundo o mesmo levantamento, existiam 59,4 milhões de domínios dentro do *Wordpress*, o que mostra a exata dimensão do enorme potencial desta ferramenta<sup>96</sup>. Os *blogs* hospedados por esta plataforma possuem 120 idiomas, sendo inglês o mais frequente, seguido do espanhol e do português. O que nasceu como um mero desejo de manifestar pensamentos e partilhar interesses mútuos há apenas 13 anos, se tornou um negócio de dimensões milionárias, à altura do mercado editorial.

O *Huffington Post*<sup>97</sup>, lançado em 2005 como um *blog*, se tornou o primeiro veículo de mídia digital a conquistar o prestigiado Prêmio *Pulitzer* e foi vendido em fevereiro de 2011 ao grupo AOL por US\$ 315 milhões de dólares. Hoje, os *blogs* mantêm importância fundamental no ciberespaço, por isso empresas e instituições de todos os setores fazem uso desta ferramenta. Ela possui importância estratégica e é relevante para as empresas estarem presentes na blogosfera para atender seu público, prestando informações, se aproximando e interagindo. A imprensa tradicional é uma das várias usuárias desta ferramenta. Os jornais e revistas mantêm seus portais com diversos *blogs* de assuntos e autores variados.

---

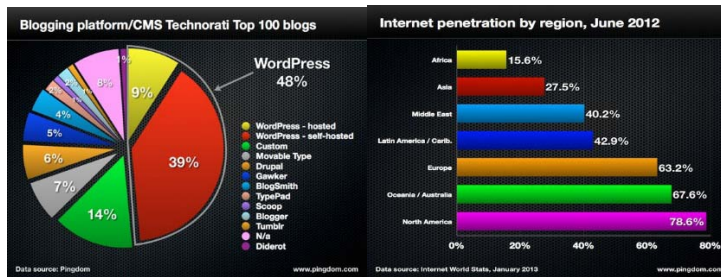
<sup>93</sup> Disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.news.netcraft](http://www.news.netcraft). Com, acessado em 13/04/2013.

<sup>94</sup> Disponível em [www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22079/14314](http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22079/14314), acessado em 20/06/2103.

<sup>95</sup> Empresa de monitoramento e segurança de *web* [www.royal.pingdom.com/2012/04/11/wordpress-completely-dominates-top-100-blogs/](http://www.royal.pingdom.com/2012/04/11/wordpress-completely-dominates-top-100-blogs/), acessado em 14/04/2013.

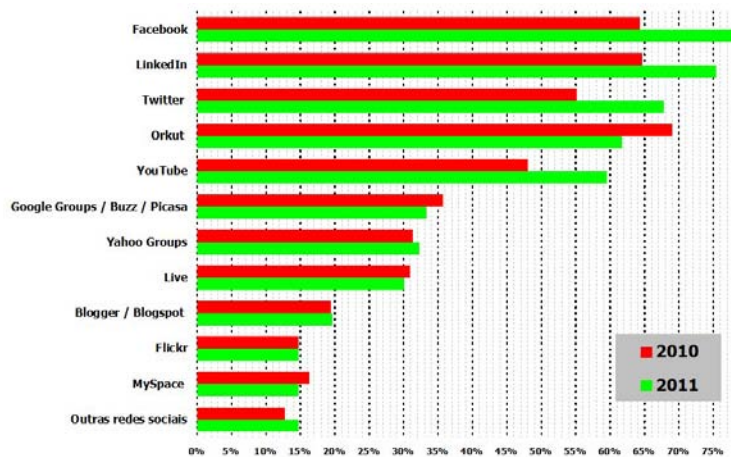
<sup>96</sup> Estudo disponível [www.royal.pingdom.com/2013/01/16/internet-2012-in-numbers](http://www.royal.pingdom.com/2013/01/16/internet-2012-in-numbers), acessado em 14/04/2013.

<sup>97</sup> Portal de notícias e agregador de *blogs* americano criado por Arianna Huffington e Kenneth Lerer. Disponível em [www.huffigtonpost.com](http://www.huffigtonpost.com), acessado em 20/08/2013.



As plataformas mais utilizadas pelos blogs e a penetração por territórios segundo a Pingdom.

Já as Redes Sociais digitais ocupam o *status* de mania mundial há menos de 10 anos. Antes de aprofundar o leitor nos perfis das mais diversas redes, apresenta-se um pequeno histórico sobre sites de relacionamento, que desde o início dos anos 2000 atrai usuários de todas as idades e também a atenção de pesquisadores pela capacidade de atração que estas plataformas apresentam.



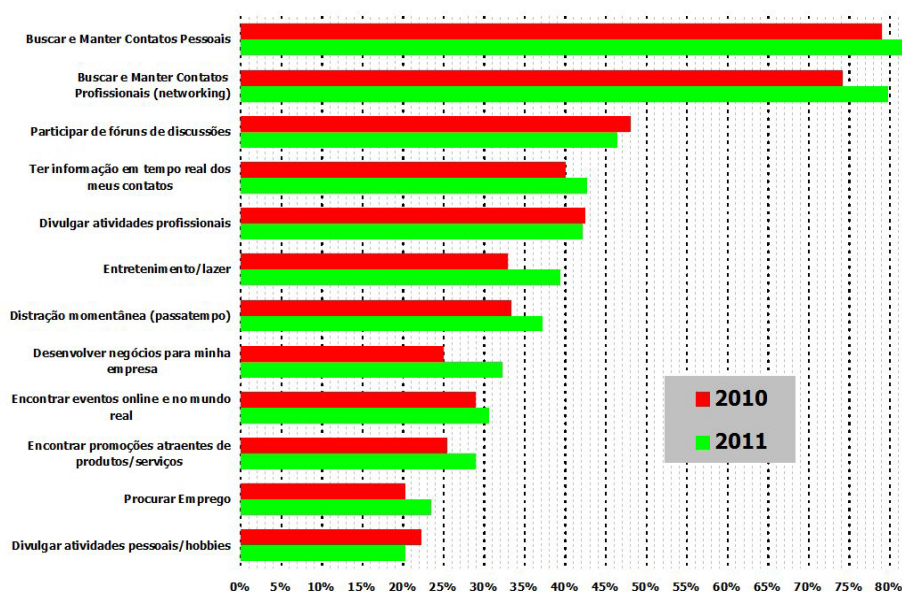
Participação nas Redes Sociais segundo a MBI<sup>98</sup>

Os *sites* de relacionamento, como também podem ser chamadas as páginas de Redes Sociais, servem para as pessoas se relacionarem, por meio do computador, e estabelecerem algum tipo de interação. Esta depende de fatores diversos como, por exemplo, interesses pessoais na hora da conexão. Estas páginas foram criadas para atrair determinados perfis de público. São pequenos nichos que têm como principal forma de acesso os provedores de Internet, que podem ou não solicitar dados pessoais daqueles que os acessam. Unem pessoas

<sup>98</sup> [www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/relatorios/2011-05-2a-pesquisa-anual-sobre-redes-sociais](http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/relatorios/2011-05-2a-pesquisa-anual-sobre-redes-sociais), acessado em 01/11/2013.

com os mesmos interesses, a exemplo, sexo, jogos, etc. Alguns, como o *SmallWorld* e o *Beautifulpeople*, restringem o acesso a pessoas ricas ou famosas. No caso do segundo, das bonitas. Recentemente esta rede foi denunciada por excluir cerca de 5.000 pessoas obesas. Existem centenas de *sites* de relacionamentos, com aspectos tecnológicos semelhantes, mas voltados para culturas e interesses variados. No entanto, ainda não se pode afirmar qual o alcance e o número de acessos a estas páginas.

A comunicação com pessoas localizadas em diferentes espaços geográficos, ou encontrar pessoas com quem se perdeu contato, passou a ser mais fácil depois do aparecimento das Redes Sociais digitais. A partir delas os usuários começaram a encontrar amigos e familiares com quem não falavam há tempos, e assim a adesão a esta ferramenta cresceu. Parafraseando Pierre Lévy, essa relação de trocas entre a sociedade, cultura e as novas tecnologias vem se intensificando por causa das constantes transformações do nosso meio. A tabela abaixo, sobre Redes Sociais, teve como público-alvo profissionais de tecnologia da informação e executivos de grandes e médias empresas do setor no Brasil e confirma a afirmação acima.



Fonte: MBI<sup>99</sup>

<sup>99</sup> [www.mbi.com.br/mbi](http://www.mbi.com.br/mbi), acessado em 01/11/2013.

A cibercultura foi levada ao campo das inovações tecnológicas obrigando os vários setores da sociedade a fazerem parte dela. Isso também ocorreu com as empresas e organizações que, além de estarem inseridas no meio virtual devem conciliar a cultura organizacional, a tradição da empresa e a cultura trazida pelos meios de comunicação. Para fazer uso das palavras de Pierre Lévy (1999, p. 22) e mostrar o rápido desenvolvimento do ambiente cibernético, serão apresentadas algumas das Redes Sociais mais famosas dos últimos tempos. Elas serão apresentadas por uma breve introdução para cada, seguindo por ordem cronológica de criação das mesmas. Os dois objetos da presente pesquisa, *Facebook* e *Twitter*, serão apresentados no item 2.2: *Conhecendo os canais de estudo*.

### 2.3.1 AOL Instant Messenger (1997)

Um dos primeiros provedores de Internet, a America Online foi pioneira na criação das chamadas salas de bate-papo (*chatrooms*). Com o AOL Messenger, as primeiras mensagens instantâneas começavam a ser enviadas pela internet no ano de 1997 e que permite aos seus usuários registrados comunicação em tempo real por texto, voz ou vídeo. Mesmo com o acesso limitado aos assinantes do provedor, o *AOL Messenger* teve um papel importante na popularização das mensagens instantâneas.

Antes dessa, a única experiência digna de menção foi a *classmates.com*, cujo propósito era realizar reencontros entre amigos de faculdade, escola, etc. O *classmates.com* levou para o ambiente digital as relações sociais criadas dentro das instituições de ensino, permitia que os internautas se filiassem utilizando o nome de seus colégios ou faculdades e encontrassem amigos que estivessem também inscritos, no entanto não havia criação de perfis individuais. Um dos problemas, o *site* cobrava por seus serviços, ao contrário das redes que chegariam um tempo depois. Seu sucesso ficou restrito aos Estados Unidos e ao Canadá.

### 2.3.2 Sixdegrees (1997)

Também criada nos Estados Unidos, foi a primeira rede social a permitir a criação de um perfil virtual, bem como a publicação e listagem de contatos. Formatou um novo modelo de interação, permitiu a visualização dos perfis por pessoas que não pertenciam às listas e enviar mensagens para outros usuários. No caminho certo para atrair milhares de pessoas, o *Sixdegrees* não conseguiu se manter como negócio lucrativo e deixou de existir. Após esta, várias outras semelhantes foram criadas, como a *LiveJournal*, onde os usuários cadastrados

montam *blogs*, jornais ou diários. Cada pessoa possui um perfil e pode interagir com outros perfis ou comunidades. O serviço padrão, mais simples, é gratuito, no entanto a *LiveJournal* disponibiliza uma plataforma mais completa para a manutenção dos perfis.

### 2.3.3 *Friendster* (2002)

Durante o período de 1997 e 2002, várias Redes Sociais foram criadas, porém entre essas a que mais se aproxima do formato atual é o *Friendster*. Essa rede social conquistou muitos internautas. Pesquisas feitas na época revelaram que um em cada 126 usuários utilizavam essa rede social. Com o conceito de círculo de amizades, a *Friendster* encorajava laços de relacionamento entre pessoas com interesses em comum. Seguindo o mesmo perfil da *Sixdegrees*, ela também permitia a criação e divulgação de perfis e listas de contatos.

A *Friendster* cresceu mais rápido que o sistema e seus servidores de dados podiam suportar (chegou a registrar mais de três milhões de usuários cadastrados) e os problemas técnicos passaram a ser constantes, assim como com as demais pioneiras das Redes Sociais. Nos anos seguintes, a chegada de concorrentes de peso e com mais recursos (que serão citados a seguir) minaram o impacto da *Friendster*. A rede social chegou a receber, devido ao sucesso alcançado, proposta de compra de US\$ 30 milhões, feita pelo Google. O dinheiro foi recusado, mas a rede caiu em desuso.

### 2.3.4 *Myspace* (2003)

Logo após o sucesso da *Friendster*, surgiu a rede social *Myspace*, conhecida como um “clone” da anterior, porém em versão repaginada. A imensa desconfiança se deve à semelhança entre as duas e pelo fato da primeira versão disponibilizada ter sido codificada por seus criadores em apenas dez dias. Desde seu surgimento, o *MySpace* reinou absoluto na Internet. A rede social conseguiu atrair até as estrelas de *Hollywood* e outras celebridades. Ela se tornou também uma plataforma para músicos e outros artistas mostrarem o seu trabalho.

Com os aperfeiçoamentos posteriores, o *Myspace* se converteu em uma rede social totalmente interativa, com espaços para músicas, fotos e um blog que pode ser personalizado por cada usuário, focando principalmente no público da geração Y (também chamada geração Internet). *Myspace* impulsionou a interação social por meio de uma experiência altamente personalizada, por isso se tornou uma das Redes Sociais mais populares do mundo, principalmente nos Estados Unidos.



Em 2008, teve seu número de usuários superado, nos EUA, pelo recém-criado *Facebook*. O *MySpace* permitia o anonimato e cedia espaço para o usuário escrever e compartilhar conteúdos sem precisar identificar-se. No entanto, com o surgimento de outras Redes Sociais e pela falta de novidades que atraíssem o público geral, o site pereceu e perdeu usuários.

O site *olhardigital.com.br* — especializado em assuntos tecnológicos e em ambientes digitais — registrou que, de acordo com a pesquisa realizada pela ComScore, entre janeiro e fevereiro de 2011, o *MySpace* perdeu 14% dos quase 100 milhões de usuários<sup>100</sup>. Em junho de 2011, foi vendido para uma empresa norte americana de mídia interativa por US\$ 35 milhões, a *Specific Media*, que prometeu uma reformulação total e o relançamento da rede até o final do ano de 2012. Em 2013, ela apareceu reformulada e com o nome de *New Myspace*. Ela permite cadastro a partir do *Facebook*, veio com novo visual, com modelo mais arrojado e apostando na navegação horizontal. Além disso, está formulado para baixar ou subir músicas de forma mais fácil e está com formato simplificado. O grande desafio será tirar os usuários das outras redes e fazê-lo migrar para esta.

### 2.3.5 *LinkedIn* (2003)

Lançado em 2003, o *LinkedIn* apareceu com uma proposta completamente diferenciada das outras redes existentes na época. Ao contrário das demais, não tinha como foco a integração de grupos de amigades com interesses em comum. O seu assunto era trabalho e seu objetivo unir profissionais. Conhecida como um recurso para os empresários que queiram se comunicar, ou mesmo recrutar pessoas para suas instituições, o *LinkedIn* trata a ligação entre os usuários com o termo conexões e não como contatos como as demais redes.

O *LinkedIn* anunciou no seu *blog*<sup>101</sup>, em janeiro de 2013, a marca de 200 milhões de usuários no mundo. Um dos destaques desta rede social é o Brasil. Terceiro país com mais membros, atrás apenas da Índia e dos EUA, e o segundo de crescimento mais veloz na

---

<sup>100</sup> [www.olhardigital.uol.com.br/noticia/numero\\_de\\_usuarios\\_do\\_myspace\\_ainda\\_esta\\_caindo/17074](http://www.olhardigital.uol.com.br/noticia/numero_de_usuarios_do_myspace_ainda_esta_caindo/17074), acessado em 30/10/2013.

<sup>101</sup> [www.blog.linkedin.com/2013/01/09/linkedin-200-million](http://www.blog.linkedin.com/2013/01/09/linkedin-200-million), acessado em 20/03/2013.

plataforma móvel. Não tão popular quanto o *Orkut* e o *Facebook*, a rede social lançou suas ações na bolsa de valores norte americana em 19 de maio de 2011, 8 anos depois da estreia nos meios digitais.

A página inicial do *site* apela aos usuários que se cadastrem para encontrar antigos colegas de trabalho, conhecer especialistas em vários assuntos ou para achar o emprego dos sonhos. É como um grande classificado de jornal. Fonte rica de currículos virtuais, por isso, muitas instituições recorrem ao *LinkedIn* para encontrar e selecionar os candidatos. Das empresas que fazem seleções via Redes Sociais, 95% das contratações partiram do *LinkedIn*.

### 2.3.6. *Web 2.0 (2004)*

Uma das maiores criações em termos de *web* aconteceu em 2004, com a chegada da *web 2.0* — termo criado em 2004 pela empresa O'Reilly Media<sup>102</sup> para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "*Web como plataforma*". Esta plataforma chegou inovando e utilizando softwares como os — do termo havaiano que significa leve e que permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo precise ser revisado antes da publicação —, utiliza ainda aplicativos baseados em indexadores feitos pelos próprios usuários, Redes Sociais e tecnologia da informação.

Embora o termo remeta à impressão de ter sido criada uma nova versão para a *Web*, ele não trata de especificações técnicas, sim de uma mudança na forma como ela é utilizada. Ela facilita a interação e participação dos usuários. A *Web 2.0* indica o aparecimento da segunda geração de comunidades, uma espécie de evolução do que fora criado nos anos 1990. Apesar de muitos identificarem essa nova terminologia apenas uma estratégia de *marketing*, o fato é que, coincidência ou não, exatamente em 2004 surgiram as Redes Sociais que se tornaram um grande sucesso no mundo todo.

### 2.3.7. *Orkut (2004)*

---

<sup>102</sup> [www.oreilly.com/](http://www.oreilly.com/), acessado em 20/04/2013.

Esta rede social, febre entre os anos 2005 e 2009, foi criada pelo engenheiro turco e colaborador do *Google* chamado Orkut Büyükkökten. Ele desenhou a rede social com a proposta de possibilitar aos usuários a obtenção de novas amizades e de procurar (e encontrar) as antigas. Quando lançada, seu objetivo era alcançar o sucesso entre os internautas norte-americanos. No entanto, foi no Brasil e na Índia que o *Orkut* se tornou febre.

Quando chegou ao Brasil, proporcionou aos brasileiros a chance de conhecer uma rede social de simples manuseio e com opção para acesso em língua portuguesa. Isso o tornou mais popular, pois os outros *sites* concorrentes, como o *Friendster* e o *MySpace*, somente disponibilizavam suas páginas em inglês. O *Orkut* inovou com a criação das mais diversas comunidades sobre os mais variados assuntos e indicadas para os mais diferentes tipos de pessoas e gostos, ideais, desejos, grupos e tendências.

Inicialmente, para se cadastrar no *site* era necessário receber um convite de algum participante. Isso gerou uma enorme interação por parte dos usuários, colocando a rede social no topo até meados de 2008, quando ele ainda era a grande preferência dos brasileiros. Quem não possuía uma conta era tachado de desatualizado. Era comum que os usuários adicionassem outros sem nunca tê-los visto e concorriam para ter as maiores listas de amigos, independentemente de serem conhecidos de verdade ou apenas um número na tela do computador.

Cresceu muito por conta da política econômica brasileira que deu à classe mais pobre ter acesso à Internet. Essa popularização da rede social tanto beneficiou quanto prejudicou seu desempenho. Muita gente migrou para o *Facebook* quando as mensagens passaram a ter um cunho populista e também porque a rede não tinha muitos investimentos em privacidade do usuário. O *Orkut* permaneceu no auge da preferência dos brasileiros durante quatro anos. No início de 2012, caiu para a segunda posição.

Hoje o *Orkut* foi integrado pelo *Google*. Os usuários das duas redes conseguem postar ao mesmo tempo quando atualiza seu perfil, em um ou no outro. Esta foi anunciada no final de maio de 2012, quando o *Google+*, lançado há pouco mais de um ano, ainda possuía poucos usuários.

### 2.3.8. *Google+* (2011)

O site de buscas *Google*, depois de várias tentativas de lançar uma rede social que levasse o público a migrar para ela, criou em 2011 o *Google+* (lê-se *Google Plus*). A gigante do mercado apostou em um projeto que daria destaque aos círculos de amizade e à *social*

*search* (Buscas). A ideia inicial era permitir a interação entre os usuários de forma restrita pelo dono da conta. Ao compor os seus círculos de amizade, os acessos às postagens seria apenas para o grupo autorizado.

Utilizando ferramentas como o *hangout* — onde é possível fazer uma conferência em tempo real com vários usuários —, o *Google* inovou. Para melhor publicidade, recorreu à presença de celebridades para divulgar a rede social e fazer com que a proposta se tornasse mais atraente. Logo no seu lançamento, ganhou 90 milhões de cadastros. No entanto, o número não se converteu em usuários ativos.

No Brasil e no mundo, é o *Facebook* quem domina amplamente o segmento das Redes Sociais. Dados divulgados pela Experian Hitwise<sup>103</sup> em janeiro de 2013 apontam que, no mundo, o Google+ possui apenas 150 milhões de usuários ativos, o equivalente a um terço dos usuários do *Facebook*. No Brasil, a participação da ferramenta é de somente 1,17%. O *Orkut*, mesmo tendo perdido usuários, ainda possui 12,42% dessa audiência e o *Facebook* 55,5%. Ainda assim, o *Google +* foi a rede social com maior crescimento em 2012.

Rank	Websites (2,182 returned)	Visits Share
1	Facebook	65.03%
2	YouTube	18.47%
3	Orkut	3.01%
4	ask.fm	2.52%
5	Twitter	1.91%
6	Yahoo! Answers Brasil	1.64%
7	Badoo	1.09%
8	Bate-papo UOL	0.89%
9	Google+	0.85%
10	Windows Live Home	0.70%

Dados da Experian Hitwise em fevereiro de 2013.

#### 2.4. Contexto Atual

<sup>103</sup> Ferramenta líder global de inteligência digital da Experian Mundial, faz o monitoramento de 25 milhões de usuários no mundo. No Brasil, mede o comportamento de mais de 500 mil pessoas, distribuídas geograficamente para representar a população online do País. [www.serasaexperian.com.br/hitwise](http://www.serasaexperian.com.br/hitwise)

Atualmente, segundo a pesquisa “Envelhecimento da população mundial – 2009” (World Population Ageing – 2009)<sup>104</sup>, mais de 50% da população mundial estão abaixo de 30 anos. Destas, 96% participam de alguma rede social pela Internet.

As Redes Sociais (físicas ou digitais) servem para estabelecer laços sociais e estes, quando obtidos por meio das redes digitais, podem se potencializar ainda mais, em função da facilidade de comunicação que supera obstáculos geográficos e pessoais mais facilmente que em ambientes reais, tornando a Internet um meio eficaz e ligeiro. Esses laços, como vêm sendo divulgados em estudos recentes sobre marketing digital, demonstram que esse poder de comunicação impressionante pode vir a causar também prejuízos substancialmente grandes a marcas de produtos e a imagens de pessoas, principalmente as públicas.

Para se ter uma ideia do poder de uma mensagem postada por uma celebridade, cada vez que a cantora Lady Gaga posta no seu *Twitter*, mais de 36 milhões de pessoas podem ler suas mensagens<sup>105</sup>. A média de réplicas das mensagens (retuítés) é de um em cada três seguidores, portanto, já se pode ter noção do impacto que uma simples mensagem pode causar. Deve-se registrar que, no *Twitter*, oito dos dez perfis com maior número de seguidores eram de cantores e cantoras pop, de acordo com levantamento do site *twittaholic.com*. As exceções eram o presidente norte-americano Barack Obama e o perfil criado pelo *YouTube*.

Em 2012, as Redes Sociais promoveram uma mudança nos hábitos das pessoas. Segundo a pesquisa “Social Media Report”, realizada nos EUA pela Nielsen e pela NM Incite, o tempo total *online* gasto nas redes digitais aumentou de 88 bilhões de minutos em 2011 para 121 bilhões em julho de 2012. Além de milhares de pessoas físicas que aumentam seu tempo de acesso, empresas também estão aderindo, cada vez mais, ao ciberespaço, local que permite alcançar mais gente em menos tempo e menos custo com campanhas publicitárias. Em relação à publicidade, talvez a Internet seja bastante atrativa porque apenas 18% das pessoas que visualizam um anúncio confiam nele.<sup>106</sup> As redes proporcionam a réplica de mensagens entre pares. Um simples anúncio pode ser elevado à condição de

---

<sup>104</sup> [www.blogs.estadao.com.br/celsoming](http://www.blogs.estadao.com.br/celsoming), acessado em 14/04/2013.

<sup>105</sup> O número de seguidores da cantora em 07/11/2013 era de 40.443.088.

<sup>106</sup> Número apresentado pelo Manual de Marketing em Mídias Sociais (BAREFOOT, Daren, 2010).

recomendação e, por conseguinte, alcançar resultados mais expressivos a partir dos comentários e compartilhamentos realizados via Internet.

## 2.5 Conhecendo os canais deste estudo

### 2.5.1 O Twitter

Em 2006, criada pela Obvious Corp., a rede social do passarinho azul viria para transformar a maneira de se comunicar na internet. O *Twitter* — termo inspirado no piado de um pássaro, *tweet*, em inglês — pode ser considerado como uma rede inovadora na forma e na velocidade da informação. Com características bem diferentes das demais Redes Sociais, e com um máximo de apenas 140 caracteres para cada publicação de conteúdo (conhecido como *tweet*, ou tuíte, como doravante será tratado), o *Twitter* passou alguns anos no anonimato, mas veio conquistando espaço até se tornar uma das principais Redes Sociais do mundo.

Ele é uma rede social e servidor para *microblogging* que permite enviar e receber as atualizações dos perfis de sua escolha, segundo a segundo. Essas atualizações são exibidas em tempo real e podem ser redistribuídas por quem lê a informação, com isso pode alcançar milhares de pessoas em poucos minutos. No seu sétimo aniversário, o *Twitter* contabiliza mais de 200 milhões de usuários.

Dois grupos de pesquisa — *Web Ecology e Semiocast* —, revelaram que a língua portuguesa figura entre as três mais utilizadas no *Twitter*<sup>107</sup>. De acordo com outro estudo realizado pela agência *Bullet*, a maioria dos usuários brasileiros do *Twitter*, cerca de 33,3 milhões, é composta por homens na faixa de 21 a 30 anos, solteiros, boa parte dos quais moradores dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na maior parte, são pessoas com ensino superior completo e renda mensal entre R\$ 1.000,00 e R\$ 5.000,00<sup>108</sup>.

A revista *Veja*, em 07/06/2012, publicou uma reportagem sobre o número de tuítes diários registrados na rede<sup>1</sup>. Foram 400 milhões de mensagens contabilizadas, de acordo com

---

<sup>107</sup> [www.redesociaisnc.blogspot.com.br/p/twitter.html](http://www.redesociaisnc.blogspot.com.br/p/twitter.html), acessado em 23/05/2013.

<sup>108</sup> Na pesquisa foram consultados 3.268 brasileiros por meio do site da *Bullet* e o *Migre.me*, no período de 27 a 29 de abril de 2009.

dados apresentados por Dick Costolo, CEO da companhia. Em maio de 2012, a média era de aproximadamente 340 milhões de tuítes a cada 24 horas. O CEO revelou, ainda, que a maior parte dos usuários acessa a plataforma por meio de dispositivos móveis, superando o acesso feito a partir de computadores.

De acordo com a pesquisa divulgada em junho de 2011 pela empresa de métricas Compete, o *Twitter* é a rede social com a maior penetração entre usuários de *smartphones e tablets*<sup>109</sup>. Segundo o mesmo estudo, o *Twitter* teve queda significativa no Brasil, com o número de acessos caindo 24% no período de um ano. Entre julho de 2011 e julho de 2012, o microblog passou de 12,9 milhões de acessos para 9,7 milhões. De acordo com a pesquisa, entre as ferramentas mais importantes para o público do país está a possibilidade de ver e comentar fotos de amigos, o que faz com que o *Twitter* perca espaço<sup>110</sup>.

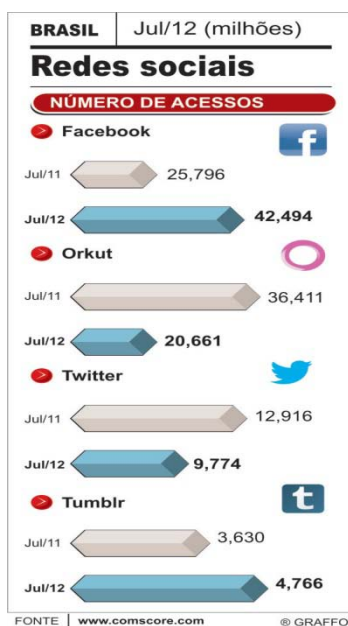
O analista do Ibope Nielsen Online José Calazans afirmou que o *Twitter* não está perdendo importância, mas sim uma “reacomodação” causada pela expansão do *Facebook* no Brasil. “Até o ano passado, o *Twitter* tinha um grande volume de mensagens que eram brincadeiras, memes e outras postagens com o objetivo de gerar reconhecimento entre os amigos. Com o crescimento do *Facebook*, essas brincadeiras começaram a deixar o *Twitter*<sup>111</sup>.”

---

<sup>109</sup> [www.agence.com.br](http://www.agence.com.br), acessado em 11/02/2013.

<sup>110</sup> Segundo pesquisas da ComScore e Enken Publicidade Digital, acesso em 3.9.2012.

<sup>111</sup> [www.blogs.estadao.com.br/link/em-fase-de-migracao/](http://www.blogs.estadao.com.br/link/em-fase-de-migracao/), acessado em 18.11.2012



Números de acessos às redes Sociais em julho de 2012.

Ao comparar estes dados com os dos Estados Unidos, percebe-se a clara diferença na utilização desta rede social nos dois países. Nos EUA, a rede social continua a crescer já possui mais de 108 milhões de contas<sup>112</sup>. De acordo com a ComScore, na terra natal do *Twitter* as previsões são otimistas. Estima-se que a quantidade de usuários ativos chegará a 28 milhões. Em agosto de 2012, a empresa anunciou que está investindo na melhoria da ferramenta para anunciantes, o que tornará a rede mais acessível para o direcionamento dos tuítes promovidos. Segundo estimativas, o faturamento anual da empresa saltaria dos atuais US\$ 260 milhões para US\$ 540 milhões em 2014.

Apesar de algumas perdas, houve estagnação no número de usuários no Brasil e a empresa já tem planos para a filial no país. Vai expandir a empresa oferecendo vagas no escritório que irá inaugurar. O *Twitter* está de olho na Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016<sup>113</sup>. Com o mercado crescendo e a tecnologia ficando mais acessível, o microblog, além de investir em inovações, também está apostando na transição da *web* para o

<sup>112</sup>[www.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/twitter-chega-aos-7-anos-com-40-de-usuarios-que-nao-tuitam.html](http://www.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/twitter-chega-aos-7-anos-com-40-de-usuarios-que-nao-tuitam.html), acesso em 24/03/2013.

<sup>113</sup>[www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/11/fundador-do-twitter-diz-nao-se-preocupar-com-crescimento-do-facebook.htm](http://www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/11/fundador-do-twitter-diz-nao-se-preocupar-com-crescimento-do-facebook.htm), acessado em 24/03/2103.



celular, pois em um universo onde, segundo a empresa Ericsson<sup>114</sup> o número de usuários de *smartphones* era de 1,1 bilhão no fim de 2012. A empresa afirma ainda que os números de adesões aos celulares inteligentes vai quase quadruplicar globalmente até 2018, impulsionando um grande aumento de dados e redes móveis. O *Twitter* comemora e, segundo dados divulgados pela empresa em maio de 2012<sup>115</sup>:

- 55% dos usuários acessam o *Twitter* em dispositivos móveis. O crescimento é de 40% a cada trimestre;
- O número de tuítes a cada três dias chega a 1 bilhão;
- 60% dos usuários tuitam algo;
- 100% leem as publicações dos outros;
- 79% das pessoas seguem marcas para ter acesso a conteúdo exclusivo, como promoções.
- O percentual de engajamento dos tuítes patrocinados varia entre 1% e 3%.

As estatísticas comprovam que o crescimento do acesso à Internet em dispositivos móveis aumenta o número de pessoas nesta rede social e as empresas começaram a se importar em utilizar a Redes Sociais. A empresa também divulgou que todos os seus usuários consomem conteúdo na rede social, mas nem todos produzem. Em relação à publicidade, esta possui pequena taxa de aceitação, o consumidor tende a confiar mais em indicações de amigos.

O *Twitter* possui alto potencial de propagação de informações e tem sido utilizado como uma poderosa ferramenta de guerrilha digital, principalmente por pessoas ligadas a partidos políticos e empresas de comunicação que fazem gestão de imagem digital para pessoas ou empresas. Uma grande quantidade de pessoas são contratadas para trabalhar disseminando conteúdos a favor ou contra uma “causa”. Essa estratégia pode gerar bons resultados, mas pode ser extremamente prejudicial no caso de disseminação de más notícias sobre um tema ou erros cometidos por algum líder/pessoa pública.

---

<sup>114</sup> [www.tecnologia.terra.com.br/negocios-e-ti/ericsson-numero-de-smartphones-crescera-4-vezes-ate-2018](http://www.tecnologia.terra.com.br/negocios-e-ti/ericsson-numero-de-smartphones-crescera-4-vezes-ate-2018), acessado em 19/06/2013

<sup>115</sup> [www.colunadigital.com.br](http://www.colunadigital.com.br), acessado em 25/04/2013.

### 2.5.2 O Facebook

Sucesso atualmente, o *Facebook* — que em outubro de 2012 possuía 54 milhões de usuários no Brasil — surgiu em 2004 com o nome de *The Facebook*, fundado pelos ex-alunos da Universidade de Harvard (EUA) Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Cris Hughes. No início, a rede social funcionava apenas para os estudantes de Harvard. Com o passar do tempo, foi se expandindo para outros *campi* estudantis e, em 2006, qualquer pessoa com mais de 13 anos de idade, de quase todas as partes do planeta, poderia criar o seu perfil.

No início de 2011, o *Facebook*, que removeu *The* do seu nome, superou a barreira dos 500 milhões de usuários ativos. Por comparação, se esta rede social fosse um país, ele seria o terceiro maior do mundo em população, perdendo apenas para a China e a Índia. Os Estados Unidos são o líder disparado em termos de usuários, com mais de 160 milhões de pessoas cadastradas na rede. A rede de Mark Zuckerberg registrava, em setembro de 2012, 950 milhões de usuários. Destes aproximadamente 500 milhões acessavam seus perfis diariamente<sup>116</sup>. As faixas etárias são: Pessoas de 25 a 34 anos representam 29,7% de registros. De 18 a 24 são 24,5% inscritos, e pessoas de 35 a 44 anos aparecem com apenas 23,7% de presença. As mulheres são maioria e contabilizam 53% dos perfis na rede. O engajamento é 18% maior às quintas e sextas-feiras<sup>117</sup>.

O Brasil liderava, segundo aponta o instituto *SocialBakers*, em janeiro de 2013, a lista dos países que mais cresceram em novos usuários do *Facebook*. O relatório divulgado pela instituição demonstrava que 29 milhões de brasileiros passaram a utilizar, em 2012, a rede social criada por Mark Zuckerberg — 8 milhões de pessoas a mais do que a Índia, segundo lugar na lista e com pouco mais de 21 milhões de novos utilizadores.

Em 1º de janeiro de 2012, pouco mais de 35 milhões de brasileiros estavam na Rede Social, mas em 31 de dezembro de 2012 contava com 65 milhões<sup>118</sup>.

---

<sup>116</sup> [www.designtec.com.br/blog/seo/facebook-o-fantastico-mundo-de-mark-zuckerberg](http://www.designtec.com.br/blog/seo/facebook-o-fantastico-mundo-de-mark-zuckerberg), acessado em 20/04/2012.

<sup>117</sup> [www.brainstorm9.com.br/31646/social-media/hubspot-lanca-ebook-com-estatisticas-do-facebook/](http://www.brainstorm9.com.br/31646/social-media/hubspot-lanca-ebook-com-estatisticas-do-facebook/), acessado em 20/04/2012.

<sup>118</sup> [www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm](http://www.tecmundo.com.br/facebook/35709-brasil-foi-o-pais-com-maior-numero-de-novos-usuarios-do-facebook-em-2012.htm), acessado em 01/11/2013.

### Fastest Growing Countries on Facebook in 2012

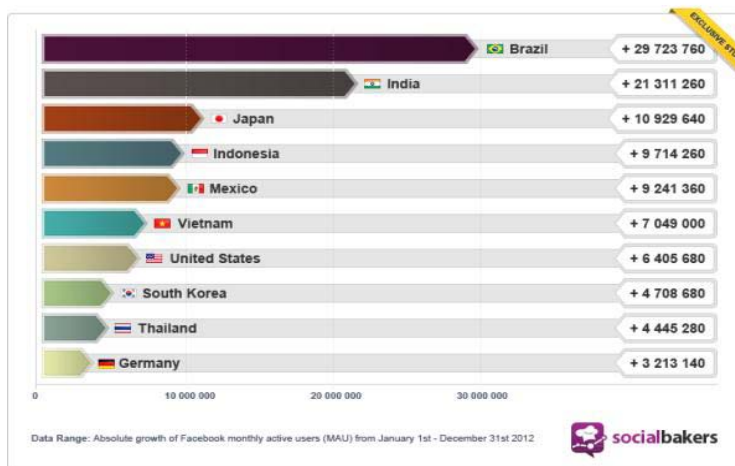


Gráfico reproduzido do site SocialBakers.com — rápido crescimento dos países no Facebook.

Diferentemente do Brasil e de outras nações emergentes, como a Indonésia, onde é forte e constante o aumento das adesões à rede social, os países mais desenvolvidos apresentam um crescimento lento no número de usuários do *Facebook*. Mas os maiores desafios são conquistar a China e a Rússia. Para tentar aumentar sua popularidade naquele que é o nono país mais populosos do mundo, Mark Zuckerberg visitou Moscou e participou de diversos programas de televisão. No entanto, o esforço ainda segue sem resultados práticos. A rede social com maior número de russos cadastrados é a local *vKontakte*, com 37 milhões de usuários, contra 6 milhões da empresa de Zuckerberg.

O Brasil é o segundo país com maior número de usuários dessa rede social (54 milhões), no entanto, ocupa o sexto lugar no *ranking* dos que mais acessam o *Facebook* por meio de *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos móveis. A Índia, que recentemente perdeu a segunda posição para o Brasil, agora ocupa o terceiro lugar na escala de acessos. No entanto, o *Facebook* já arranhou uma maneira de impulsionar novamente o seu crescimento naquele país: ofereceu aos usuários de telefones móveis tempo de conversação fixada em US\$

1, para quem se inscrevesse na rede social<sup>119</sup>. Os dados são do Net Insight, relativos a dezembro de 2012<sup>120</sup>.

Redes Sociais são um dos assuntos mais complexos na China. O *Facebook* não pode ser acessado no país por ser bloqueado, mesmo assim ainda consegue atrair um número impressionante de usuários. Segundo os relatórios do *GlobalWebIndex*, existem cerca de 63,5 milhões de usuários chineses no *Facebook*. No entanto, a rede social mais popular daquele país se chama *Weibo*, serviço de microblog similar ao *Twitter*, com mais de 300 milhões de usuários cadastrados e ativos.

Uma pesquisa realizada pelo site Mídias Sociais revelou dados impressionantes do comportamento das pessoas em relação ao Facebook<sup>121</sup>:

- 58% dos usuários desta rede interagem com outras pessoas mais *online* do que pessoalmente;
- Cerca de 48% dos usuários entre 18 e 34 anos checam o *Facebook* assim que acordam e 28% fazem a “ronda” na rede antes mesmo de sair da cama;
- Pessoas acima de 35 anos representam mais de 30% de toda a base de usuários.

Portanto, se entre os jovens norte-americanos 48% afirmam ler notícias via *Facebook* (revelação do mesmo site), é possível afirmar que a imprensa tradicional naquele país está perdendo seu *status* de principal fonte de informação entre aquela faixa. Para atenuar essa situação, há alguns anos a grande mídia se obriga a estar presente nas Redes Sociais para distribuir seu conteúdo, na esperança de que por esse meio alcance o público que busca informação nos meios digitais. Muitos jornais *online*, no entanto, não disponibilizam a íntegra de seu conteúdo, tendo o leitor que pagar para ter acesso.

Acredita-se, aqui, na existência de uma situação que muitas vezes não é levada em conta pelos usuários pesquisados sobre o acesso ao conteúdo informativo digital. Algumas pessoas leem apenas os tuítes ou as chamadas de matérias na linha do tempo. Isto não quer

---

<sup>119</sup>[www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/10/18/facebook-oferece-tempo-livre-de-celular-na-india-para-atrair-usuarios](http://www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/10/18/facebook-oferece-tempo-livre-de-celular-na-india-para-atrair-usuarios), acessado em 20/04/2013.

<sup>120</sup>[www.blog.kinghost.com.br/2013/02/brasil-e-o-terceiro-pais-em-numero-de-usuarios-ativos-na-internet](http://www.blog.kinghost.com.br/2013/02/brasil-e-o-terceiro-pais-em-numero-de-usuarios-ativos-na-internet), acessado em 20/04/2013.

<sup>121</sup>[www.mobiletime.com.br/08/11/2012/conferir-o-smartphone-constantemente-e-habito-de-60-dos-jovens-aponta-estudo/310617/news.aspx](http://www.mobiletime.com.br/08/11/2012/conferir-o-smartphone-constantemente-e-habito-de-60-dos-jovens-aponta-estudo/310617/news.aspx)

dizer que elas estejam efetivamente acessando o jornal, muito menos lendo a informação completa, mas sim apenas tendo conhecimento superficial e periférico do assunto.

Mais precisa e confiável seria a medição dos chamados cliques. Eles é que valem na hora de mensurar a presença real dos visitantes nas páginas informativas, eles é que vão levar o leitor até o conteúdo. Essa falha na divulgação das estatísticas desfavorece os pesquisadores e os interessados no tema, pois não se pode levar em consideração apenas a leitura parcial do conteúdo. Entende-se que é necessária a construção completa do saber para que se forme o conhecimento.

O *Facebook*, procurando cada vez mais agradar aos usuários, cria diversas ferramentas sofisticadas em curtos espaços de tempo. Em abril de 2012, adicionou um *player* às páginas de músicos para que os fãs pudessem escutar seus trabalhos enquanto navegassem. O botão "Ouvir" foi colocado entre o "Curtir" e o "Mensagem". Os usuários também podem ter acesso a jogos e publicar seus conteúdos em diversas outras redes por meio do *Facebook*.

Em questões tecnológicas e de segurança, a rede social também se destaca. O *Facebook* disponibiliza diversos aplicativos para os usuários poderem se conectar para entretenimento, informação ou trabalho. São jogos, músicas, mapas, dicas gastronômicas, guias turísticos, catálogos de filmes e espetáculos, entre outros, que habitam no universo do *Facebook*, fazendo com que as pessoas não saiam da rede para pesquisar o que precisam saber. Para deixar os usuários mais confiantes no quesito segurança na rede social, o *Facebook* aumentou o catálogo de produtos de empresas parceiras na seção de aplicativos com o objetivo de manter distantes as ameaças que podem rondar a plataforma e o usuário, roubando senhas e dados pessoais cadastrados nos seus aparelhos tecnológicos.

Em setembro de 2012, a empresa firmou contrato com sete novos parceiros trazendo suas ferramentas de segurança, como antivírus e *firewalls*, para dentro da rede social. Com isso, será possível que as pessoas baixem gratuitamente 11 antivírus para computadores com o sistema *Windows*, seis ferramentas similares para Mac e duas para os dispositivos móveis. O *Facebook* espera atingir uma eficiência sem precedentes na detecção de *links* maliciosos, pois sempre que um novo endereço for colado em alguma linha do tempo ou mensagem o sistema de escaneamento das companhias parceiras vai ajudar a evitar problemas de forma mais rápida e segura para os usuários e servidores.

Em outubro de 2012, o *Facebook* começou a testar um novo recurso chamado *Collections*, que permite aos usuários classificarem produtos em duas categorias: *Want* (Querer) e *Collect* (Colecionar). Essa ferramenta tem como principal objetivo mostrar os interesses de cada usuário aos seus amigos e até mesmo realizar compras a partir de suas

seleções. Ainda não se sabe se é um estratagema para a empresa elevar suas receitas de publicidade.

Na obra *Comunicação e Poder* (2009), Castells afirma que “comunicar é compartilhar significados mediante o intercâmbio de informações”. Por isso, entende-se porque as Redes Sociais como o *Facebook* tem despertado interesse de todos os segmentos da sociedade. Se por um lado cidadãos utilizam as redes para manifestar seus pensamentos, desejos e ideias em comum, por outro os consumidores descobriram tais ferramentas para comunicar com as empresas ou instituições prestadoras de serviços, os seus problemas, sanar dúvidas ou mesmo se informar sobre o que desejam consumir.

Jornais brasileiros têm destacado em reportagens nos cadernos de tecnologia como os efeitos virais de reclamações podem ser agressivos aos resultados e metas a serem alcançados. Em matéria publicada pelo *O Estado de S. Paulo*<sup>122</sup>, levantamento da empresa de pesquisa *Socialbakers* revelou que, dos à época 900 milhões de usuários ativos do *Facebook*, 500 milhões acessavam a rede social por meio de aparelhos móveis<sup>123</sup>. Se por um lado o *Facebook* e seus parceiros comerciais ampliam as possibilidades de lucros, por outro o usuário tem em suas mãos uma ferramenta capaz de espalhar mais rapidamente seu descontentamento com produtos e serviços.

Ainda considerando Castells (2009), pode-se afirmar que o processo de comunicação se define pela tecnologia da comunicação, as características dos emissores, dos receptores e da informação, seus códigos culturais de referência, seus protocolos de comunicação e o alcance deste processo, identifica-se por meio das pesquisas de campo que nas Redes Sociais encontram-se todos os conceitos formulados pelo autor. Com relação ao alcance, Castells distingue a comunicação interpessoal da comunicação social. No primeiro caso, os emissores e receptores são sujeitos da comunicação, que por sua vez é interativa. No outro, o conteúdo da comunicação pode ser difundido na sociedade. Esta comunicação pode ser interativa ou direcionada, caso dos usuários que podem usar as ferramentas digitais para reclamar e difundir suas insatisfações como consumidor citado acima.

---

<sup>122</sup> [www.blogs.estadao.com.br/link/brasil-e-o-6o-em-acessos-moveis-ao-facebook](http://www.blogs.estadao.com.br/link/brasil-e-o-6o-em-acessos-moveis-ao-facebook), acessado em 20/04/2103.

<sup>123</sup> [www.blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/tag/numero-de-usuarios](http://www.blogs.estadao.com.br/jt-seu-bolso/tag/numero-de-usuarios), acessado em 20/04/2013.

Em outubro de 2012, o jornal *O Globo* mostrou como um vídeo feito por uma cliente de construtora de imóveis poderia se multiplicar rapidamente causando vários transtornos. O vídeo do atendimento foi postado após a mulher fazer mais de 60 ligações telefônicas para a empresa. Sua mensagem teve mais de 100 acessos no mesmo dia, e a cliente conseguiu, no dia seguinte, resolver a sua situação por conta da repercussão nas Redes Sociais<sup>124</sup>.

Uma pesquisa feita entre os dias 20 de julho e 5 de agosto de 2012 pela *Plusoft*, especialista em relacionamentos *online*, e publicada pela Associação Brasileira das Relações Empresa Cliente (Abrarec), mostra o alcance que um *post* publicado pode ter nas Redes Sociais como *Twitter* e *Facebook* e *blogs*<sup>125</sup>. É o chamado efeito viral, que tanto pode ajudar a alavancar carreiras ou produtos, como reduzir o consumo de algo ou o sucesso de alguém.

Ligando as pesquisas de campo aos estudos científicos, busca-se apoio no brasileiro Bernardo Sorj, pesquisador da UFRJ, que afirma:

A Internet se transformou na principal fonte de notícias, em particular entre os jovens, superando, inclusive o número de espectadores de noticiários de televisão. Trata-se não só de uma mudança de veículo, mas também de tipo de leitor e de leitura: orientado pela busca de informação específica, na qual o navegador se concentra por pouco tempo e da qual rapidamente um hiperlink o leva a outro site. (Revista *Meios de Comunicação e Democracia*, p. 14).

## 2.6 Estudos de influência das redes Sociais

Para se compreender melhor o cenário desta pesquisa, é de suma importância conhecer as estatísticas, mesmo que sem explicações metodológicas, do mundo digital/virtual. De acordo com o relatório do *eMarketer*, intitulado “Brazil Social Media: The Mobile Middle Class Goes Social”, de julho de 2013, grande parte da população brasileira utiliza mídias sociais. Com isso aprofundou sua penetração na Internet e criou um dos maiores mercados mundiais de mídia social. Com 78,3 milhões de pessoas (79% dos usuários da internet), o Brasil chegará ao final de 2013, segundo o *eMarketer*<sup>126</sup>, com quase um terço dos usuários das Redes Sociais da América Latina. O estudo estima ainda que os maiores responsáveis pelo

---

<sup>124</sup>[www.g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/10/mesmo-com-efeito-viral-atendimento-ao-cliente-pelas-redes-sociais-e-baixo.html](http://www.g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/10/mesmo-com-efeito-viral-atendimento-ao-cliente-pelas-redes-sociais-e-baixo.html), acessado em 20/04/2012.

<sup>126</sup>[www.emarketer.com/Article/Brazils-Social-Audience-Keeps-Growing-New-Web-Users-Join/1010003](http://www.emarketer.com/Article/Brazils-Social-Audience-Keeps-Growing-New-Web-Users-Join/1010003), acessado em 01/11/2013.

crescimento serão os usuários de baixa renda, que terão acesso à Internet por meio dos celulares de baixo custo, usando planos de dados baratos e flexíveis, expandindo assim a rede de banda larga de dispositivos móveis.

De acordo com o estudo “Indicadores de Mercado”, elaborado pelo Interactive Advertising Bureau (IAB Brasil)<sup>127</sup>, a Internet superou os jornais impressos e é a segunda mídia do Brasil, ficando atrás apenas da TV aberta, alcançando 12% do total de público. O estudo apresenta dados referentes ao primeiro trimestre de 2012 e mostra também que a Internet faturou mais de 840 milhões de reais, destes, R\$ 512 milhões são provenientes de *search* (sites de busca) e 330 milhões de *display* (comercial em estilo de *banner* no site)<sup>128</sup>. A TV aberta liderou a audiência também em 2011, com 59,4% de participação. Os jornais apareceram na segunda posição, com 11,1% do público, seguidos da internet, com 11%, e das revistas com 6,7%<sup>129</sup>.

O mesmo estudo do IAB afirma que a Internet é a mídia mais utilizada em casa em todos os períodos do dia: 69% acessam pela manhã, 78% também acessam à tarde e 73% à noite. O consumo de mídia em mais de um dispositivo é uma tendência. De acordo com a pesquisa, 66% da audiência online já acessa a Internet por mais de dois aparelhos diferentes e 25% dos adultos entre 25 e 34 anos acessa através de quatro ou mais dispositivos.

O uso do computador em paralelo com outras mídias também é maior: 61% usam um *desktop* ou *laptop* para acessar a Internet enquanto assiste à TV. A maioria absoluta (65%) é de mulheres. No entanto, como se pode observar, a Internet ainda está longe de superar a TV.

Na tabela abaixo, um resumo do estudo do IAB sobre o consumo semanal de mídia:

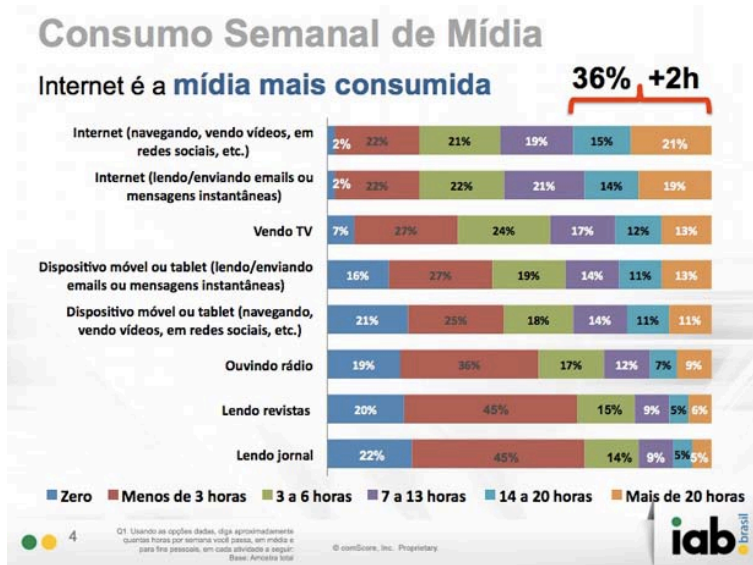
---

<sup>127</sup> [www.iabbrasil.net/portal/](http://www.iabbrasil.net/portal/), acessado em 15/04/2013.

<sup>128</sup> [www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/06/14/internet-supera-jornais-e-ja-e-segunda-midia-no-pais](http://www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/06/14/internet-supera-jornais-e-ja-e-segunda-midia-no-pais), acessado em 20/04/2012.

<sup>129</sup> [www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/06/14/internet-supera-jornais-e-ja-e-segunda-midia-no-pais/](http://www.idgnow.uol.com.br/internet/2012/06/14/internet-supera-jornais-e-ja-e-segunda-midia-no-pais/), acessado em 17/05/2013.





Consumo de mídia, segundo o IAB Brasil.

Estudos de influência das Redes Sociais mostram que o comportamento dos usuários se modificou, e muito, influenciando principalmente as formas de relacionamento. As redes não apenas servem para que o cidadão se sinta apenas participativo, mas também para afirmar alguns pontos das personalidades. A necessidade de estar permanentemente conectado para interagir por meio de plataformas como o *Facebook* e o *Twitter* tem crescido. Pierre Lévy (2004) defende a participação das pessoas em comunidades virtuais para estimular a formação de inteligências coletivas para que os indivíduos possam trocar informações e conhecimentos. Lévy crê no potencial de uma comunidade virtual, que, quando convenientemente organizada, representa uma importante riqueza em termos de conhecimento distribuído, de capacidade de ação e de potência cooperativa.

Um experimento realizado em 2011 pela Universidade de Maryland (EUA) mostrou que as Redes Sociais causam dependência porque as pessoas querem passar mais tempo checando as respostas ao que foi compartilhado. O estudo se baseou na observação de mil universitários de 37 países, que passaram 24 horas sem internet e outros meios de comunicação. Após um dia sem se conectar, cerca de 20% dos estudantes manifestaram uma síndrome de abstinência tecnológica com sentimentos de “desespero”, “vazio” e “ansiedade”. Mais da metade afirmou preferir ficar sem chocolate, álcool e cafeína durante uma semana a estar sem seus *smartphones*. O peso adquirido pelas Redes Sociais chegou a um ponto que,

segundo a Universidade de Maryland, a forma como as pessoas se relacionam dentro delas contribui para criar a identidade do usuário, mas isso não necessariamente é negativo<sup>130</sup>.

O relatório *The Rise of Digital Influence*<sup>131</sup> mostrou resultados de pesquisas realizadas para ajudar empresas a tirarem proveito das Redes Sociais, e indicou a importância da figura do internauta nesse novo entorno virtual. Um dos exemplos destacados no documento sobre o poder que as Redes Sociais dão ao consumidor foi o caso do músico Dave Carroll, cujo violão foi danificado em um voo da United Airlines. Como a companhia aérea se negou a pagar pelo instrumento, o músico protestou no *YouTube*. Carroll compôs a música *United Breaks Guitars* (“United quebra violões”) e lançou três vídeos que tiveram 11 milhões de visitas. Depois disso, a companhia aérea aceitou cobrir os custos, mesmo tendo Carroll afirmado não estar mais interessado. O que se pretende afirmar é que muitas empresas, como a United, podem ter sua imagem afetada pela viralidade dos perfis influentes da rede. Neste caso, o prejuízo amargado pela companhia aérea em função dos vídeos do artista representou uma perda de US\$ 180 milhões em seu valor de mercado.

Por fim, o que se pode absorver e compreender sobre as Redes Sociais, a partir do estudo citado, é que o uso delas chegou ao ponto que, de acordo com a Universidade de Maryland, a maneira das pessoas se relacionarem dentro dessas redes contribui para criar a identidade delas perante os outros, chegando a influenciar a si próprios, causando dúvidas sobre o comportamento dos usuários na Internet. As ações podem até ser questionáveis porque podem causar comportamentos e ações negativas, entretanto não necessariamente as pessoas que mentem ou fingem ser outras nos ambientes digitais, estejam necessariamente tendo má condutas ou mau comportamento.

### 2.7 O engajamento nas redes sociais

Uma das melhores definições de engajamento encontradas por esta pesquisa foi formulada por Brian Haven, analista sênior da *Forrester Research*<sup>132</sup>. Seu conceito mostra o

---

<sup>130</sup> [www.tecnologia.terra.com.br/internet/redes-sociais-entre-influencia-dependencia-e-narcisismo](http://www.tecnologia.terra.com.br/internet/redes-sociais-entre-influencia-dependencia-e-narcisismo), acessado em 13/12/2012.

<sup>131</sup> [www.briansolis.com/2012/03/report-the-rise-of-digital-influence](http://www.briansolis.com/2012/03/report-the-rise-of-digital-influence), acessado em 20/04/2013.

<sup>132</sup> [www.forrester.com/home](http://www.forrester.com/home), acessado em 03/04/2013.

caminho para quem deseja encarar as mídias sociais sob um novo olhar. Ele engloba métricas quantitativas e qualitativas e afirma que engajamento é o nível de envolvimento, interação, intimidade e influência que um indivíduo desenvolve ao longo do tempo. “O engajamento vai além do alcance e da frequência para medir os sentimentos reais das pessoas”, afirmou o analista, durante o Forrester Marketing Forum, nos EUA, em 2011.

A inevitável pergunta é: como engajar as pessoas para atuarem nas mudanças de atitude por meio das Redes Sociais? Existem vários fatores que podem contribuir para o engajamento, tais como: compartilhar conteúdo de qualidade (o que traz ganhos) com seguidores seja por meio de *posts*, num *blog*, tuítes, vídeos ou fotos. Seguindo a lógica das Redes Sociais, quanto mais amigos um usuário tem, mais pessoas ele alcança e assim por diante. Existem diversos sites que ensinam como promover engajamentos, mas os casos são basicamente voltados para as empresas obterem retorno de seus investimentos a partir das campanhas nas Redes Sociais. Um bom exemplo é o da Coca-Cola Zero. O produto lançou simultaneamente a campanha “Quanto mais, melhor”, e solicitou aos usuários que colocassem seus nomes. As latinhas de refrigerante começaram a estampar os nomes mais comuns e depois da campanha de engajamento, conseguiu atingir o público de nomes incomuns.



*A lógica das Redes Sociais: um usuário engaja um grupo e este alcança mais pessoas. É basicamente a multiplicação de usuários acessando o conteúdo disponibilizado.*

No caso dos fóruns, tirar dúvidas indicando caminhos e soluções e participar de discussões oferecendo ideias, opiniões e conhecimento também são boas estratégias. Em se tratando de empresas, oferecer o melhor atendimento possível para os clientes; dar respostas rápidas às solicitações e se os perfis da empresa não forem suficientes para ajudar os clientes, fornecer outras formas de contato, como telefone e *e-mail*. Para estreitar o relacionamento, deve-se o contato pessoal com as pessoas com quem se interage no mundo digital.

Em publicidade, engajar significa encontrar o consumidor certo, identificar seus gostos e interagir com ele. O livro *Social Media Marketing*, de Liana Evans (ainda não traduzido

para português), traz diversas estratégias de como trabalhar os produtos ou marcas dentro das mídias sociais. No entanto, estas sugestões não podem ser aplicadas no universo de engajamento social. Até se pode trabalhar ou “vender” uma ideia, mas é improvável que convicções possam ser “compradas” com compartilhamentos esporádicos.

É necessária uma mudança de cultura para que pessoas levantem dos seus sofás e saiam para as ruas, protestando contra um regime totalitário ou contra políticos desonestos. No entanto, as Redes Sociais começaram a movimentar essa transformação nas mentalidades. Algumas regras básicas para que se alcancem melhores resultados de engajamento têm sido compartilhadas nas redes.

- A preocupação com a qualidade e frequência das mensagens publicadas é o primeiro item em todos os “manuais” das redes. Horário de maior alcance e número de *posts* também são importantes. Já existem ferramentas que fazem a mensuração do melhor horário para cada perfil postar suas mensagens.
- Para marcas e produtos, fazer perguntas abertas ou criar enquetes que estimulem a participação. Promoções, sorteios e respostas às solicitações dos seguidores e às mensagens diretas são muito importantes.
- Fotos com textos têm privilégios. Levantamento recente realizado pela empresa Track Social mostrou que o engajamento é gerado, na ordem, por: fotos, enquetes e atualizações de status. Por último, estão vídeos e *links*.
- Prestar atenção no tipo de conteúdo que está sendo mais curtido, comentado e compartilhado pode trazer excelentes resultados;
- Dicas e *posts* que gerem conhecimento informem ou apenas divirtam são muito bem aceitos e podem resultar em alguns fãs a mais.

A revista Galileu publicou em 24/12/2009, uma matéria chamada Manual Prático da Revolução *online*<sup>133</sup>. Naquele ano, o *Facebook* ainda não era, no Brasil, a sensação que se tornaria em 2010. Mas a revista mostrou alguns exemplos de engajamento via *Twitter* e *Facebook*, inclusive ensinando o passo a passo para uma pessoa “montar” o seu protesto

---

<sup>133</sup> A matéria também pode ser encontrada neste link: [www.revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI112885-17933,00-MANUAL+PRATICO+DA+REVOLUCAO+ONLINE](http://www.revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI112885-17933,00-MANUAL+PRATICO+DA+REVOLUCAO+ONLINE, acessada em 01/05/2013.), acessada em 01/05/2013.

virtual. A matéria afirmava que nos países onde a democracia não era exercida, a população estava descobrindo as Redes Sociais como uma ferramenta de promoção das ações contra os desmandos dos seus governos. A China, entretanto, bloqueou as redes *Facebook*, *Twitter*, *Flickr* e *YouTube* permitindo o uso controlado de Redes Sociais nacionais.

Distante física e culturalmente do Ocidente, o Irã, durante a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad, montou cerco à Internet para, diante das acusações de fraude na contagem dos votos, impedir que jornalistas estrangeiros cobrissem os protestos. No entanto, o *Twitter* deu voz aos que conseguiram driblar o policiamento digital e narraram os acontecimentos em tempo real. A *hashtag* #IranElections esteve entre os 10 assuntos mais populares do *microblog* durante semanas e os tuítes chegaram a ser exibidos na CNN<sup>134</sup>.

A página eletrônica Correio Nagô<sup>135</sup>, voltada para o Movimento Negro, é um exemplo de engajamento em uma causa. Idealizado por comunicadores do Instituto Mídia Étnica, em 2007, o correio Nagô é referência nacional na produção de notícias sobre a diversidade racial e cultura negra brasileira. O site reúne pessoas, organizações e notícias sobre movimentos negros e contra o racismo. Segundo o site, “a plataforma, composta de portal e rede social, propõe uma intensa participação colaborativa dos seus leitores, além de estabelecer uma rede de informações de interesse das comunidades afrodescendentes pelo mundo”.

Esta pesquisa acredita que a utilização das Redes Sociais para promover a militância e o ativismo abre espaço para novos discursos e olhares sobre temas relevantes. Nas Redes Sociais qualquer pessoa pode se tornar comentarista, sugerir pautas, promover debates e auxiliar na descentralização da informação e do discurso hegemônico. Nas redes, quem ganha mais visualizações ou curtidas tem mais credibilidade, mais seguidores e assim por diante. Entretanto, nas Redes Sociais existe um número grande de pessoas com ideais e ideologias a seguir, por isso a luta por engajamento pelos Movimentos Sociais tem crescido largamente.

Apenas compartilhar uma informação pode não ser a solução para aniquilar os problemas como corrupção, homofobia e racismo, mas ajuda a conscientizar os cidadãos. Isso é importante no engajamento de novos atores para uma causa social. O uso da internet favoreceu as militâncias nos últimos anos e agora as Redes Sociais mostram que não servem

---

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> [www.correionago.ning.com/groups](http://www.correionago.ning.com/groups) - [www.correionago.com.br](http://www.correionago.com.br), acessado em 19/05/2013.

apenas para assuntos pouco importantes, mas é também um meio pelo qual se pode combater antigos preconceitos e maus hábitos.

Os Movimentos Sociais e sua forma de comunicação exercem grande influência nas mudanças de hábitos ou de atitudes. Esta comunicação, como de qualquer atividade coletiva humana, sempre foi essencial para o alcance de objetivos. Desde cartazes, piquetes, panfletos, informativos, *fanzines*, até as revistas e jornais melhor produzidos, os grupos que desejam subverter algo precisam estar em plena comunicação. Os movimentos de articulação interna com a sociedade necessitam colocar suas motivações à mostra para que se promovam as mudanças e o engajamento desejados.

Os Movimentos Sociais com diferentes motivos sempre existiram, mas se tornaram mais atuantes e explícitos nos tempos em que a repressão tentou ocupar os espaços. No entanto, com a Internet os modos de agir mudaram, não significando que os Movimentos Sociais deixaram ou deixarão de existir. Acredita-se o contrário, que com a facilitação de mobilização por meio da *web* eles tendem a se fortalecer e trazer ao mundo as mudanças desejadas, mesmo que demorem ou passem despercebidas por algum tempo.

### 2.8 A política nas Redes Sociais

A inserção das Redes Sociais na vida pública é acontecimento historicamente muito novo, por isso se torna penoso fazer um diagnóstico dos efeitos e consequências. Mas é fato indiscutível que todos os personagens da vida pública querem (e até precisam) ter uma conta no *Twitter*, sejam governantes, dirigentes políticos, artistas ou atletas. Mesmo porque as redes são instrumentos capazes de exercer relevante papel no anúncio de iniciativas políticas, no processo decisório em situações de emergência ou até mesmo para o *marketing* pessoal.

Dois episódios recentes confirmam essa assertiva: a reação governamental e a resposta popular durante a epidemia de gripe no México, em 2009, e a silenciosa (pois se restringiu, em um primeiro momento, às Redes Sociais) e depois incontrolável onda de protestos contra o ditador Hosni Mubarak, que culminou com a queda do regime de três décadas, no Egito, em 2011.

As Redes Sociais estão fazendo o papel de informativos. Elas são uma das maneiras de exercer o direito à informação. E isso também diz respeito à necessidade dos cidadãos, neste novo momento de atividade política na Internet, de acompanharem as ações do governo ou, de maneira geral, que digam respeito aos interesses públicos. Esse acompanhamento e acesso às Redes Sociais estão fundamentalmente ligados à cidadania. Por isso acredita-se aqui que o

cidadão tem buscado cada vez mais as ferramentas que lhe permitem participar da vida política.

A discussão da política brasileira, e mundial, está no *Twitter*. É enorme a quantidade de mensagens que surgem na plataforma de quem acompanha um assunto dentro do Congresso, ou os próprios parlamentares. No entanto, a participação dos políticos ainda é menor e diferenciada do formador de opinião, que consegue passar conteúdo pelo *Twitter*, coisa que muitos políticos ainda não aprenderam a fazer. Há um grande volume de informação circulando no microblog. A pesquisa divulgada pela empresa Burson-Marsteller revelou quais são os perfis do *Twitter* mais influentes na política do Brasil<sup>136</sup>. O ranking fez parte do estudo “Influenciadores do G20”. A pesquisa indicou que, em 90 dias, os dez perfis mais influentes receberam em média 51.510 retuítes, 13.240 menções e ganharam 321.100 novos seguidores. A consolidação das Redes Sociais como canal de comunicação levou grande parte dos políticos brasileiros a estar presente nos ambientes virtuais. Mas são poucos os que sabem de verdade fazer uso das ferramentas para interagir com seus eleitores e obter vantagens.

Apenas alguns políticos brasileiros, mais conhecidos do público em geral, estão fazendo o devido uso do *Twitter*, a maior parte nem sabe utilizar a ferramenta como uma estratégia para sua comunicação a fim de promover maior interação com seus eleitores. Isso pode ocorrer basicamente pela falta de profissionais especializados em gerenciar Redes Sociais em suas equipes de comunicação. Muitos políticos ainda se recusam a entender a importância estratégica das Redes Sociais e não desejam ter alguém que “se passe” por eles nelas.

Recentemente foi divulgada pesquisa apontando que as Redes Sociais são pouco ou nada utilizadas para promover o debate em torno das propostas de governo dos políticos. O estudo envolveu 30 alunos e professores dos departamentos de Ciência da Computação, História e Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>137</sup> e faz parte da análise desenvolvida em 14 capitais — Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Belém,

---

<sup>136</sup> [www.brasil.bm.com/noticias/Pages/BursonMarstellerdivulgaosperfisdoTwitterquemaisinfluenciamapol%C3%ADticoBrasil.aspx](http://www.brasil.bm.com/noticias/Pages/BursonMarstellerdivulgaosperfisdoTwitterquemaisinfluenciamapol%C3%ADticoBrasil.aspx), acessado em 19/05/2013.

<sup>137</sup> [www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/04/10/interna\\_politica,369649/politicos-ainda-nao-sabem-usar-as-redes-sociais-aponta-pesquisa-da-ufmg](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/04/10/interna_politica,369649/politicos-ainda-nao-sabem-usar-as-redes-sociais-aponta-pesquisa-da-ufmg), acessado em 19/06/2013.

Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife e Salvador. A pesquisa mostra que o uso da Internet, em especial das Redes Sociais, ainda é “território a ser desbravado” pelos políticos para interagir com o eleitorado. Além disso, diz o estudo, “o trabalho deveria ser sistemático e diário, mas se concentra apenas no período eleitoral, gerando resultados irrelevantes do ponto de obtenção de sucesso nas urnas”<sup>138</sup>.

Apesar do cenário revelado pela UFMG, os políticos do mundo inteiro já começaram a compreender a força das Redes Sociais e a fazer uso do *Twitter* para divulgar suas ações. Principalmente para tentar mostrar a transparência dos seus mandatos. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, cuja campanha eleitoral revolucionou os ambientes digitais em 2008, basicamente usando a Internet e o *microblog*, também passou a ser referência para estrategistas políticos após o sucesso seguido de vitória nas eleições daquele ano. Obama, então senador da República, arrecadou quase US\$ 5 bilhões em doações feitas por meio da Rede. Ele inovou o perfil político quando decidiu seguir as pessoas mostrando que estava disposto a interagir com os seus seguidores. Ele ainda utiliza a plataforma para se comunicar e em 2013 foi notícia em vários canais por ter postado uma mensagem de parabéns para a sua esposa, Michelle, pelos 20 anos de casamento.

Os norte-americanos não são obrigados a votar, por essa razão, em 2012, foi realizada dentro das Redes Sociais, uma verdadeira campanha para levar os eleitores às urnas. Um estudos da *Pew Internet & American Life*<sup>139</sup> revelou que, nos EUA, os usuários do *Facebook* engajados em política são duas vezes mais propensos a saírem de casa para votar. Essas pessoas possuem 78% mais chances de influenciar os amigos a participarem das votações e decidirem a corrida eleitoral. A rede de *microblog* se tornou ambiente-termômetro de opiniões. Tanto que a disputa entre Barack Obama e Mitt Romney foi apelidada de *eleição do Twitter*<sup>140</sup>. A equipe que cuida de política e governo na *Pew Internet & American Life* criou o *The Twitter Political Index* para reunir todas as informações obtidas acerca da eleição para depois transformar os dados em análises.

---

<sup>138</sup>[www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/04/10/interna\\_politica,369649/politicos-ainda-nao-sabem-usar-as-redes-sociais-aponta-pesquisa-da-ufmg.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/04/10/interna_politica,369649/politicos-ainda-nao-sabem-usar-as-redes-sociais-aponta-pesquisa-da-ufmg.shtml), acessado em 19/05/2013.

<sup>139</sup> [www.pewinternet.org](http://www.pewinternet.org), acessado em 05/11/2013.

<sup>140</sup> Grifo nosso.



Outro exemplo de que os políticos estão se voltando para o *microblog* é o fato de o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez<sup>141</sup>, ter recorrido ao *Twitter*, em 2012, para nomear seis novos ministros logo após sua ter sido reeleito.



Antes disso ele já havia causado descontentamento e divergências de opiniões ao oferecer uma casa à seguidora de número 3 milhões da sua conta naquela rede social. O presidente venezuelano fez ainda outras nomeações via *Twitter*: a do jornalista Ernesto Villegas para a pasta de Comunicação e Informação, Almiranta Carmen Meléndez ao gabinete da Presidência, Aloha Núñez para Povos Indígenas, Cristóbal Francisco para Ambiente e Juan Carlos Loyo para Agricultura e Terras. Em seu último tuíte daquele dia, Chávez insistiu: "Eficiencia ou Nada!!!".

Na ocasião de sua morte, a polêmica não cessou. Diversas opiniões sobre o homem e sua vida levaram o fato a ser destaque no *Twitter* de todo o mundo. A expressão “#MurióHugoChávez” entrou para os *Trending Topics* — a lista dos assuntos mais comentados da rede mundial do dia.<sup>142</sup>

A pesquisadora Lucia Santaella afirma que “as mídias são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e pelos quais transitam”. (SANTAELLA, 2003, p. 24-25). Segundo a autora, a mediação do mundo digital nos processos comunicativos tende a desencadear um conjunto de mudanças, não se tratando

<sup>141</sup> Falecido em 5 de março de 2013.

<sup>142</sup> [www.noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/morte-hugo-chavez/morte-de-chavez-divide-opinioes-e-e-destaque-mundial-no-twitter](http://www.noticias.terra.com.br/mundo/america-latina/morte-hugo-chavez/morte-de-chavez-divide-opinioes-e-e-destaque-mundial-no-twitter), acessado em 19/05/2013.

da somatória dessas linguagens antigas e muito exploradas, mas de uma nova narrativa — se utilizando das outras, mas acrescentando a interação do leitor. Desta forma, a linguagem tende a se ajustar aos limites e às possibilidades de expressão do novo meio. “O computador traz consigo o hibridismo sógnico e midiático que é próprio do ciberespaço” (SANTAELLA, 2007, p. 84).

O site *Observatório das Eleições* — fruto de uma parceria dos departamentos de Ciência da Computação, História e Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) monitorou, entre 31 de julho e 7 de outubro de 2012, a repercussão da campanha eleitoral de candidatos a prefeito em 14 capitais. O resultado mostrou que nem São Paulo, ocupante do primeiro lugar nos dados coletados pelo *Observatório das Eleições*, conseguiu um público significativo no período. No *Facebook*, 113.519 usuários compartilharam mensagens relacionadas à campanha eleitoral. No *Twitter*, o número foi ainda menor, 94.785. Os números podem sugerir o desinteresse do eleitor com as disputas pelas vagas no Parlamento e no Executivo. Outro dado a se analisar: 30% dos eleitores que deixaram de votar no segundo turno também não se empolgaram com as campanhas nas Redes Sociais. A quantidade, se comparada ao número de usuários ativos nas Redes Sociais, fica bem aquém<sup>143</sup>.

Acredita-se, portanto, que mesmo com um número não muito grande de pessoas interessadas em política dentro das Redes Sociais, os políticos necessitam ocupar seus espaços dentro das plataformas de Internet, pois é uma forma barata e fácil de prestar contas do mandato, relatar atividades e atuar com transparência para as pessoas que os elegeram.

## 2.9 Considerações Finais

Para finalizar este capítulo, se começa com a citação de José Ortega y Gasset:

Sempre considerei que a missão do escritor é prever com ampla antecipação o que será problema, anos mais tarde, para seus leitores e proporcionar-lhes a tempo, isto é, antes de que o debate surja, ideias claras sobre a questão, de modo que entrem no fragor da contenda com o ânimo sereno de quem, em princípio, já a tem resolvida. (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 8)

---

<sup>143</sup>[www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/11/05/interna\\_politica,327377/brasileiros-ainda-estao-usando-pouco-o-facebook-e-o-twitter-para-o-debate-politico.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/11/05/interna_politica,327377/brasileiros-ainda-estao-usando-pouco-o-facebook-e-o-twitter-para-o-debate-politico.shtml), acessado em 19/05/2013.

O tema desta pesquisa não é totalmente novo, muito menos contou com tempo hábil para que outros estudos e teorias tivessem sido publicados durante este processo de desenvolvimento para amparar a pesquisa teoricamente. Ortega y Gasset afirma que sempre há um estudioso ou um escritor, como queira chamá-lo o leitor, que está alguns passos à frente dos outros seres. Com isso, antecipa problemas e assuntos que virão a ser discutidos mais tarde<sup>144</sup>.

Como observado, o capítulo insere o leitor no universo da Internet trazendo a realidade do ambiente digital. Descreve com breves parágrafos a situação dos diversos meios de comunicação na atualidade, e também apresenta algumas das Redes Sociais que foram surgindo ao longo dos últimos 20 anos. O breve resumo das Redes Sociais fez-se relevante para que o leitor se sinta bem acomodado entre os temas aqui tratados. Abordou-se surgimento da Internet e sua expansão entre as pessoas de todo o mundo.

Desde a década de 1990, quando as empresas começaram a perceber o extraordinário potencial da Internet, em pouco tempo a *World Wide Web* (www) se transformou na rede de hoje, flexível e acessível para que instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam suas próprias páginas eletrônicas, com isso se tornam mais conhecidas e mais lucrativas.

Este capítulo relatou, de forma sucinta, como os internautas podem interagir e se relacionar através do ciberespaço e transcreveu a relação entre homem e máquina, mostrando que ela é agora o motor propulsor da vida cotidiana. Tudo se faz e tudo se transforma por meio dos computadores pessoais. A realidade tem sido imensamente modificada nos dias que se passam. Pessoas não são mais uma sociedade interativa nos ambientes reais. Elas passaram a ser consumidas pelos caracteres e imagens que surgem através das telas. As novas tecnologias, da mesma forma com que já ajudaram os homens a desenvolver conteúdos, auxiliam, neste momento, a popularizar e homogeneizar hábitos e gostos.

O capítulo descreveu o surgimento dos *sites* de relacionamento, o desenvolvimento e as formas de utilização das redes, apresentando algumas estatísticas de uso e crescimento das mesmas. Foi abordada a inserção dos Movimentos Sociais no contexto digital e como sua forma e força podem mobilizar pessoas por meio das Redes Sociais. Nele também foram apresentados conceitos formulados por alguns dos autores pioneiros nos estudos das redes,

---

<sup>144</sup> Interpretação livre.

que podem ser traduzidos e conectados à realidade e na prática de utilização dos diversos meios de comunicação digitais. O capítulo inseriu o leitor num universo de realidade virtual onde as pessoas se conectam umas às outras por meio dos computadores, mas nem sempre na vida real. Também foram descritas, em mais detalhes, as Redes Sociais objetos deste estudo, com dados quantitativos e qualitativos.

Entretanto, o maior intento deste segundo instante da pesquisa foi dar subsídios para que os teóricos sejam inseridos no terceiro capítulo, explicando o tema de forma acadêmica, mas sem deixar questões acerca das novas tecnologias e das Redes Sociais digitais.

O capítulo promoveu o entendimento de que a Internet tem poder e este está cada vez maior e mais dominante. Ela é revestida da técnica e progride excluindo o homem e se tornando cada vez mais indiferente às suas necessidades. A globalização e o acesso à rede mundial de computadores facilitaram a universalização do conhecimento e a inclusão das classes menos favorecidas num contexto que jamais vivenciaríamos senão por causa da Internet. Os usuários das Redes Sociais são diretamente atingidos por essa mudança e cada vez mais se mostram interessados em participar de movimentos antes desconhecidos.

O próximo capítulo vai dialogar com as teorias da comunicação e da cibercultura. Conceito e realidade serão entrelaçados no decorrer da explanação. O capítulo tem como objetivo principal situar a pesquisa no cenário científico e abordar os temas de maneira onde os estudos dos autores possam explicar o tema aqui tratado. Poderá ser observado que as tecnologias da informação se tornaram parte da vida diária de grande parte das pessoas e que as teorias dos processos comunicacionais estão muito atuais. Neste mundo de mudanças, novas interfaces fazem parte da dinâmica da sociedade e das ciências. A inclusão digital está em processo de disseminação e a troca de informações é um componente cada vez mais importante na maioria das atividades.

### CAPÍTULO 3: CIBERCULTURA E TEORIA — ONDE ELAS SE UNEM

No capítulo anterior, foi feito um levantamento de dados sobre hábitos dos internautas em relação às Redes Sociais e também sobre a evolução da Internet e das comunidades virtuais. No decorrer do primeiro capítulo deste estudo, constatou-se que as Redes Sociais virtuais foram nascendo e se modificando ao longo das últimas duas décadas, mas o fato gerador delas — a união de pessoas em um mesmo ambiente — continua existindo, indicação de que os pioneiros autores sobre a cibercultura estavam muito adiante do seu tempo.

Redes Sociais e Internet são fenômenos complexos, intrínsecos um ao outro, com grande impacto na sociedade, mas que, por sua contemporaneidade, ainda são pouco explorados no âmbito acadêmico e social. Esta pesquisa se concentra apenas na questão das Redes Sociais digitais e sua influência nos Movimentos Sociais, buscando interpretar alguns dos estudos e concepções já formados a respeito de cibercultura e o impacto que as Redes Sociais vêm causando nas pessoas ao ponto destas mudarem seus hábitos.

Um programa de pesquisa, conforme Imre Lakatos, é constituído por problemas e teorias que não devem ser analisados de forma isolada, sim como conjuntos estruturados. Ele possui falhas que devem ser tratadas por meio de teorias ou hipóteses criadas, que tenham valores distintos para não colocar em risco o programa de pesquisa (LAKATOS, 1994, p.64).

À luz de conceitos teóricos, este capítulo busca explicar os movimentos do ciberespaço e suas influências sobre o mundo físico. A necessidade de trabalhar o tema separando o objeto de pesquisa por partes empíricas e teóricas foi observada desde o início, visto que, nas novas comunicações em rede, as transformações acontecem rapidamente, constroem e destroem ferramentas de forma que nem sempre é possível acompanhar de perto.

Este estudo, ao se deparar com a escassez das pesquisas teóricas acerca do tema, buscou embasar sua análise em dados quantitativos e em estatísticas levantadas por pesquisas empíricas. Estes dados são tão importantes quanto às teorias, pois somente com eles a análise e compreensão dos cenários se tornam factíveis.

O aperfeiçoamento da técnica e das ferramentas de Internet tem formatado uma espécie de confronto entre o conceito e a prática, afinal, o ciberespaço e as atividades nele desenvolvidas buscam mais a habilidade de manusear programas. Os conceitos teóricos, acredita esta pesquisa, estão sendo mais utilizados na academia, por desenvolvedores de *softwares* ou jogos, pois necessitam de um mínimo de conhecimento para que a ferramenta não se torne vazia e incapaz de atrair atenção dos usuários. Portanto, abordar as redes significa labutar para utilizar as mais variadas concepções sobre o assunto, significa mesclar

ideias baseadas no senso comum, na observação do cotidiano do mundo globalizado e também refletir sobre os referenciais teórico-conceituais.

Há, no entanto, diversas definições para a palavra *rede*. Pode-se inferir que haja, também, diversos entendimentos sobre o que são as Redes Sociais, mas aqui neste estudo não serão aprofundados os conceitos antropológicos, sociológicos ou políticos. Haverá reflexão sobre os temas relacionando às Redes Sociais e sua influência nas questões sociais e tecnológicas. No entanto, as observações estão voltadas para as interações possíveis entre os membros dos mais diversos grupos humanos, que se encontram nas Redes Sociais compartilhando ideias e difundindo causas das mais diversas naturezas.

Finalmente, para avaliar como elas têm sido amplamente utilizadas para desencadear mobilizações, organizar protestos, disseminar ideias e ideais e buscar apoio para bandeiras como o combate à corrupção, é importante que se fale da mídia tradicional e de como os temas nascidos nas Redes Sociais se tornam pautas e ganham coberturas jornalísticas.

### *3.1 Teoria e reflexão*

Existe relação direta entre a interação das pessoas que estão nas redes e as informações que obtêm ou repassam. Essas pessoas tanto podem absorver conhecimentos falsos como efetivamente discernir o que é verdadeiro. Nos ambientes virtuais, mais ainda, as pessoas vivem em processo de permanente e rápida troca. Há os mais diversos tipos de interação entre os atores. Recuero observa que a conversação pode ser assíncrona e conter marcadores conversacionais semelhantes aos da comunicação síncrona<sup>145</sup> (RECUERO. 2012. P. 79). A autora diz que a os sites de relacionamento, além de promover interação entre as pessoas, consegue informar com mais facilidade e rapidez ampliando seu alcance. Recuero diz:

*Sites* de Rede Social proporcionaram canais mais amplos e permanentes de circulação de informações. Entretanto, estamos tentando colocar as coisas dentro dos mesmos modelos que já conhecíamos. Reproduzindo modelos de aprender e limitando as possibilidades. Enquanto isso, as coisas continuam acontecendo em rede. Devemos pensar fora da caixa. Pensar as Redes Sociais na Internet como novos espaços de aprendizado, compreender esses espaços e aprender a orientar esses processos. Pensar em modos de integrar as práticas sociais emergentes com

---

<sup>145</sup> A Comunicação Síncrona, ou seja, realizada simultaneamente e em tempo real, é disponibilizada pelos Chats. Já a Comunicação Assíncrona, dos fóruns, permite deixar mensagens para um posterior contato com os outros internautas na medida em que acessarem o recurso.

processos orientados de busca por informações. (RECUERO, 2010, texto *online*, acessado em 24/07/2013)

Já o pioneiro dos estudos em Cibercultura Pierre Lévy, na assertiva introdução da obra *As tecnologias da Inteligência — O futuro do pensamento na era da informática* induz a uma reflexão sobre ser o homem um produto do ambiente em que vive, daí sua forma de agir poder ser completamente influenciada pelas experiências que vive nas telas.

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventaram. (LÉVY, 2004, p.4)

Seguindo os passos e ideias das últimas linhas da citação acima, arrisca-se dizer que as pessoas constroem seu cotidiano a partir do que imaginam e desejam, por isso cresce em larga escala o consumo de novas tecnologias e máquinas, cada vez mais sofisticadas. As pessoas não conseguem mais viver sem as ferramentas de Internet que, há alguns anos, eram ignoradas por uma grande maioria ou simplesmente sequer haviam sido criadas. Ferramentas estas que, aparentemente, posicionam as pessoas num cenário de mais fácil acesso ao saber e propício aos relacionamentos fáceis e amigáveis. Existem aqueles que reprovam as inovações tecnológicas e se recusam a utilizá-las ou aceitá-las como ferramentas essencialmente facilitadoras para as comunicações, entretenimento ou até ações políticas. No entanto, Pierre Lévy mostra que quase ninguém acredita poder viver sem este progresso tecnológico, e a metamorfose técnica do coletivo humano nunca foi tão evidente.

O autor afirma ainda que as próprias bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificam-se a uma velocidade tão impressionante que podem ser percebidas sem muitos esforços. Dentro desta linha, a pesquisa buscou, no primeiro capítulo, apresentar os mais diversos tipos de redes, suas evoluções, a mudança de comportamento dos jornalistas e, principalmente dos jovens, faixa de população que mais acompanha as transformações nos meios digitais e mais velozmente se ajusta ao mais diversos ambientes e ferramentas da Internet. Assim é que, hoje, é fato corriqueiro ver as pessoas adicionarem sua assinatura social (um perfil no *Facebook* ou do *Twitter*, por exemplo) às suas redes pessoais.

Diante dessa visão, as redes são escolhidas pelos indivíduos para que possam se unir aos outros em torno de características e preferências semelhantes. Para que os papéis das pessoas nas redes sejam definidos e identificados, é necessário que um pesquisador tenha

como alvo este objeto individualmente, pois as redes em si tendem a focar um determinado grupo. Já as Redes Sociais personalizadas, como as do nosso objeto de estudo, estão voltadas para as relações interpessoais.

As Redes Sociais *Facebook* e *Twitter* não seguem puramente os padrões das redes físicas, que buscam como únicos objetivos estruturar laços afetivos ou conciliar interesses profissionais. Estas outras, por serem digitais, são capazes de unir muitas pessoas em pouco tempo, estabelecendo comunicação entre os mais diversificados grupos, sem necessariamente conectar os indivíduos mais intimamente. As redes digitais podem agregar milhares de membros, ainda que não necessariamente façam parte do cotidiano de cada um deles.

Acredita-se que a cibercultura e as conexões digitais estejam contribuindo para uma definitiva e crucial mudança na história. Não que apenas elas venham a prevalecer fortes e absolutas no mundo, mas os avanços tecnológicos e sociais se darão, em grande parte, por conta das facilidades que a Internet proporciona. Se a trajetória da humanidade até o século passado e as Redes Sociais físicas tradicionais já foram fartamente analisadas, é necessário, agora, que a ciência se debruce sobre as novas relações do homem com o mundo e do mundo com o homem, que se processam por meio das telas de computadores, telefones portáteis e outros aparelhos.

Sabe-se que diversos trabalhos empíricos e teóricos têm sido feitos sobre a tecnociência, mas não se deseja aqui repetir o que já está feito. Os tempos mudam e a Internet, que trouxe com sua evolução a mais moderna forma de comunicação, ganha espaços bastante consideráveis em todos os segmentos da sociedade, como se observa na citação de Lévy,

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, que podem transformar radicalmente seu significado e uso. (LÉVY, 1993, p.102)

As novas tecnologias podem facilitar o dia a dia das pessoas; mais ainda, convencê-las de que precisam estar interligadas ao mundo por meio dos veículos de comunicação e das inovações tecnológicas. Muitas pessoas se enxergam dependentes das conexões cibernéticas e, conseqüentemente, se notam apenas como uma extensão perante o mundo do que veem ou leem.



A imprensa tradicional, notadamente a impressa, que chegou a ser apontada como o quarto poder<sup>146</sup> por sua grande influência na formação da opinião pública, hoje ainda busca caminhos para ajustar-se às novas realidades, sair da enorme sombra criada pela Internet e recuperar luz própria. Prova disso é que praticamente todos os jornais e revistas criaram páginas eletrônicas próprias e estão dentro das Redes Sociais, como forma de levar seu conteúdo através de canais diversificados.

Jornalistas escrevem nos seus *blogs* (já, em si, uma concessão aos novos tempos), mas utilizam o *Twitter* e o *Facebook* como plataformas para chamar a atenção do leitor para as suas notas. Os *blogs* e *sites* pessoais (ou os dos veículos para os quais estes jornalistas trabalham) servem para publicar as notícias em formato mais completo, de modo a suprir a carência de informações mais aprofundadas, raramente encontradas nas Redes Sociais.

Muitas das pautas de reportagens veiculadas na mídia tradicional têm como inspiração temas discutidos e desenvolvidos dentro das Redes Sociais Digitais. Conforme visto no capítulo anterior, políticos já as utilizam para fazer seu *marketing* pessoal, empresas contratam funcionários, interagem e resolvem problemas dos consumidores por meio destes canais e assim por diante. Da mesma forma, vê-se que os Movimentos Sociais oriundos das redes digitais também ganham notoriedade e crescem sobremaneira, impulsionados pela repercussão respeitável que ainda ostentam jornais, revistas e emissoras de rádio e TV.

As novas tecnologias transformaram as formas de pensar, agir e vivenciar. Marcondes Filho afirma que “a nova realidade eletrônica, marcada pela transformação da Internet na nova rede mundial de conexões, traz muitos rearranjos e recomposições no quadro da sociedade e dos indivíduos” (MARCONDES FILHO, 2012, p.117). Ainda que o número de manifestações nas Redes Sociais digitais seja grande, é razoável assumir a premissa de que nem todas necessariamente resultam em mudanças na vida real de hábitos e costumes dos ativistas cibernéticos. Contudo, se estas transformações oriundas da Internet forem capazes de promover mudanças de hábitos e combater diversos dos males sociais enfrentados pelos povos, já será, acredita-se, um grande passo. O autor afirma:

---

<sup>146</sup> Quarto poder, segundo a *Wikipédia*, é uma expressão utilizada para descrever a influência dos meios de comunicação (jornal, revista, rádio e televisão) na manipulação da opinião pública e sua maneira de ditar regras comportamentais e influenciar as escolhas dos indivíduos, alterando a sociedade.

No que se refere aos vínculos sociais, a constatação é a de que a aldeização do planeta tem como resultado paradoxal o aumento das segregações e da xenofobia. Mais a dispersão e a diluição da identidade na rede, maior a busca nostálgica de feudos e guetos de autoenclausuramento social. Buscam-se marcas de diferenciações e as comunidades encerram-se dentro dessas marcas e desses marcos, exercendo aí sua própria agenda de operações e metas. Autofechamento defensivo. (MARCONDES FILHO, 2012, p. 117)

Segundo o autor, ligações são “fios intencionais que revelam a trama do social, mas, diferentemente das antigas associações, essas ligações liberam os indivíduos de sua língua, de sua terra etc.”. No passado, continua Marcondes Filho, “as relações eram atrativas, hoje, em tempos de conexões múltiplas e infinitas, as ligações sugerem a dilatação máxima do espaço de liberdade, não obstante marca um processo de fusão” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 117). Esses processos são visíveis nas Redes Sociais, onde as ligações são marcadas por uma diversidade de processos, e muitas vezes, só envolvem os contatos virtuais entre pessoas, confirmando a teoria do pensador sobre a dilatação das liberdades.

A sociedade caminha para o desenvolvimento das novas culturas, novas ferramentas e novos modelos de vida. E inerente às pessoas está a capacidade cognitiva, a arte de criar e de inovar. Os seres humanos possuem a imensa habilidade de modificar seu dia a dia com invenções e, na atualidade, é necessário que a modernidade e o progresso não sejam renegados.

Na comunicação e nas tecnologias eletroeletrônicas, como de resto em todos os segmentos da vida moderna, as mudanças acontecem muito rapidamente. Isso faz com que as relações entre os indivíduos, no trabalho e no capital intelectual, também se modifiquem de forma veloz, causando interferências na vida em sociedade e na dinâmica da existência de antigos e dos novos conceitos.

Marcondes Filho sugere que as ligações entre pessoas são aquilo de que se constituem os indivíduos. Como escreveu o filósofo Augusto de Franco no artigo No Multiverso das Interações: “Não existe uma mesma realidade para todos: são muitos os mundos. Tudo depende das fluições em que cada um se move, dos emaranhamentos que se tramam, das configurações de interações que se constelam e se desfazem, intermitentemente.”<sup>147</sup> Esta pesquisa crê que nas Redes Sociais não haja muitas trocas entre pessoas para constituir indivíduos. Sim no potencial das redes para uni-las em torno de objetivos, não de fazer

---

<sup>147</sup> [www.net-hcw.ning.com/page/a-rede](http://www.net-hcw.ning.com/page/a-rede). Acessado em 12/10/2013

construções de personalidades, muito embora no capítulo 2 tenha se observado que a utilização das plataformas pode causar dependência psicológica nos usuários.

### 3.2 *Cibercultura: os novos tempos*

A cibercultura ainda não possui um conceito final ou consolidado. Ela vem de um fenômeno novo e, aqui, se utiliza aquele formulado por Pierre Lévy: cibercultura é uma oferta de novas formas de comunicação. O autor não se posiciona contra ou a favor do movimento veloz da cibercultura, mas afirma que se deve estar aberto às novidades e mudanças, sem desacreditar na capacidade do homem de desenvolver tecnologias dentro de uma perspectiva mais humanista. Partindo da premissa de que o homem será sempre capaz de pensar novas formas de comunicação, formular novas técnicas e construir novas tecnologias prezando o coletivo que fará dele um ser especial e, deste tema, uma rica e portentosa fonte para pesquisas. Para confirmar esta teoria, cita-se Lévy na obra *Cibercultura*.

O ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições do seu próprio desenvolvimento. Toda a história da cibercultura testemunha largamente sobre esse processo de retroação positiva, ou seja, sobre a automanutenção da revolução das redes digitais. (LÉVY, 2010, p. 29)

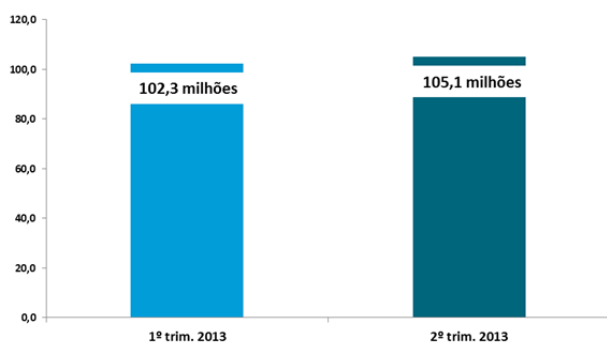
Saímos dos complexos conceitos de cibercultura e ciberespaço, que o próprio Lévy — em discordância com Castells, como veremos mais à frente — denomina de “espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação”, para abordar as Redes Sociais e sua influência nos Movimentos Sociais. Pode-se dizer que as Redes Sociais e os Movimentos Sociais, de certa forma, sempre se mantiveram atrelados. Não necessariamente em todos os acontecimentos, mas de uma maneira ou de outra as Redes Sociais físicas são inerentes aos Movimentos Sociais, os influenciam ou desencadeiam.

Nos tempos atuais, das conexões virtuais fortalecidas, Movimentos Sociais e Redes Sociais se uniram por meio da Internet e trabalham juntos nas comunidades virtuais apelidadas de Redes Sociais digitais (ou *Online*), uma nova forma de convivência e de comunicação. Pessoas as buscam para estarem conectadas a um mundo que jamais conheceriam na vida real.

Os Movimentos Sociais, principalmente os voltados para as ações política, se estabelecem no ciberespaço em muitos locais, ao mesmo tempo, o que seria tarefa impossível se tentada no campo exclusivamente físico. Para perseguir seus objetivos, os movimentos se criam, unem usuários e estabelecem suas presenças nas comunidades virtuais da Internet. Apostam grandemente no engajamento das pessoas para que consigam realizar seus objetivos,

como foi o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa. Esta questão traz à pauta a realidade virtual que Pierre Lévy define muito bem na obra *Cibercultura*: “ela especifica um tipo muito particular de simulação interativa, na qual o usuário tem a sensação física do estímulo sensorial trazido pela Internet e suas cada vez mais modernas ferramentas e sistemas operacionais”. Esse estudioso afirma ainda que a emergência da Internet se deu por conta de um verdadeiro movimento social que vinha ocorrendo em todas as partes do mundo<sup>148</sup>.

De acordo com dados do Ibope Media, divulgados em outubro de 2013, o número total de brasileiros com acesso em qualquer ambiente (domicílios, trabalho, *lan houses*, escolas, locais públicos e outros locais) chegou a 105,1 milhões no segundo trimestre de 2013. O número é 3% maior que os 102,3 milhões registrados no trimestre anterior.



A partir destes dados, pode-se verificar que o fenômeno de massificação das informações e do ambiente cibernético deve ter sido estimulado pela necessidade dos estados de incluir digitalmente os cidadãos, e destes de se sentirem incluídos. Os computadores pessoais com acesso à rede mundial deixaram de ser artigo de luxo, exclusivo de poucos, para tornaram-se ferramenta essencial para a inclusão e inserção das pessoas no mercado de trabalho e na comunicação universal. Foi neste momento, quando parcela considerável da população mundial já estava conectada, que surgiram as Redes Sociais, ou comunidades virtuais. Esses espaços, formados por grupos de interesses comuns, nasceram da afinidade de conhecimentos, de projetos mútuos e dos desejos de interações, cooperações ou trocas, independentemente da proximidade geográfica das pessoas que as integravam. O *Facebook*, os *blogs* e o *Twitter* são ambientes onde a interação acontece diariamente em grande fluxo.

---

<sup>148</sup> Pensamento da pesquisa a partir das palavras de Lévy.

Pessoas interagem com as outras, na expectativa de serem ouvidas ou simplesmente para compartilhar e discutir fatos e pensamentos.

Esta pesquisa, sustentada por textos de autores de épocas anteriores ao objeto em análise, tende a afirmar que a Internet e as Redes Sociais digitais não devem servir como instrumentos para dominação política nem social. Menos ainda como um local onde política e ideologia se misturam para manipular aqueles que se escondem do real, tentando enxergar a vida pelo seu viés cibernético. As mídias sociais são uma continuidade da revolução nos meios eletrônicos de comunicação, que começou com a democratização da Internet. Hoje, esses meios, incluindo as Redes Sociais digitais, permitem a troca de informações entre os usuários, manifestação de opiniões e interação grande ou pequena, dependendo do perfil de cada um.

Theodor Adorno e Max Horkheimer, no texto *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, relatam acontecimentos de suas épocas e apontam a corrida armamentista, o desenvolvimento da indústria bélica, os conflitos armados e as injustiças sociais gerados pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista, como a crise da razão. Aceitam a modernidade, mas argumentam que tanto a racionalidade como a ciência se transformaram em instrumentos de dominação política, social e econômica. Aqui se entende que os dois autores, apesar de terem feito seus estudos bem antes do fenômeno Internet, parecem bastante atuais. A realidade corre paralela ao entendimento do texto, com as mesmas características dos anos 1940, com exceção dos meios de comunicação que, hoje, são outros, mais numerosos e muito mais eficazes para disseminar qualquer conteúdo.

Considerando as palavras de Adorno sobre o fato de o Iluminismo ter a finalidade de libertar os homens do medo, acabando com a magia e com o mito para que eles tenham poder sobre a ciência e a técnica (ADORNO, 1986, p.98), entende-se aqui que as pessoas estão sendo vitimizadas pelo progresso. Este se transformou em uma forte ferramenta utilizada pela indústria cultural para conter o desenvolvimento da consciência das massas e impedir a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente sobre sua vida e suas atitudes perante o mundo.

Dialogando com Adorno, pode-se querer concluir que as Redes Sociais nada mais são que um “empurrão” nas massas, para levá-las aonde os dominantes desejem. Esta pesquisa entende que a Internet pode ter se firmado como principal fonte de conhecimento para muitas pessoas, mas não acredita que ela tenha o mesmo sucesso na hora de engajar e mobilizar a sociedade em torno de uma causa política.

No Brasil, até pouco tempo não aconteciam mobilizações sociais, originadas nos meios digitais, relevantes ao ponto de promover transformações culturais ou políticas. Muitas pessoas acreditavam que apenas participando de eventos virtuais estariam apoiando uma causa em que acreditassem. Todavia, a pesquisa crê que as transformações sociais já começaram a acontecer. Individualmente, o debate sobre o papel político da Internet e das mídias digitais tem recebido mais atenção. Plataformas de Redes Sociais como *Twitter*, YouTube e *Facebook* conseguem multiplicar exponencialmente as possibilidades de disseminação de informações sobre política, permitindo a qualquer usuário da Internet ter uma variedade de pontos de acesso com baixos custo, tempo, dinheiro e esforço.

Os pesquisadores Anita Breuer e Jacob Groshek, no artigo *Slacktivism or efficiency - increased activism? Online political participation and the Brazilian Ficha Limpa anti-corruption campaign*<sup>149</sup> definiram estes usuários como *slacktivistas*. Formulado a partir das palavras *slack* (preguiçoso) e *ativism* (ativismo), o termo *slackativismo* — no Brasil, o equivalente próximo seria o “ativismo de sofá” — é usado quase sempre em sentido pejorativo para descrever atividades cívicas ou políticas que são executadas apenas *online*. Algumas dessas atividades imitam as formas tradicionais de participação distante (como por exemplo, a assinatura de uma petição *online* ou doações de dinheiro a uma causa). Outras evoluíram junto com a tecnologia *Web 2.0* e são intrinsecamente ligadas às Redes Sociais com as ferramentas de rápido compartilhamento e botões de curtir.

Com todos estes fatos convergindo, houve em junho de 2013 uma onda de mobilizações surgiu em algumas capitais do Brasil. Milhares de pessoas foram às ruas para protestar, inicialmente, por causa do aumento nos preços do transporte coletivo<sup>150</sup>. Rapidamente, os movimentos ganharam repercussão e enorme dimensão, saindo das redes digitais e se espalhando por cidades do interior, e até mesmo em outros países<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> Ainda não disponível na língua portuguesa e gentilmente fornecido pelos autores a esta pesquisa.

<sup>150</sup> [www.facebook.com/movimento.acordabrasil.7](http://www.facebook.com/movimento.acordabrasil.7), acessado em 19/06/2013.

<sup>151</sup> [www.g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/europa-e-eua-tem-caminhadas-em-apoio-manifestacoes-no-brasil](http://www.g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/europa-e-eua-tem-caminhadas-em-apoio-manifestacoes-no-brasil), acessado em 19/06/2013.

Naquele instante nascia o movimento *Acorda Brasil* no *Facebook*<sup>152</sup>. Em uma semana, os eventos realizados nas Redes Sociais alcançaram cerca de 79 milhões de pessoas<sup>153</sup>.



Percebe-se agora que algo de muito relevante começava a surgir via Redes Sociais. Antes, disso, como citado anteriormente, havia sido criada a *fanpage* do Movimento contra a Corrupção<sup>154</sup>, atraindo milhares de pessoas que comungavam da insatisfação com o sistema político do Brasil. Porém, além da campanha pela Lei da Ficha Limpa (sobre a qual falaremos em detalhes no Capítulo 4), poucos usuários se manifestavam pública e fisicamente.

Desta forma, pode-se especular que os Movimentos Sociais originados nas Redes Sociais digitais seriam, de fato, mercedores da crítica fundamentada na visão de Adorno e Horkheimer — que sugeriram a prisão dos Homens dentro das indústrias culturais de massa, onde as comunidades se tornavam de fácil manobra. Nas Redes Sociais digitais, o movimento é semelhante – uma ideia se espalha e todos se prendem a ela. Os temas discutidos são recorrentes e milhares de pessoas começam a fazer parte dos Movimentos Sociais, no caso do *Facebook*, apenas porque são convidadas por um amigo ou conhecido virtual a participar de algum evento. O convidado poderá aceitar sem ao menos ter familiaridade com o tema; para isto, basta clicar no ícone “Aceitar”. O usuário, aparentemente, se coloca à disposição para discutir, mas não necessariamente fará parte do evento ou debaterá o assunto. Se ele não clicar

<sup>152</sup> [www.facebook.com/AcordaBrasilOficial?fref=ts](http://www.facebook.com/AcordaBrasilOficial?fref=ts), acessado em 19/06/2013.

<sup>153</sup> [www.estadao.com.br/noticias/cidades,pelas-redes-sociais-79-milhoes-de-pessoas-falando-de-um-tema,1043619,0](http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,pelas-redes-sociais-79-milhoes-de-pessoas-falando-de-um-tema,1043619,0), acessado em 19/06/2013.

<sup>154</sup> Criada pelo movimento de mesmo nome e que mantém o *site* [movimentocontra corrupcao.org](http://movimentocontra corrupcao.org).

no botão “Não Comparecerá” antes que o acontecimento se desenrole, ficará registrado em seu perfil como tendo comparecido.

Redes Sociais possuem amplos conceitos e não se restringem ao uso somente das ferramentas de comunicação e relacionamentos na Internet. Necessitam das estruturas e envolvem indivíduos que compartilham dos mesmos interesses, desejos, cultura etc. Uma rede Social é composta por atores (ou nós), ligações e fluxos de informação. As Redes Sociais podem ser caracterizadas pelo tipo de relações delas resultantes<sup>155</sup>. Elas podem ser:

- Rede não-orientada: em que as ligações não assumem uma direção previamente definida;
- Rede orientada: onde as ligações já se encontram definidas;
- Rede ponderada: ligações previamente definidas por um peso, uma força e um parâmetro de orientação;
- Rede de autointerações: caracterizadas pela interação entre o próprio nó.
- Rede Multigrafo: caracterizadas por apresentarem nós com várias ligações entre eles.
- Rede de Grafo Completo: é uma rede que se caracteriza por apresentar nós que estão todos ligados uns aos outros e que não contém nenhuma autointeração<sup>156</sup>.

Com todos estes tipos de redes para se analisar, há contudo uma certa tendência a encontrar as redes orientadas. O *Facebook*, por exemplo, costuma apresentar as ligações que o usuário provavelmente já tem ou pode querer ter. São oferecidas sugestões de páginas e amizades de acordo com amigos em comum, ou interesses que o usuário demonstra ter por meio das pesquisas que realiza nos buscadores. Ultimamente, é fácil se observar um aumento significativo das interações humanas desenvolvidas mais por meio da Internet do que na vida cotidiana. No entanto, a verdade é que as pessoas sempre viveram em Redes Sociais físicas, que oferecem um pouco mais de dificuldade para estabelecimento e manutenção das relações. A Internet facilitou esta tarefa, concedeu maior visibilidade e proporcionou mais acesso às pessoas para que elas procurassem e participassem de novas relações e novas redes, as existentes *online*.

---

<sup>155</sup> [www.univasf.edu.br/~edmar.nascimento/redes/redes\\_20112\\_aula02.pdf](http://www.univasf.edu.br/~edmar.nascimento/redes/redes_20112_aula02.pdf), acessado em 01/11/2013.

<sup>156</sup> Idem



Teorizar a respeito das redes sociais digitais e analisar o comportamento das pessoas dentro dela ainda pressupõe o risco de não se chegar a resultados totalmente confiáveis. As Redes Sociais *online* e as relações das pessoas dentro delas são muito voláteis. Fazem-se necessários, então, muita observação e cruzamento de dados para que os resultados sejam realmente aceitáveis e confiáveis. Não há caminhos certos ou errados a partir das hipóteses ou conclusões, existem apenas diferentes visões sobre o mesmo assunto.

Estudiosos da cibercultura ou dos Movimentos Sociais podem enxergar este estudo para além das linhas de seus próprios trabalhos, ou muito aquém. No entanto, seguindo a fascinante trajetória dos grandes pensadores da comunicação e da sociologia, acredita-se em novos saberes científicos. O objeto deste estudo, o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa e as Redes Sociais como elemento transformador na maneira de se comunicar e de se fazer notícias, traz consigo muitos conhecimentos, mas também algumas lacunas a serem preenchidas em trabalhos posteriores.

As Redes Sociais, como elemento inovador e interativo, estão, neste momento, em uma fase experimental. O presente sucesso do *Facebook* e do *Twitter* pode muito bem acabar em poucos anos, substituído por uma ferramenta nova e mais atrativa, ou por outro lado sobreviver durante anos. O fato é que, enquanto se desenvolvia esta pesquisa, centenas de Movimentos Sociais estavam presentes naquelas duas redes e centenas de milhares de pessoas tomavam conhecimento e neles se engajavam, ainda que “do sofá”.

A observação destes fenômenos da *Internet* e dos internautas exige tempo e técnica e esta pesquisa ainda não se sabe como e onde serão identificadas aqui, mas sabe-se que ela está presente e trará para esta pesquisa a luz sobre o tema. Como Heidegger afirma:

Questionamos a técnica quando questionamos o que ela é. Todos conhecem os dois enunciados que respondem à nossa questão. Um diz: técnica é um meio para fins. O outro diz: técnica é um fazer do homem. As duas determinações da técnica estão correlacionadas. Pois estabelecer fins e para isso arranjar e empregar os meios constitui um fazer humano. (HEIDEGGER, 2007, p.376)

Além da constante observação, da prática e da persistência, algumas das teorias já existentes servem como base para entendimento de que as interações entre máquinas, pessoas e Internet constituem-se nos meios comunicacionais mais utilizados e mais conhecidos do nosso tempo. A crítica que Rüdigger faz sobre Castells é que este último afirma que a Internet e as mídias digitais interativas não são mais meios de comunicação no sentido tradicional, porque ensejam processos de atuação e interação que suprimem as fronteiras entre os *mass media* e as demais formas de comunicação. (RÜDIGGER, 2011, p. 131).

Essa pesquisa entende que estes meios de comunicação trazem consigo muitas características da imprensa tradicional, pois a substituíram, em parte, perante a sociedade, na missão de oferecer entretenimento e informação. No entanto, os novos meios seguem excluindo, como os anteriores sempre o fizeram, as pessoas com menos recursos.

Na rede mundial de computadores aglomeram-se todas as tribos, culturas, gêneros e preferências de milhares de pessoas em todos os cantos do mundo, de todas as etnias. Ricos ou pobres, ateus os fervorosos, todos participaram de um mesmo ambiente cibernético. Por meio da internet, todos conhecem outros mundos, mesmo quando estes mundos estão deveras distantes. O capitalismo se alastra e se beneficia das Redes Sociais. As empresas estão investindo em publicidade dentro e fora das redes, e cada vez mais, nos ambientes digitais, deixando os veículos tradicionais mais vulneráveis. Luis Carlos Lopes escreve:

Os arautos da cibercultura acreditam que as sociedades humanas vivam, ou sempre teriam vivido, em rede. A diferença estaria nas possibilidades de recursos disponíveis. Segundo eles, no presente, a teia das máquinas e dos homens teria se confundido em uma única e possante estrutura, criando os *netcitizens*, *e-govs*, *e-commerces* etc. (LOPES, 2008, p. 67)

Acreditando nisso, infere-se que muitos governos e muitas instituições investem fortemente na *Internet*. É a aceitação e a absorção do novo. Com isso, as pessoas passam a acreditar que sua vida *online* é a única que importa realmente, pois nos ambientes digitais podem realizar quase tudo o que desejam apenas por meio de computadores, sem a necessidade de se levantar de uma confortável poltrona ou correr riscos reais nas ruas. É assim com os internautas e está se tornando assim com a imprensa. Em alguns casos, uma pesquisa sobre o tema mais comentado no *Facebook* ou no *Twitter* alimenta a pauta das edições impressas ou digitais. Também tem sido cada vez mais comum a apuração de reportagens sem sair das redações. Algumas pessoas consideram essa mudança um avanço, mas são práticas com as quais esta pesquisa discorda completamente, por contribuírem para o empobrecimento do jornalismo e degradação do conteúdo oferecido.

Nem todas as pessoas conhecem ou querem participar das Redes Sociais, tampouco estão inseridas em Movimentos Sociais. Dessa forma, a confiabilidade dos eventos e das estatísticas sobre uma real influência das Redes Sociais digitais na vida da sociedade pode ser colocada em xeque. Nem todos são obrigados a saber dos temas mais comentados na Internet ou aderem às causas ou participam dos eventos. Muitos podem, como aconteceu na primeira Marcha Contra a Corrupção em Brasília, acabar participando do evento físico sem ter uma ideia precisa sobre o que está acontecendo, ou a razão do surgimento e realização daquela manifestação. Segundo avaliação da Polícia Militar do Distrito Federal, muita gente que já se

encontrava na Esplanada dos Ministérios para assistir ao desfile militar do dia Sete de Setembro de 2011 acabou se juntando aos manifestantes, causando a falsa impressão de que a organização do evento teria sido responsável por levar aquele número de pessoas às ruas.

Pessoas que sequer tomaram conhecimento prévio da manifestação acabaram por dar vulto e visibilidade ao movimento, tornando o evento um *sucesso*<sup>157</sup> aos olhos da mídia. Os jornais do Distrito Federal, que previamente não haviam noticiado a realização da marcha que ganhava força exclusivamente dentro do *Facebook*, publicaram com grande destaque o acontecimento, nos seus *sites* em tempo real e na capa da edição impressa no dia seguinte. As emissoras de televisão registraram o protesto em seus noticiários noturnos em rede nacional.

Empresas de comunicação buscam manter seu público recorrendo a uma presença mais ostensiva nas Redes Sociais. A política começa a ter sua temperatura medida durante os pleitos pelo alcance dos candidatos nas comunidades virtuais. Jovens e crianças não conhecem o mundo sem *Internet*, aparelhos celulares ou videogames. Para as novas gerações, o que chamamos de novas mídias e novas tecnologias é somente mídia e Internet. Simples assim. Para exemplificar o pensamento, Castells argumenta:

A Internet penetra em todos os domínios da vida social e os transforma. Assim é uma nova configuração, a sociedade em rede, que está em gestação em todo o planeta, ainda que sob formas muito diversas entre um ponto e outro e, com efeito muito diferentes sobre a vida das populações, devido à sua história, sua cultura, suas instituições. Como as mutações estruturais anteriores, essa reviravolta traz consigo tantas possibilidades quanto problemas novos. O resultado que daí surgirá é indeterminado: dependerá de uma dinâmica contraditória, da eterna luta entre os esforços sempre renovados para dominar, para explorar, e a defesa do direito de viver e de procurar dar um sentido à própria vida. (CASTELLS, 2003, p.333)

Numa reflexão sobre a atualidade da comunicação, pode-se concluir que toda sorte de manifestação tende a indicar pertencimento a um determinado grupo social, afinal todos os integrantes de grupos apresentam características e argumentos comuns. Seja nos ambientes digitais ou reais é frequente a utilização de objetos ou linguagens que sejam o ponto de identificação dos determinados grupos.

Nos anos 1960, algumas pessoas se uniram em torno do conceito “paz e amor”. Usavam roupas minimalistas, consumiam poucos produtos industrializados, viviam em “comunidades”. Eram os *hippies*. Nos anos 1990, os garotos que começaram suas carreiras

---

<sup>157</sup> Grifo nosso.

nas *empresas pontocom*<sup>158</sup> se autodenominavam *yuppies*. E assim estamos vivenciando os novos tempos digitais.

As inovações tecnológicas criaram uma realidade diferente, inteiramente nova, onde as coisas e pessoas estão ao alcance dos olhos e dos dedos. Não se sabe ainda o quão vertiginosa continuará a evolução das tecnologias. É fato que os Movimentos Sociais tomam força no mundo digital, mas ainda é necessário estudar se eles realmente provocam mudanças de hábitos ou culturais.

Cada grupo monta sua comunidade virtual, tem sua ideologia e sua característica. Os Movimentos Sociais ganham adeptos virtuais e espalham suas “lutas” por meio das redes de comunicação — fato que torna mais fácil a disseminação de ideias e conteúdos dos mais diversos. Com boas ou más intenções — como é o caso do movimento contra a violência no trânsito e o dos neonazistas. O primeiro dissemina a campanha contra o consumo de álcool antes de dirigir, o segundo prega o ódio entre as etnias.

As Redes Sociais digitais começaram a despertar interesse nas academias do Brasil já nos anos 1990. Elas serviram para articular Movimentos Sociais e organizações não governamentais (ONGs) empenhadas em combater a chamada globalização econômica ou promover a agenda de defesa do meio ambiente, materializada na Eco-92, a conferência internacional para o desenvolvimento sustentável, realizada no Rio de Janeiro.

Castells, muito antes do surgimento das comunidades virtuais já discorria sobre a sociedade em rede:

Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual a curva se entrecorta. Concretamente o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede de fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Europeia. São campos de coca de papoula, laboratório clandestino, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua, instituições financeiras para lavagem de dinheiro, na rede de tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e estados no mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de comunicação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmago da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação. (CASTELLS, 1999, p. 498)

---

<sup>158</sup> Grifo nosso.

Após citar Manuel Castells e seu estudo realizado há mais de 10 anos, pode-se afirmar que o crescimento e a extensão das Redes Sociais desta última década são atribuídos à disseminação da Internet, que permitiu o enorme fluxo de conhecimento fora dos meios tradicionais. Mesmo nos bolsões de pobreza ainda existentes no país, onde o acesso à Internet é bastante deficiente, a informação contida nas redes digitais é distribuída fartamente. É o que aqui se considera inclusão digital, muito utilizada como “cavalo de batalha” dos Movimentos Sociais brasileiros para levar conexões de banda larga aos mais distantes rincões do país.

Algumas discussões atuais sobre o papel das redes têm reduzido as inter-relações de indivíduos, grupos, comunidades e organizações ao cenário da rede mundial de computadores e se utilizam das definições de Castells, que vê as redes como estruturas abertas que só tendem a se expandir. A dinâmica das Redes Sociais é bastante complexa e, como vimos no Capítulo 1, não necessariamente evolutiva — pode perder muito da sua estrutura no decorrer do seu percurso, suplantadas em qualidade e tecnologia, se tornando obsoletas. Porém, ainda que muitas redes tenham perdido sua identidade, certamente é possível observar que a tendência é de fortalecimento destas redes, se não das já existentes mas de outras que surgirão.

Em 2012, houve um crescimento considerável nestes ambientes. As Redes Sociais estão promovendo verdadeiras mudanças no comportamento humano. As pessoas desejam estar conectadas e buscam atualizações várias vezes ao dia. Atualizações dos amigos do *Facebook*, das notícias no *Twitter*, fotos no *Instagram* ou localizações no *Foursquare* são as mais novas formas de comunicação e obtenção de conhecimentos que simplesmente chegam às pessoas por meio das Redes Sociais. Pessoas procuram empregos e empresas divulgam vagas nas redes, de olho no perfil dos candidatos. Até o governo brasileiro implementou ações de comunicação nas Redes Sociais e está presente em quase todos os espaços. Por exemplo, o Ministério do Turismo está presente em oito redes (*Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest*, *YouTube*, *Google+*, *Flickr* e *Orkut*).

### 3.3 Considerações Finais

As pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações que desenvolvem; durante toda a vida, constroem a sua estrutura em rede. Nas Redes Sociais, cada indivíduo tem uma função e identidade cultural, e todas possuem os seus laços. O espaço em que as Redes Sociais se constituem e se proliferam são inerentes à informação e ao conhecimento. Tudo está intimamente ligado, principalmente no tocante às Redes Sociais digitais, que hoje

servem tanto para criar relacionamentos quanto para gerar conhecimento para as pessoas sem que elas tenham de ir buscar fora destes ambientes. A informação neste meio é fácil de ser compartilhada, atinge milhares de pessoas em pouco tempo e sem muito esforço, promovendo, de certa forma, a aprendizagem.

Por isso, os Movimentos Sociais se utilizam destes meios de forma sistêmica na atualidade. Toda rede possui uma temática motivadora e de aglutinação por interesses gerais. Desde ações para a educação até adoção de cães de rua, todos os movimentos estão compartilhados nas Redes Sociais. Com isso, novos aportes e novas visões são incentivados, — algumas nobres, outras nem tanto. Fato é que o objetivo das páginas de relacionamento, formar novas redes e novos grupos dentro das suas plataformas, tem sido alcançado em larga escala.

Ancorada nos dados quantitativos do primeiro capítulo, a pesquisa traz alguns dos mais conhecidos teóricos para explicar os fenômenos das Redes Sociais e dos movimentos que se originam dentro delas. Manuel Castells, amplamente citado no estudo, afirmou em entrevista publicada em 2010, na página eletrônica da revista *Zona Digital*, da UFRJ, que no seu livro *Comunicação e Poder* dedicou muitas páginas para explicar, a partir de uma base empírica, como a transformação das tecnologias de comunicação cria novas possibilidades para a auto-organização e a automobilização da sociedade, superando as barreiras da censura e repressão impostas pelo Estado.

Ele sustenta que as mobilizações não dependem exclusivamente da tecnologia e que a Internet é uma condição necessária, mas não suficiente, para que a realidade de um país seja modificada, como no caso dos Movimentos Sociais digitais ocorridos no Egito, em 2010. Mas a possibilidade de rebelar-se sem que o movimento seja imediatamente reprimido depende da velocidade e capacidade de mobilização. Castells relacionou isso com a capacidade criada pelas tecnologias e chamou de “auto comunicação de massas”. (CASTELLS, 2010, *in Zona Digital*,). Castells e Lévy foram os autores mais utilizados, pois o pioneirismo dos seus estudos e textos auxiliam o entendimento da evolução e dos conceitos de rede e cibercultura.

É possível compreender que o fenômeno da Internet não é suficiente para fazer uma comunicação completa, pacífica e limpa. Ela, com sua eficiência, velocidade de conexão e de difusão da informação, não é necessariamente um meio de comunicação agregador. Alcança muitas pessoas ao mesmo tempo, mas possui os limites físicos e a perversidade de permitir publicações anônimas, o que pode causar animosidade entre os diferentes tipos de usuários. Nesta pesquisa verifica-se o comportamento dos Movimentos Sociais nas Redes Sociais e também como a mídia é pautada pelos eventos publicados nestes ambientes.

Para finalizar o capítulo, esta pesquisa crê que a Internet e os relacionamentos mediados e facilitados por ela ainda não geraram uma mobilização social do porte da ocorrida na campanha pelas Diretas Já, em 1984, quando todas as comunicações eram bem mais difíceis, mas as pessoas estavam engajadas na causa da democracia. Até muito recentemente, a sociedade não se mostrava disposta a se mobilizar para interferir decisivamente no curso dos acontecimentos. Em junho de 2013, empurrados pelas mobilizações por meio das Redes Sociais, os brasileiros começaram a presenciar amostras do que há tempos se chama de revolução das comunicações.

Como definiu o jornalista espanhol Miguel Ángel Bastenier, em artigo assinado no diário El País, em 15 de dezembro de 2010: “Pela primeira vez na história, e de forma especialmente maciça neste século, o cidadão pode se comunicar instantaneamente por áudio, imagem e texto ao mesmo tempo, com qualquer outro cidadão, de um extremo a outro do globo. Embora haja zonas do planeta menos beneficiadas, o mundo, para efeitos de comunicação, já é um só. E isso significa que os que haviam sido até data recente gestores exclusivos da informação – não só nos jornais impressos, mas hoje também nas fórmulas digitais – têm de enfrentar uma nova concorrência: a informação — a qual certamente seria melhor chamar apenas comunicação — que é livre de circular porta a porta, de consumidor a consumidor, ou fazendo que se confundam em uma só figura o produtor e o consumidor.”<sup>159</sup>

Ao utilizar as Redes Sociais e a *web* como meio para disseminar informações e como livre espaço para a expressão de opiniões pessoais e políticas, o cidadão se torna o ator principal da transformação do seu cotidiano e da sua história. Diante dos fatos e da Internet centralizada na vida de grande parte das pessoas, a pesquisa acredita na necessidade de mapear as mobilizações em rede digital, pois estes acontecimentos se tornarão cada vez mais comuns na vida dos cidadãos. Estas mobilizações, democráticas, são capazes de proporcionar sentidos críticos e participações exitosas para os grupos que pretendem exercer a democracia como forma de vida.

Nas décadas de 1960 e 1970, o mundo assistiu a realização de diversos Movimentos Sociais, como as lutas feministas, homossexuais e raciais. Eles foram uma maneira de agregação política e social, que buscavam respeito pelas diferenças. Da mesma forma este

---

<sup>159</sup> [www.comus-pp.blogspot.com.br/2010/12/memoria-da-decada-de-2001-2010.html](http://www.comus-pp.blogspot.com.br/2010/12/memoria-da-decada-de-2001-2010.html). Acessado em 19/09/2013

estudo enxerga as ações dos atuais movimentos nas Redes Sociais digitais. Eles demonstram o pleno direito dos cidadãos de emitir suas opiniões e de apresentar as diferenças existentes, que resultam em ações concretas a partir da articulação dos atores cibernéticos.

No capítulo seguinte, serão tratados o surgimento e desenvolvimento do Movimento Ficha Limpa, iniciativa do Movimento Contra a Corrupção Eleitoral (MCCE), bem como os impactos das Redes Sociais sobre a sua evolução e posterior sucesso.



## CAPÍTULO 4: O MOVIMENTO FICHA LIMPA E A LEI APROVADA NO CONGRESSO NACIONAL: ANÁLISES

Eu queria uma coisa melhor pro meu país. De vez em quando a gente sente que a gente pode fazer história efetivamente no país como pessoa física. Eu acho que essa conjugação do compromisso pessoal e da participação coletiva que resultou nessa sabedoria chamada lei 9840. A luta não termina, a lei foi um marco importante e começou a criar essa cultura de que voto não tem preço, tem consequências. É difícil, mas a gente tem esperança. (Daniel Seidel, Comissão de Justiça e Paz da CNBB – depoimento em vídeo institucional sobre a Lei 9.840)

No capítulo anterior foram observadas as diversas teorias que podem explicar os fenômenos atuais da cibercultura e das tecnologias de comunicação. A partir de agora, serão feitas análises do movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa desde sua concepção até o momento de sua aprovação no Congresso Nacional. Observa-se a criação e a trajetória do movimento tanto nas Redes sociais físicas quanto nas digitais. Faz-se uma descrição mais detalhada do movimento e se registra declarações de atores da história, como o Juiz de Direito Márlon dos Reis, idealizador do movimento, e de alguns ministros do Supremo Tribunal Federal, quanto à relevância da aprovação da lei.

Analisa-se a utilização das redes *Facebook* e *Twitter* para verificar se elas influenciaram no processo de disseminação de conteúdo em favor da Ficha Limpa. E também qual o engajamento e real interferência dos internautas no processo de aprovação e validação da lei. Para isso, optou-se pela utilização de revisão bibliográfica sobre democracia representativa, participação e mecanismos de participação popular; artigos de jornais e revistas; pesquisa nos *sites* do MCCE e do Congresso Nacional, além de dissertações e trabalhos acadêmicos encontrados sobre a lei da Ficha Limpa. Outros exemplos de Movimentos Sociais originados na Internet também compõem o capítulo.

### *4.1 Processo eleitoral brasileiro e a lei de inicitiva popular – uma introdução*

Em uma definição geral, a representação política num regime democrático consiste em um mecanismo político para estabelecer uma relação de controle (regular) entre governados e governantes, com liberdade de expressão, sendo garantida por meio de eleições. Para conhecer um pouco mais sobre a importância da lei da Ficha Limpa, que impede uma pessoa condenada por órgãos colegiados de disputar cargos eletivos, faz-se a seguir um breve histórico do processo eleitoral brasileiro, que teve sua origem ainda na colonização portuguesa.

No Brasil Colônia (1500-1822), aconteciam eleições para conselhos ou câmaras, regidas pelas Ordenações Filipinas. A primeira foi realizada em 1532, para eleger o Conselho da Vila de

São Vicente (SP), a primeira fundada pelos colonizadores. Nesse período, todos votavam, inclusive os analfabetos, contudo, só podiam eleger-se “os homens bons”. Foi apenas em 1821 que os brasileiros conheceram um pleito diferente: eleições gerais para escolher os deputados que representariam o Brasil nas Cortes de Lisboa.

Com a Independência, a legislação eleitoral foi revisada, mas sem grandes novidades. Eram excluídos do direito ao voto as mulheres, os que tivessem renda líquida anual inferior a cem mil réis e os escravos. Ao final do Império, em 1881, a Lei Saraiva instituiu eleições diretas e criou o alistamento permanente, mas só podiam votar os que ganhassem mais de 200 mil réis por ano, maiores de 21 anos e alfabetizados. Com a República (1889), foi adotado o conceito do sufrágio universal: tinham direito a voto todos os brasileiros homens natos ou naturalizados, no gozo dos seus direitos civis e políticos, que soubessem ler e escrever, maiores de 21 anos (com exceção dos casados, dos oficiais militares, dos bacharéis formados e doutores e dos sacerdotes).

Após a Revolução de 30, um dos primeiros atos do governo provisório foi a criação de uma comissão de reforma da legislação eleitoral, que introduziu o voto secreto, o voto feminino e o sistema de representação proporcional. O golpe que trouxe o Estado Novo em 1937 restringiu liberdades e o direito ao voto, a começar da escolha para a Presidência, ocupada pelo ditador Getúlio Vargas até sua queda, em 1945.

Após 18 anos de curto período democrático (1946-1964), o golpe militar de 31 de março trouxe novos retrocessos eleitorais. Com a vitória da oposição em cinco estados nas eleições de 1965, várias medidas repressoras foram incluídas no Ato Institucional Número Dois (AI-2), inclusive a eleição indireta do Presidente da República por um colégio eleitoral, a extinção dos partidos e a adoção do bipartidarismo (Arena e MDB). No ano seguinte, o AI-3 tornou indiretas as eleições para governador e vice, além dos prefeitos das capitais. Em 1968, em novo endurecimento do regime, o AI-5 cassou dezenas de mandatos eletivos e fechou o Congresso Nacional por um ano. Em 1977, o Pacote de Abril criou a figura do senador biônico (um terço daquela Casa passava a ser escolhido indiretamente), ampliou o mandato presidencial de cinco para seis anos, mudou a fórmula de cálculo das bancadas (para assegurar maioria governista) e fechou o Congresso Nacional por um mês.

Já em seus últimos momentos, em 1984, o regime militar não cedeu e foi derrotado o movimento popular que pedia eleições diretas para presidente naquele ano (Diretas Já). O direito pleno ao voto só foi restabelecido com a Constituição de 1988. É de 1990 a primeira iniciativa completa para regular as condições em que uma pessoa poderá postular um cargo eletivo. A Lei Complementar nº 64 estabelece, de acordo com a Carta Magna, os casos de

inelegibilidade e os prazos de cessação de mandatos. Só 20 anos mais tarde, ela seria alterada, justamente pelo projeto de iniciativa popular resultante do Movimento Ficha Limpa.

Chama-se de inelegibilidade as restrições à participação dos “sujeitos passivos” do processo eleitoral, os candidatos. São limites impostos ao direito constitucional de votar e ser votado, em razão de princípios como o da moralidade para o exercício do mandato, da lisura das eleições e da impessoalidade. Ou seja, a preocupação maior é preservar o próprio princípio democrático.

Segundo a página eletrônica da Câmara dos Deputados, a concepção das leis “é fruto de um conjunto de procedimentos previamente estabelecidos de que se servem os parlamentares em sua função de legislar e fiscalizar. Esse trâmite de ações é denominado processo legislativo.”<sup>160</sup> O processo legislativo inicia quando são apresentados projetos de lei, projetos de resolução, projetos de decreto legislativo, medidas provisórias e propostas de emenda à Constituição<sup>161</sup>.

De acordo com a Constituição, as leis podem nascer da iniciativa dos parlamentares, do presidente da República, do Supremo Tribunal Federal, dos Tribunais Superiores, do Procurador Geral da República ou de grupos organizados da sociedade. No Senado Federal ou na Câmara dos Deputados, as proposições devem passar pelas etapas de análise de constitucionalidade e mérito, de responsabilidade das Comissões, e votação, realizada nas comissões e plenário, no caso das matérias que não tenham sido decididas conclusivamente nas Comissões. Após a votação do Congresso Nacional cabe ao Presidente da República aprovar ou vetar a proposição. No primeiro caso, o projeto torna-se lei. Em caso de veto, a proposição retorna ao Congresso Nacional para que se mantenha ou se rejeite o veto. Após a sanção, o prazo é de 48 horas para sua publicação no Diário Oficial da União.

Em 2009, o grupo que havia encabeçado a apresentação da lei contra a corrupção eleitoral em 1999, já organizado como Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE), apresentou o projeto da Ficha Limpa, de iniciativa popular, ao Congresso. Antes dela, outros seis projetos de iniciativa popular no Brasil foram elaborados, mas não chegaram a alcançar o número necessário de assinaturas para validá-los. Com de 1,3 milhão de

---

<sup>160</sup> [www.camaradosdeputados.leg.br](http://www.camaradosdeputados.leg.br), acessado em 23/06/2013.

<sup>161</sup> [www.camaradosdeputados.leg.br](http://www.camaradosdeputados.leg.br), acessado em 23/06/2013.

subscrições, o projeto foi protocolado pelo Deputado Antonio Biscaia (PT-RJ) juntamente com outros 32 parlamentares. Apensado ao PLP 168/1993, de iniciativa do Executivo, o PL resultou na Lei Complementar nº 135/2010, e ficou conhecida como Lei da Ficha Limpa.

O projeto, idealizado pelo juiz Márlon Reis, e apoiado maciçamente pela população brasileira<sup>162</sup>, pretende aumentar a idoneidade dos candidatos aos cargos eletivos e prevê a inelegibilidade de um candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado, mesmo que ainda exista a possibilidade de recursos, por oito anos. Aprovado na Câmara dos Deputados no dia 5 de maio de 2010 e no Senado Federal em 19 de maio do mesmo ano, por votação unânime, a lei foi sancionada pelo então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em junho. Em fevereiro de 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou a lei constitucional e válida para as eleições de 2014.

A lei que estimulou a criação do projeto popular da Ficha Limpa foi a 9.840/1999. A ideia surgiu em função dos casos de compra de votos de eleitores identificados nas eleições de 1996. A ação do grupo Movimento Contra a Corrupção Eleitoral (MCCE) começou com o lançamento do projeto “combatendo a corrupção eleitoral”, em fevereiro de 1997, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), continuidade da Campanha da Fraternidade de 1996, cujo tema era “Fraternidade e Política”.

O Código Eleitoral tipifica como crime a corrupção eleitoral, mas segundo os idealizadores da campanha, essa forma de corrupção quase sempre permaneceu impune e por este motivo a prática se tornou corriqueira, abrindo espaço para o abuso do poder econômico e para a exploração das carências populares. A aprovação da lei 9.840/1999, originária do Projeto de Lei Popular 518/09, acabou, em tese, com essa prática. Whitaker comemorou a aprovação da lei em artigo publicado na Folha de S. Paulo<sup>163</sup>:

Essa conquista histórica – a aprovação, pela primeira vez no Brasil, de uma Iniciativa Popular de Lei, 11 anos depois de a Constituição ter dado aos cidadãos essa possibilidade – teve, portanto, uma base sólida. E a partir dessa base podemos preparar um exército de fiscais de seu cumprimento. Oxalá a sociedade brasileira se

---

<sup>162</sup> Em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, realizada em novembro de 2010, 87% dos 1.300 entrevistados consideraram a Lei da Ficha Limpa como uma “boa” coisa para o país. [www.diretorio.fgv.br/sites/diretorio.fgv.br/files/fichalimpa-fgvdiretorio.pdf](http://www.diretorio.fgv.br/sites/diretorio.fgv.br/files/fichalimpa-fgvdiretorio.pdf)

<sup>163</sup> Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28/10/99, acessado em 23/06/2013.

dispusesse a invadir dessa forma, outras vezes, o Congresso: muita coisa poderia mudar em nosso país. A vitória da Iniciativa Popular de Lei contra a corrupção eleitoral é de fato um sopro de esperança. (WHITAKER, 2009, p. A3)

Após esta introdução sobre leis aprovadas por meio de projetos de iniciativa popular, passa-se aos pontos que levam ao objeto desse estudo — o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa e temas a ele ligados, como as petições *online*. No caso dos processos legislativos e eleitorais, a pesquisa não se aprofundará, deixando apenas este breve histórico<sup>164</sup> para compor o cenário em que nasceu o movimento e a lei da Ficha Limpa, situando o leitor no tempo e espaço dos acontecimentos.

#### *4.2 Petições online e seu valor legal – o nascimento do Movimento Ficha Limpa*

Petições são listas assinadas por várias pessoas, enviadas para as autoridades competentes, solicitando medidas para beneficiar o coletivo. A Constituição brasileira versa sobre o direito de todo cidadão de criar uma petição sobre qualquer assunto e recolher assinaturas em prol das causas que afetem a sociedade (como um todo ou parte dela). No entanto, estas petições, que se tornaram muito comuns na *web*, não possuem valor jurídico, segundo especialistas em direito digital<sup>165</sup>. Estas manifestações originadas na Internet podem gerar bastante repercussão e são exemplos das insatisfações populares sobre determinados assuntos e podem até ocasionarem mudanças, como foi o caso da lei da Ficha Limpa, gerada por meio de iniciativa popular.

O artigo 61 da Constituição Federal prevê que uma “iniciativa popular pode ser exercida pela apresentação de um projeto de lei à Câmara dos Deputados desde que esteja subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, de pelo menos cinco Estados, com não menos de três décimos por cento dos eleitores de cada um deles”. As petições *online* seguem o mesmo critério, pois são classificadas como iniciativa popular. Matérias apresentadas por meio de petições populares entram obrigatoriamente em tramitação quando as assinaturas coletadas são certificadas eletronicamente.

---

<sup>164</sup> Fonte de pesquisa utilizada livremente: Revista Olhar Científico. Artigo Eleições: Uma Instituição em Processo de Mudança, de Eliton Felini Pereira. V. 01, n.2, Ago./Dez. 2010

<sup>165</sup> [www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/03/13/peticoes-online-servem-como-pressao-popular-mas-nao-tem-valor-juridico](http://www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/03/13/peticoes-online-servem-como-pressao-popular-mas-nao-tem-valor-juridico), acessado em 15/06/2013.

As petições virtuais podem demonstrar o poder de visibilidade e mobilização de uma sociedade, mas o seu problema, segundo os advogados especializados em direito digital Renato Ópice Blum e Cristina Sleimann<sup>166</sup>, “é a impossibilidade de garantir a autenticidade de cada participante e comprovar que ele tenha ‘assinado’ apenas uma vez o documento de apoio à causa”. Os juristas afirmam ainda que “em um ambiente ideal, seria necessário que todas as pessoas tivessem uma espécie de certificado digital [mecanismo utilizado por advogados que custa, por ano, cerca de R\$ 80]. Isso garantiria a autenticidade e evitaria a duplicidade de assinaturas”. No entanto, abaixo-assinados físicos também estão submetidos ao mesmo risco, pois é possível forjar assinaturas neles.

Observadas as informações acima, pode-se acreditar que as mobilizações na *web* estão cada vez mais inseridas na prática política democrática. Afinal, a democracia, como sugere o pesquisador Antoun, deve ser entendida “não como um processo de tomada de decisão e, sim, como ‘forma de vida’, ou seja, como sendo baseada no aumento de características da existência individual e social” (ANTOUN, 2004, p. 225). O professor de direito da Fundação Getúlio Vargas e diretor da Avaaz no Brasil, Pedro Abramovay, afirmou em entrevista para o site *UOL Tecnologia*<sup>167</sup>, que “o importante nas petições *online* é a mobilização que elas causam. A validade delas é igual à de um protesto de rua.”<sup>168</sup>

Alex Primo, em sua visão de cibercultura, afirma que as petições *online* permitem que cidadãos de vários locais unam-se rapidamente às causas. A Internet propicia a tomada de decisão mais facilmente. Em suas palavras:

O intercâmbio em tempo real, aliado ao constante fluxo de informações, permitiu a tomada de decisão e a rápida adesão dos cidadãos em torno de projetos de interesse comum. Em outras palavras, através da mediação tecnológica uma grande quantidade de pessoas, dispersas geograficamente, e mesmo que nunca tenham antes interagido, pôde trabalhar em um projeto comum de grandes dimensões e de relevante impacto social. Parte dessas pessoas pode ter como único interesse colaborar com a coletividade (Primo, 2008, p. 58).

Mesmo correndo o risco de parecer o que Pierre Lévy considera “ativismo de sofá” – o tipo de manifestação realizada virtualmente e que o pensador se diz a favor – pois para assinar

---

<sup>166</sup> Idem.

<sup>167</sup> [www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/03/13/peticoes-online-servem-como-pessao-popular-mas-nao-tem-valor-juridico.htm](http://www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/03/13/peticoes-online-servem-como-pessao-popular-mas-nao-tem-valor-juridico.htm), acessado em 23/06/2013.

<sup>135</sup> Idem.

as petições basta acessar um *site* e digitar dados pessoais, algumas mudanças já têm sido promovidas em função destas novas ferramentas. Lévy afirma que essa forma de mobilização *online* é tão legítima como as manifestações tradicionais, como os protestos na rua. Ele afirma ser necessário investir em alfabetização digital para elevar o nível de debate na internet. Além disso, o professor da Universidade de Ottawa, no Canadá, acredita que apesar do crescente controle da rede, tanto por governos autoritários como pelos democráticos, há mais liberdade de expressão com a Internet do que sem ela<sup>169</sup>.

Existem, segundo Pedro Abramovay, alguns exemplos de petições que ganharam atenção dos políticos e influenciaram seus posicionamentos frente ao assunto, como exemplo o Código Florestal brasileiro<sup>170</sup>, aprovado no Congresso Nacional em 2012. A manifestação contrária ao tema reuniu cerca de dois milhões de assinaturas coletadas por meio da página eletrônica da Avaaz. Enviadas para a presidenta Dilma Rousseff, ela designou três ministros para receber a petição das mãos dos manifestantes. A movimentação popular nas Redes Sociais e *sites* da Internet também deu visibilidade ao problema da delimitação de terras para a comunidade indígena Guarani-Kaiowá<sup>171</sup>.

Schiek<sup>172</sup> observa que “os sítios que oferecem chances de perpetrar as manifestações virtuais fazem a ponte entre o cidadão e a tecnologia em prol das causas que podem unir várias pessoas ao seu redor”. Ela cita o Avaaz como um exemplo de página utilizada para unir pessoas em torno de causas e fazer petições *online*:

Pode-se citar também, o site Avaaz.org – o mundo em ação, uma nova rede de mobilização global cuja missão democrática é simples: acabar com a brecha entre o mundo que nós temos e o mundo que queremos. Fundado em conjunto com um grupo de advocacia global da sociedade civil, Res Publica, e pelo pioneiro grupo de ativismo online MoveOn.org, o Avaaz, que significa ‘voz’ em várias línguas europeias e asiáticas, se contrapõe as decisões internacionais formadas pelas elites políticas e inúmeras empresas privadas. Utilizando a tecnologia e a internet, cidadãos se conectam e se mobilizam para além das fronteiras de seus países

---

<sup>169</sup>[www.blogs.estadao.com.br/link/pierre-levy-nao-sou-contrario-o-ativismo-de-sofa](http://www.blogs.estadao.com.br/link/pierre-levy-nao-sou-contrario-o-ativismo-de-sofa), acessado em 19/08/2013.

<sup>170</sup> Lei 12.651, de 25 de maio de 2012.

<sup>171</sup> A retirada dos índios Guarani-Kaiowá do acampamento Pyelito Kue/Mbarakay, na Fazenda Cambará, em Iguatemi, Mato Grosso do Sul (MS), emitida pela Justiça Federal de Navira/-MS, no dia 29 de setembro, trouxe à tona o impasse vivido pelos indígenas que tiveram suas terras tomadas por fazendeiros. Fonte: Rede EBC. <http://www.ebc.com.br/noticias/retrospectiva-2012/2012/12/resistencia-indigena-no-mato-grosso-do-sul-marca-2012>, acessado em 11/08/2013.

<sup>172</sup>[www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf), acessado em 19/08/2013.

apresentando uma nova voz para política internacional que anteriormente era inacessível à população. (SCHIEK, 2008, p.10)

Já existe intenção política de oficializar as petições *online*, o que para alguns pesquisadores é tendência irreversível, pois a internet abriu um espaço para debate e formação de opiniões. A plataforma também provocou mudanças na cultura, na economia e também provocará transformações na política. O senador Pedro Taques (PDT-MT) protocolou projeto de lei que cria mecanismos para dar mais valor a petições *online*. De acordo com a matéria postada em sua página pessoal, Taques define que a plataforma deve ser prioridade nos projetos apoiados por uma porcentagem do eleitorado. Na concepção do senador, a Justiça Eleitoral estaria incumbida de criar um sistema *online* para garantir a autenticidade das petições. Isso garantiria maior participação dos cidadãos nas atividades do Senado Federal, tanto na fiscalização e controle dos atos do Poder Público, quanto na atividade legislativa. O Projeto de Resolução do Senado 19/2013, altera o Regimento Interno do Senado Federal e cria um sistema *online* para que as pessoas possam apresentar propostas legislativas e de fiscalização<sup>173</sup>.

O desenvolvimento deste tipo de projeto e de ferramentas que estimulem a participação dos cidadãos pode ser um importante passo para promover a participação da sociedade nos temas mais relevantes do país. A Internet pode ser uma grande aliada no desenvolvimento da cultura de envolvimento e participação política das pessoas, mas o cenário ideal do exercício da cidadania envolve ferramentas mais acessíveis, órgãos públicos mais transparentes e páginas menos complexas.

A Constituição Federal de 1988 criou um sistema político que combina representação e participação. O primeiro capítulo trata dos Princípios Fundamentais e contém a seguinte afirmação no parágrafo único do Art. 1º: “todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”. No capítulo IV, Direitos Políticos, estão destacados as formas de exercício da soberania popular, que além de exercida pelo voto direto, secreto e universal, também pode ser exercida por meio de plebiscito, referendo e iniciativa popular, caso da lei da Ficha Limpa, objeto deste estudo.

Embora a participação da sociedade na política e nos temas de interesse público não dependa necessariamente de canais institucionais, pode-se dizer que a existência deles facilita

---

<sup>173</sup>[www.pedrotaquesmt.com.br/noticias/noticia.asp?id=3459](http://www.pedrotaquesmt.com.br/noticias/noticia.asp?id=3459), acessado em 06/08/2013.



e cria mais oportunidades para que ela ocorra. Estas ações poderiam ser estimuladas pelas associações e movimentos presentes nas sociedades, virtuais ou não. Hoje, os estímulos para promoverem mudanças efetivas na política brasileira têm acontecido, tanto por meio das Redes Sociais digitais quanto pelas ações de movimentos populares nas ruas.

#### *4.3 Movimento Contra a Corrupção Eleitoral (MCCE) – um grupo engajado na transformação política e social*

O Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE) é uma rede formada por mais de 50 entidades da sociedade civil, movimentos, organizações sociais e religiosas. Nasceu durante as eleições de 2002, inspirado em parte pelo tema e o lema da Campanha da Fraternidade de 1996 (“A Fraternidade e a Política – Justiça e Paz se Abraçarão”). Outro fator impulsionador do movimento foi o projeto de iniciativa popular contra a corrupção eleitoral, apresentado em 1998 e que deu origem à Lei 9.840/1999. A partir de 2003, o movimento ampliou sua atuação e funciona de forma permanente com ações em todo o país.

O MCCE e organizações do gênero são considerados entidades da sociedade civil<sup>174</sup>, que vêm se destacando nas mobilizações sociais, inclusive nos ambientes virtuais. Para esclarecer a expressão “sociedade civil” e sua atuação, traz-se a pesquisadora Ilse Scherer-Warren:

Nesta perspectiva teórica, a sociedade civil, embora configure um campo composto por forças sociais heterogêneas, representando a multiplicidade e diversidade de segmentos sociais que compõem a sociedade, está preferencialmente relacionada à esfera da defesa da cidadania e suas respectivas formas de organização em torno de interesses públicos e valores, incluindo-se o de gratuidade/altruísmo. É importante enfatizar, portanto, que a sociedade civil nunca será isenta de relações e conflitos de poder, de disputas por hegemonia e de representações sociais e políticas diversificadas e antagônicas. Às vezes, também, a sociedade civil é tratada como sinônimo de “terceiro setor”, mas isso não é adequado e comporta certa ambiguidade. O termo “terceiro setor” tem sido empregado também para denominar as organizações formais sem fins lucrativos e não governamentais, com interesse público. A sociedade civil inclui esse setor, mas também se refere à participação cidadã num sentido mais amplo. Pode-se, portanto, concluir que a sociedade civil é a representação de vários níveis de como os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações em prol de

---

<sup>174</sup> Adam Smith define a sociedade civil como o oposto do indivíduo isolado, ou, mais especificamente, a condição do homem que vive numa cidade. Já Immanuel Kant afirma é uma sociedade estabelecida com base no direito, ou seja, o oposto da categoria explicativa de estado de natureza, caracterizada pela guerra potencialmente permanente de todos contra todos. Fonte: *Wikipedia.com*, acessado em 03/11/2013.

políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas. (SCHERER-WARREN, 2006, p.110)<sup>175</sup>

Em abril de 2007, a Secretaria Executiva do Comitê Nacional do MCCE foi oficializada. Este comitê é composto por 51 entidades e atua em várias cidades e capitais, acompanhando de perto a atuação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e mantendo contato com os responsáveis pela adoção de medidas que favoreçam a lisura do processo eleitoral. O comitê é conhecido como o “9.840” (referência à Lei da Compra de Votos) e exerce um importante papel de fiscalização, educação popular e monitoramento do orçamento público e da máquina administrativa.

As principais ações do movimento são:

- Fiscalização: para assegurar o cumprimento das Leis 9840/1999 (Compra de Votos) e 135/2010 (Ficha Limpa), por meio do recebimento de denúncias, acompanhamento de processos e encaminhamentos de representações aos órgãos competentes.

- Educação: trabalha na consciência dos eleitores (“voto não tem preço, tem consequências”) por meio de encontros, palestras e seminários nos municípios. Cartilhas, folders e cartazes são distribuídos durante os eventos.

- Monitoramento: acompanha as iniciativas em discussão no Congresso Nacional em relação às leis já citadas e a outros temas, como o controle social do orçamento público e da máquina administrativa, para combater desvio de recursos com finalidades eleitorais e acompanhar as ações dos candidatos.<sup>176</sup>

O MCCE se aliou a mais de 100 outras organizações não governamentais, como a Articulação Brasileira Contra a Corrupção e a Impunidade (Abracci), para iniciar, na década de 2000, para a campanha de coleta das 1,3 milhão de assinaturas necessárias (1% do eleitorado) à apresentação do projeto de lei de iniciativa popular da Ficha Limpa. Com sua atuação, o MCCE demonstra a importância dos movimentos populares nos mecanismos de mudanças sociais.

---

<sup>175</sup> *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006. Versão *online*. [www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf), acessado em 11/08/2013.

<sup>176</sup> [www.mcce.org.br/site/quemsomos.php](http://www.mcce.org.br/site/quemsomos.php), acessado em 11/08/2013.

#### 4.4 A lei da Ficha Limpa e seus avanços – histórico e cronologia

A Lei Complementar 135, de 04 de junho de 2010, conhecida como lei da Ficha Limpa, teve origem inspirada no projeto de iniciativa popular, em 1999, já citado anteriormente. O Brasil adota, conforme o parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal, o sistema democrático híbrido ou semidireto, na qual a soberania popular é exercida pelos representantes eleitos pelo povo ou diretamente pelo próprio povo. O artigo 14 da Constituição Federal versa que a soberania popular também é exercida diretamente, por meio de plebiscitos, referendos ou propostas de iniciativa popular — oportunidade dada ao povo de apresentar suas sugestões diretamente ao Poder Legislativo. Assim, pode-se entender a iniciativa popular de lei como um instrumento constitucional de combate à omissão do Poder Legislativo, quando este não legisla sobre o que seria de interesse do povo.

O nome Ficha Limpa surgiu quando o Juiz Márlon Reis foi convidado para uma palestra no interior do Piauí. Antes do encontro, houve um jantar na casa paroquial com a presença do prefeito da cidade. O Juiz apresentou o projeto e o prefeito manifestou opinião contra, dizendo ser o projeto “grosseiramente inconstitucional”. Márlon dos Reis concluiu, então, que uma autoridade pública deveria ser “uma pessoa com a ficha limpa” e se convenceu de que este era um excelente nome para a campanha.


Segue abaixo a cronologia dos acontecimentos que resultaram na lei federal:

10/12/2007	MCCE dá início à Campanha Ficha Limpa
9/4/2008	Campanha é lançada na Assembleia da CNBB em Itaici (SP)
1º/5/2008	Início da coleta de assinaturas
1º a 7/9/2008	Primeira mobilização nacional pela coleta de assinaturas para o Projeto de Lei de iniciativa popular. Campanha alcança 200 mil assinaturas
1º a 5/10/2008	Segunda mobilização nacional de coleta de assinaturas
26/10/2008	Terceira mobilização nacional, em municípios onde ocorreu o segundo turno de eleições
19/11/2008	MCCE anuncia ter atingido a marca de 500 mil assinaturas
9/12/2008	Quarta mobilização nacional, no Dia Mundial de Combate à Corrupção
21/4/2009	Quinta mobilização nacional de coleta de assinaturas
8/5/2009	MCCE divulga a pesquisa “Prefeitos e Vereadores cassados por Corrupção Eleitoral”, com base em dados da Corregedoria Geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), indicando que 357 perderam mandatos

7/8/2009	MCCE divulga, em São Paulo, a ação intensiva “300 em 30”, destinada a coletar 300 mil assinaturas em 30 dias para a Campanha Ficha Limpa
2/12/2009	MCCE promove ato público na Praça dos Três Poderes, em Brasília
7/9/2009	Campanha Ficha Limpa coleta assinaturas no desfile de Sete de Setembro na Esplanada dos Ministérios, buscando as 200 mil assinaturas que faltavam para encaminhar ao Congresso Nacional o projeto de lei
29/9/2009	MCCE entrega ao deputado Michel Temer, então presidente da Câmara, o projeto de lei de iniciativa popular (PLP), apoiado por mais de 1,3 milhão de assinaturas, que recebe o número 518/09 e o apoio de 33 deputados <sup>177</sup>
9/12/2009	MCCE encaminha ao deputado Michel Temer mais 200 mil assinaturas, coletadas após a entrega do projeto, em 29 de setembro. O número oficial de apoios populares ao projeto já era, então, de 1.604.815
9/2/2010	Criado grupo de trabalho na Câmara, para propor texto condensando os 14 projetos que tratam de inelegibilidade — entre eles o PLP 518/09 (Ficha Limpa) — tendo o deputado Miguel Martini (PHS-MG) como coordenador e Índio da Costa (DEM-RJ) como relator
23/2/2010	MCCE leva à Câmara mais 77 mil assinaturas de apoio à proposta
17/3/2010	Presidente da Câmara dos Deputados recebe texto substitutivo ao PLP 518/09, elaborado pelo então deputado José Eduardo Cardozo (PT-SP), hoje ministro da Justiça
7/4/2010	Adiada para maio a votação em Plenário do substitutivo ao PLP 518/09, que sofre emendas e, por isso, retorna à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ)
5/5/2010	Realizada a “faxina simbólica” do Congresso Nacional e a entrega de mais

---

<sup>177</sup> Antonio Carlos Biscaia (PT-RJ), Arnaldo Jardim (PPS-SP), Camilo Cola (PMDB-ES), Carlos Sampaio (PSDB-SP), Celso Maldaner (PMDB-SC), Chico Alencar (PSOL-RJ), Domingos Dutra (PT-MA), Dr. Rosinha (PT-PR), Duarte Nogueira (PSDB-SP), Fátima Bezerra (PT-RN), Felipe Maia (DEM-RN), Fernando Chiarelli (PDT-SP), Fernando Coruja (PPS-SC), Fernando Ferro (PT-PE), Hugo Leal (PSC-RJ), Humberto Souto (PPS-MG), Ivan Valente (PSOL-SP), Jô Moraes (PCdoB-MG), Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), Luiz Couto (PT-PB), Manato (PDT-ES), Marcelo Ortiz (PV-SP), Mendonça Prado (DEM-SE), Miro Teixeira (PDT-RJ), Odair Cunha (PT-MG), Osmar Serraglio (PMDB-PR), Paulo Rubem Santiago (PDT-PE), Rafael Guerra (PSDB-MG), Rita Camata (PMDB-ES), Rodovalho (DEM-DF), Vieira da Cunha (PDT-RS), Washington Luiz (PT-MA) e Zenaldo Coutinho (PSDB-PA). Depois, também assinou o deputado Índio da Costa (DEM-RJ).

	485 mil assinaturas, coletadas virtualmente por meio da petição <i>online</i> iniciada pelo Avaaz, elevando para mais de 2 milhões os apoios à iniciativa
11/5/2010	Projeto é aprovado na Câmara: dos 513 deputados, 390 participaram da sessão, dos quais 388 votaram a favor. O presidente da Câmara, Michel Temer, não votou por impedimento regimental. O deputado Marcelo Melo (PMDB-GO), único a votar contra, depois alegou que, cansado, se “equivocou ao votar”, segundo o site Congresso em Foco <sup>178</sup> .
19/5/2010	 <p>Aprovação no Senado, sem alterações ao texto enviado pela Câmara: dos 81 senadores, 77 participaram, com 76 votos a favor. O presidente do Senado, José Sarney, não votou por impedimento regimental.</p>
4/6/2010	Sancionada a Lei Complementar 135/2010, pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva
7/6/2010	Publicada no Diário Oficial da União, a Lei da Ficha Limpa entra em vigor
22/9/2010	Supremo Tribunal Federal analisa o primeiro caso sobre a aplicação da nova lei. Tratava-se da impugnação da candidatura de Joaquim Roriz (PSC) ao governo do Distrito Federal. Seu registro de candidatura fôra negado em todas as esferas da Justiça Eleitoral, decisão ratificada pelo STF
23/9/2010	Por 6 votos a 5, STF decide que, no julgamento do Recurso Extraordinário (RE) 633703, que a Lei 135/2010 não seria aplicada às eleições de 2010, mas sessão não discutiu a constitucionalidade da iniciativa
3/4/2011	Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) ajuíza no STF ação, requerendo que aquela Corte declare a constitucionalidade da Lei 135/2010, para que ela seja efetivamente aplicada
9/11/2011	STF julga ação que discute constitucionalidade da lei. O relator, ministro Luiz Fux, declara voto favorável à aplicação da lei já no pleito de 2012. Pedido de vista de Joaquim Barbosa adia discussão para dezembro

<sup>178</sup> [www.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/quem-aprovou-o-ficha-limpa-veja-como-os-deputados-votaram](http://www.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/quem-aprovou-o-ficha-limpa-veja-como-os-deputados-votaram), acessado em 11/11/2013.

1/12/2011	STF retoma julgamento, com voto favorável de Joaquim Barbosa (2 a 0). Pedido de vista, agora do Dias Toffoli, leva decisão para o ano seguinte
15/2/2012	STF retoma julgamento e placar sobe para 4 a 1
16/2/2012	STF encerra julgamento e, por 7 votos a 4, declara a constitucionalidade da Lei da Ficha Limpa e sua validade para as eleições de 2012 <sup>179</sup>

No momento da aprovação pelo Senado Federal, Ophir Cavalcante, então presidente da OAB Nacional, se posicionou a favor da Lei. Ele comemorou, afirmando: “não vamos acabar com todos os males da política brasileira. Entretanto, a lei será um passo e aqueles carreiristas que querem fazer de seus mandatos uma extensão de seus interesses privados vão pensar duas vezes, pois a punição será muito grande”<sup>180</sup>.

Dom Orani Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, também se pronunciou favoravelmente a respeito da aprovação da lei: “a Ficha Limpa é uma decisão coletiva, e a Igreja está junto com a sociedade. Essa aprovação é uma perspectiva que se abre não só para a sociedade olhar para um futuro melhor na política, como também é uma forma de a política caminhar cada vez melhor dentro da ética.”<sup>181</sup>

A senadora Marinor Brito (PA), então líder do PSOL no Senado Federal, afirmou que a não aplicação da lei em 2010 representara uma derrota parcial para a luta do povo. Ela afirmou que “nenhum dos que sonham com a ética na política vai esmorecer e deixar de lutar para que tenhamos no país, políticos sérios, honestos, comprometidos com os reais interesses do povo, políticos fichas-limpa.”<sup>182</sup>

O juiz Márlon Reis — que em dezembro de 2012 recebeu o prêmio da Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção (UNODC), em razão de sua mobilização e luta no combate à corrupção — fez a seguinte declaração:

---

<sup>179</sup> Votaram a favor: Luiz Fux, Joaquim Barbosa, Rosa Weber, Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski, Carlos Ayres Britto e Marco Aurélio. Contra: Dias Toffoli, Celso de Mello, Cezar Peluso e Gilmar Mendes.

<sup>180</sup> Entrevista concedida ao Jornal do Brasil. [www.jb.com.br/pais/noticias/2012/02/17/aprovacao-da-lei-da-ficha-limpa-e-elogiada-por-varias-entidades](http://www.jb.com.br/pais/noticias/2012/02/17/aprovacao-da-lei-da-ficha-limpa-e-elogiada-por-varias-entidades), acessada em 30/10/2013.

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> [www.marinorbrito.blogspot.com.br/2011/04/parlamentares-do-psol-discutem-lei-da.html](http://www.marinorbrito.blogspot.com.br/2011/04/parlamentares-do-psol-discutem-lei-da.html), acessado em 11/11/2013.

A sociedade brasileira esperava desde 1994 (quando o § 9º do art. 14 da Constituição passou a ter a redação atual) que o Congresso Nacional disciplinasse as balizas para a análise da vida pregressa dos candidatos. Ao não agir, compeliu essa mesma sociedade a descruzar os braços, elaborar um novo projeto de lei e partir para a coleta das assinaturas necessárias à sua apresentação ao Parlamento. (Citação retirada do *site* do MCCE)

Para melhor conhecimento do objeto, esta pesquisa achou relevante apresentar o pronunciamento dos sete ministros que votaram a favor da validação da lei da Ficha Limpa, por isso reproduz, aqui as frases coletadas e disponibilizadas na página eletrônica do MCCE.

Luiz Fux: “É razoável a expectativa de candidatura de um indivíduo já condenado por decisão colegiada?”

Joaquim Barbosa: “É chegada a hora da sociedade ter o direito de escolher e se orgulhar de poder votar em candidatos probos.”

Ricardo Lewandowski: “Estamos diante de um diploma legal que conta com o apoio expresso e explícito dos representantes da soberania nacional.”

Ayres Britto: “Uma pessoa que desfila pela passarela quase inteira do Código Penal, ou da Lei de Improbidade Administrativa, pode se apresentar como candidato?”

Rosa Weber: “O escopo da inelegibilidade não é punir. A norma jurídica não tem no indivíduo seu destinatário primeiro. O foco é outro. O foco, a meu juízo, é a coletividade, buscando preservar a legitimidade das eleições, a autenticidade da soberania popular e, em última análise, assegurar o processo de concretização do Estado Democrático de Direito”

Marco Aurélio: “Eu não posso endossar a postura daqueles que acreditam na morosidade da justiça e interpõem sucessivos recursos para projetar no tempo, visando não cumprir o decreto condenatório, o trânsito em julgado da decisão.”

Carmem Lúcia: “A vida pregressa compõe a *persona* que se oferece ao eleitor, e o seu conhecimento há de ser de interesse público, para se chegar à conclusão quanto à sua aptidão que a Constituição Federal diz, moral e proba, para representar quem quer que seja.”<sup>183</sup>

Com essa decisão, a Lei da Ficha Limpa teve suas duas principais novidades validadas. A primeira foi a possibilidade de candidatos com condenações por órgãos colegiados terem os registros indeferidos pela Justiça Eleitoral. Antes, somente com uma decisão final sem possibilidades de recurso – trânsito em julgado – era possível barrar a

---

<sup>183</sup> Informações compiladas pelo MCCE em seu site. [www.mcce.org.br](http://www.mcce.org.br), acessado em 29/10/2013.

candidatura. A segunda foi a de a lei valer para condenações e renúncias ocorridas antes de 10 de junho de 2010, data da sanção das novas regras de inelegibilidade.

Outra definição emanada do julgamento é referente à validação da alínea E do artigo 1º, que prevê que aqueles condenados por diversos crimes, como contra o patrimônio público, de abuso de autoridade e de lavagem ou ocultação de bens, direitos e valores, por exemplo, ficarão inelegíveis por oito anos após o cumprimento da pena.

O quadro a seguir resume as principais inovações da Lei da Ficha Limpa:

SITUAÇÃO	CARACTERIZAÇÃO	DURAÇÃO
Condenação criminal	<p>Não é necessário o trânsito em julgado. Basta que a condenação seja proferida por um tribunal por qualquer dos seguintes crimes:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Contra a economia popular, a fé pública, a administração pública e o patrimônio público;</li> <li>2. Contra o patrimônio privado, o sistema financeiro, o mercado de capitais e os previstos na lei que regula a falência;</li> <li>3. Contra o meio ambiente e a saúde pública;</li> <li>4. Eleitorais, para os quais a lei comine pena privativa de liberdade;</li> <li>5. De abuso de autoridade, nos casos em que houver condenação à perda do cargo ou à inabilitação para o exercício de função pública;</li> <li>6. De lavagem ou ocultação de bens, direitos e valores;</li> <li>7. De tráfico de entorpecentes e drogas afins, racismo, tortura, terrorismo e hediondos;</li> <li>8. De redução à condição</li> </ol>	Desde a condenação até o transcurso do prazo de 8 (oito) anos após o cumprimento da pena



	<p>análoga à de escravo;</p> <p>9. Contra a vida e a dignidade sexual; e</p> <p>10. Praticados por organização criminosa, quadrilha ou bando;</p>	
Rejeição de contas	<p>1. A rejeição das contas políticas, se rejeitadas pelo Parlamento (Congresso Nacional, Assembleias Legislativas, Câmara Legislativa e Câmara de Vereadores, conforme o caso) geram inelegibilidade.</p> <p>2. As contas técnicas, ou contas de gestão, quando rejeitadas pelo Tribunal de Contas, já produzem a inelegibilidade. Prefeitos que tenham usurpado a função de técnicos e movimentado pessoalmente verbas públicas (o que não é a sua função) se tornam inelegíveis independentemente da posição da Câmara.</p>	Oito anos contados da decisão do Parlamento ou do Tribunal de Contas, conforme o caso.
Renúncia	O mandatário que renuncia após ter sido protocolada uma denúncia capaz de lavar à sua cassação fica atingido pela lei.	Durante o período remanescente do mandato para o qual foram eleitos e nos 8 (oito) anos subsequentes ao término da legislatura
Quebra do decoro parlamentar	Parlamentares de todos os níveis que perderam o mandato com base nos incisos I e II do art. 55 da Constituição Federal ou normas correspondentes das Leis Orgânicas.	Eleições que se realizarem durante o período remanescente do mandato para o qual foram eleitos e nos oito anos subsequentes ao término da legislatura
Chefes do Executivo cassados	Presidente, governadores, prefeitos e respectivos vices cassados pelo Parlamento por descumprimento à Constituição (ou Leis Orgânicas)	Eleições que se realizarem durante o período remanescente e nos 8 (oito) anos subsequentes ao término do mandato para o qual tenham sido eleitos

Aposentados compulsoriamente	Magistrados e membros do Ministério Público, aposentados compulsoriamente ou que tenham pedido exoneração ou aposentadoria voluntária na pendência de processo administrativo disciplinar em razão de processo administrativo disciplinar, ficam inelegíveis.	8 (oito) anos contados da decisão
Cassados por compra de votos (captação ilícita de sufrágio) ou condutas vedadas a agentes públicos	Aqueles que receberam condenação a perda do registro ou do diploma eleitoral por um Tribunal Regional Eleitoral ou pelo TSE, desde a decisão não tenha sido modificada posteriormente.	8 (oito) anos a contar da eleição em que ocorreu o fato
Praticantes de abuso de poder político, econômico ou dos meios de comunicação	Aqueles que receberam condenação por um Tribunal Regional Eleitoral ou pelo TSE, desde que a decisão não tenha sido modificada posteriormente.	8 (oito) anos a contar da eleição em que ocorreu o fato
Expulsos por conselhos profissionais	Médicos, advogados, engenheiros, odontólogos e exercentes de profissões regulamentadas por lei ficam inelegíveis se expulsos pelos Conselhos Profissionais.	8 (oito) anos contados da decisão
Improbidade administrativa	Condenados à suspensão dos direitos políticos, em decisão transitada em julgado ou proferida por órgão judicial colegiado, por ato doloso de improbidade administrativa que importe lesão ao patrimônio público e enriquecimento ilícito.	Desde a condenação ou o trânsito em julgado até o transcurso do prazo de 8 (oito) anos após o cumprimento da pena
Servidores demitidos	Demitidos do serviço público em decorrência de processo administrativo ou judicial, pelo prazo de 8 (oito) anos, contado da decisão, salvo se o ato houver sido suspenso ou anulado pelo Poder Judiciário.	8 (oito) anos contados da decisão

Realizadores de doações ilegais	Pessoas físicas e dirigentes de pessoas jurídicas responsáveis por doações eleitorais tidas por ilegais por decisão transitada em julgado ou proferida por órgão colegiado da Justiça Eleitoral, pelo prazo de 8 (oito) anos após a decisão, observando-se o procedimento previsto no art. 22.	8 (oito) anos após a decisão
---------------------------------	--	------------------------------

*Tabela 7: circunstâncias em que as pessoas podem ficar impedidas de participar das eleições como candidatos.*

Diversas lideranças políticas saudaram a decisão do STF. O presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia (PT-RS), disse que a decisão foi uma vitória da sociedade, uma vez que a proposta foi de iniciativa popular com mais de 1 milhão de assinaturas. “Todos nós temos que comemorar essa decisão. Ela reforça os debates feitos aqui na Câmara e a lei agora se transforma em realidade.”<sup>184</sup> O deputado Chico Alencar (PSOL/RJ), aplaudiu o resultado: “Sempre apoiamos a iniciativa popular, sua tramitação no Congresso e sua validade desde o pleito passado — que este mesmo Supremo, lamentavelmente, revogou, possibilitando a posse, ainda que tardia, de alguns notórios desqualificados.”<sup>185</sup>

A Lei da Ficha Limpa é um bom exemplo de que a estrutura e as leis eleitorais do Brasil não atendem mais às expectativas do povo. Isso pode ser claramente comprovado pela quantidade de eleitores não votantes no segundo turno do pleito de 2010. A abstenção, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), chegou a 29,1 milhões. Mais de 21% dos eleitores deixaram de votar, o maior índice desde o registrado em 1994, quando Fernando Henrique Cardoso (PSDB) venceu Lula no primeiro turno. Quando somados também os cidadãos que optaram pelo voto nulo ou em branco, o número chega a 36,6 milhões.

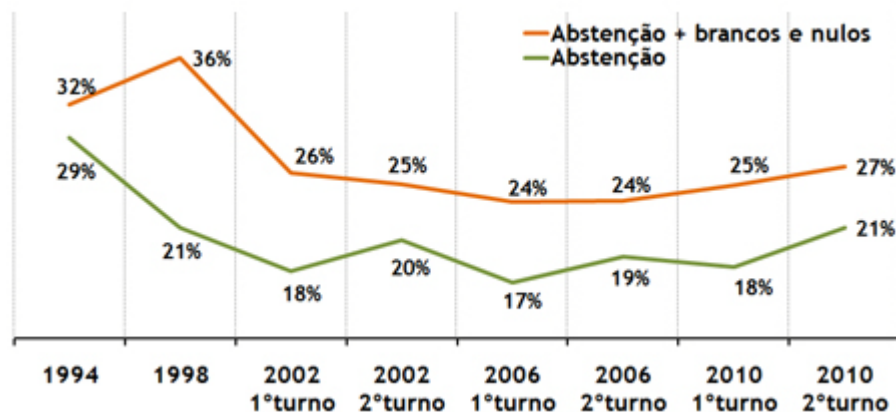
A diferença entre a abstenção no primeiro e no segundo turno das eleições de 2010 foi de 4,5 milhões de votos. Como explicar a decisão dos eleitores de não comparecerem às urnas, mesmo quando o voto no Brasil é obrigatório? Este presente estudo atribui o fenômeno ao maior esclarecimento da população em relação aos fatos da política, para o qual a

---

<sup>184</sup> [www.agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-16/decisao-do-stf-sobre-lei-da-ficha-limpa-repercute-bem-na-camara-dos-deputados](http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-16/decisao-do-stf-sobre-lei-da-ficha-limpa-repercute-bem-na-camara-dos-deputados), acessado em 11/11/2013.

<sup>185</sup> Idem.

campanha da Ficha Limpa teve participação. Algumas informações disseminadas pela Internet durante a campanha podem ter desanimado os votantes a comparecerem às urnas.



*Percentual de eleitores em relação ao eleitorado de 1994 e 2010.*

Para explicar o fenômeno da disseminação de informações, a pesquisadora Monica Schiek sugere que:

Os cidadãos conectados no mundo inteiro praticam a troca de conhecimento e informação por meio das diversas ferramentas disponibilizadas na rede, caracterizando, assim, um espaço de livre expressão. Enquanto cidadãos, alerta Foucault, podemos e devemos interpelar o governo sobre o que ele faz, o sentido de sua ação, as decisões que ele toma, podemos exigir dos governantes uma certa verdade com relação aos projetos finais, as escolhas gerais de sua tática, a um certo número de pontos particulares de seu programa: o governado. (SCHIEK. 2010. P. 4)

Os movimentos populares há tempos pedem explicações sobre a má gestão dos governos, mas as respostas não têm sido boas o suficiente para explicar o número de escândalos na política. Por isso, esta pesquisa acredita que a população acreditou na proposta do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral, que pretendia sanear a atividade política a partir de seu nascedouro, barrando candidatos com condenações judiciais. Vislumbra-se um importante momento de transformação social, vez que a população efetivamente se mobilizou para viabilizar a apresentação do projeto.

A Ordem dos Advogados do Brasil não somente apoiou a proposta Lei da Ficha Limpa como também se engajou ao movimento, contribuindo com mais de 42 mil assinaturas na petição do projeto, colhidas em menos de uma semana de campanha.<sup>186</sup> O volume de

<sup>186</sup> [www.oab.org.br/noticia/25814/](http://www.oab.org.br/noticia/25814/), acessado em 16/08/2013.

assinaturas demonstra o anseio da sociedade pela transformação da política. Já o Supremo Tribunal Federal (STF) confirmou o que a população queria desde a aprovação da Lei, o reconhecimento da sua constitucionalidade. A página eletrônica mantida pelo MCCE comemorou:

Quase dois anos depois de entrar em vigor, a lei da Ficha Limpa foi declarada constitucional pela maioria dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 16 de fevereiro de 2012. Por sete votos a quatro, o plenário determinou que o texto integral da norma deve valer a partir das eleições de outubro de 2012. A lei da Ficha Limpa é uma conquista histórica da sociedade brasileira e está definitivamente incorporada ao nosso sistema eleitoral! Sua aprovação só foi possível com muita mobilização e pressão popular. É, portanto, uma vitória de todos! Nós sabemos que é só o início de uma revolução pacífica, cidadã e profundamente comprometida com os direitos humanos e a nossa Constituição. Ainda há muito para ser feito, inclusive sobre a Lei Ficha Limpa, e esse portal tem como objetivo informar a população e fortalecer a luta por um Brasil mais limpo, ético e transparente. ([www.fichalimpa.org.br](http://www.fichalimpa.org.br)).<sup>187</sup>

#### *4.5 A evolução do Ficha Limpa, segundo pesquisa do German Development Institute, da Alemanha*

Entre 1º de junho e 30 de agosto de 2011, 1.800 pessoas participaram de uma pesquisa pela Internet realizada pelo MCCE em conjunto com o Instituto Alemão para o Desenvolvimento (DIE), para medir a influência das atividades *online* das pessoas em sua participação efetiva no Movimento Ficha Limpa. Em janeiro de 2014, sob o selo da *Routledge Taylor & Francis Group*, o instituto alemão lançará o livro *Digital Technologies for Democratic Governance in Latin America*, editados pelas pesquisadoras Anita Breuer e Yanina Welp, que dedica um capítulo inteiro à análise da influência do ciberativismo no sucesso do movimento.

Os principais resultados da pesquisa estão relacionados a seguir e foram gentilmente cedidos por seus autores.

##### No que diz respeito ao perfil socioeconômico:

- 62,1% dos respondentes do sexo masculino.
- Faixa etária predominante entre 30 e 60 anos.
- 70,3% com nível superior completo ou acima.

---

<sup>187</sup> [www.fichalimpa.org.br](http://www.fichalimpa.org.br), acessado em 01/07/2013.

- Em termos de ocupação principal, 29,4% se declararam funcionários de médio escalão de empresa pública ou privada, 20,6% profissionais liberais ou pequenos empresários e 19,2% estudantes.

Em termos de avaliação do contexto político:

- 57,1% disseram não ter nenhuma confiança em partidos políticos.
- 31,3% concordaram que “pessoas como eu não têm qualquer influência sobre o que o governo faz”.
- Só 0,8% consideraram ser “muito provável” que alguém que tenha cometido um ato ilegal seja punido no país.
- 47,8% acham que houve “pouco” progresso na redução da corrupção nas instituições públicas nos últimos 10 anos.
- 46,3% classificaram o grau de democracia no Brasil como apenas intermediário (3, em uma escala de 1 a 5)

Em relação às suas presenças *online*:

- 85,9% disseram ter perfil em sites de redes sociais, como Facebook, Twitter, Orkut etc.
- 53,2% disseram acessar várias vezes ao dia as redes sociais e 25,4% pelo menos uma vez ao dia.
- 43,3% disseram participar ativamente de algum grupo de discussão sobre "Política"

11. Com que frequência você acessa o seu site de redes sociais mais usado?

		Response Percent	Response Count
Várias vezes por dia		<b>53.2%</b>	<b>726</b>
Uma vez por dia		25.4%	347
A cada dois dias		7.9%	108
Uma vez por semana		7.3%	99
Menos de uma vez por semana		2.7%	37
Quase nunca		3.5%	48

Em relação aos principais motivos para usar as redes sociais:

- Dos que escolheram "expressar o meu ponto de vista e opiniões", 45,2% posicionaram esta opção em primeiro lugar
- Dos que indicaram "buscar e compartilhar informações sobre notícias do momento e política", 47,6% marcaram esta opção em primeiro lugar

13. Quais são os principais motivos de você usar os sites de redes sociais? (Selecione no máximo 5 e enumere-os em ordem de importância, atribuindo 1 para o mais importante e 5 para o menos importante)

	1	2	3	4	5	Rating Count
<b>Manter contato com amigos</b>	<b>70.8%</b> <b>(883)</b>	14.0% (174)	5.9% (73)	4.6% (57)	4.8% (60)	1,247
<b>Fazer novos amigos</b>	<b>29.4%</b> <b>(133)</b>	28.9% (131)	17.4% (79)	11.7% (53)	12.6% (57)	453
<b>Saber mais sobre as pessoas (conhecidas ou desconhecidas)</b>	24.7% (98)	<b>34.6%</b> <b>(137)</b>	18.4% (73)	12.1% (48)	10.1% (40)	396
<b>Planejar encontros e convidar as pessoas para encontros</b>	25.8% (75)	<b>31.6%</b> <b>(92)</b>	19.9% (58)	11.0% (32)	11.7% (34)	291
<b>Participar de grupos de interesses específicos</b>	<b>39.3%</b> <b>(276)</b>	27.3% (192)	17.6% (124)	8.5% (60)	7.3% (51)	703
<b>Expressar o meu ponto de vista e opiniões</b>	<b>45.2%</b> <b>(353)</b>	26.0% (203)	15.5% (121)	7.7% (60)	5.6% (44)	781
<b>Buscar e compartilhar informações sobre notícias do momento e política</b>	<b>47.6%</b> <b>(360)</b>	23.8% (180)	14.2% (107)	8.6% (65)	5.8% (44)	756

#### Em relação ao Movimento Ficha Limpa:

- 95,9% já tinham ouvido falar do movimento antes de participar da pesquisa.
- 50,1% ficaram sabendo da campanha em 2010, quando se intensificou o uso das redes sociais para alavancar a

#### Como ficou sabendo da campanha? (\*)

- 53,3% vi na televisão
- 40,2% li no jornal
- 22,8% e-mail
- 16,3% amigo, parente ou colega de trabalho me contou
- 14,6% ouvi no rádio
- 14,5% Site oficial do MCCE

- 13,2% Facebook
- 11,6% Avaaz

(\* permitidas múltiplas respostas (máximo de três))

17. Tente lembrar como você ficou sabendo da Campanha Ficha Limpa pela primeira vez (selecione no máximo 3 alternativas)

		Response Percent	Response Count
Li no jornal		40.2%	588
Vi na televisão		<b>53.3%</b>	<b>779</b>
Ouvi no rádio		14.6%	214
Um amigo, parente ou colega de trabalho me contou		16.3%	239
Fui abordado na rua para assinar a petição da Campanha		3.6%	53
Vi um adesivo, outdoor ou pôster na rua		2.1%	31
Site oficial do MCCE		14.5%	212
Orkut		2.3%	34
Facebook.com		13.2%	193
Vostu.com		0.0%	0
MSN / Windows Live		1.8%	26
AVAAZ		11.6%	170
YouTube		1.0%	14
Blog de alguém (exemplo)		3.6%	52
email		22.8%	334

Que fontes você usou para se atualizar sobre a evolução da Campanha?

- Facebook.com foi citado por 273 de 1.015. 61,9% indicaram em primeiro lugar
- Twitter.com foi citado por 122 de 1.015. 64,8% indicaram em primeiro lugar
- Avaaz foi citado por 171 de 1.015. 59,6% indicaram em primeiro lugar







19. A partir do momento que você ficou sabendo da Campanha Ficha Limpa, que fontes você usou para se atualizar sobre a evolução da Campanha? (selecione no máximo 5 alternativas e enumere-as em ordem de importância, atribuindo 1 para a mais importante e 5 para a menos importante)

	1	2	3	4	5	Rating Count
<b>Jornais</b>	<b>56.8%</b> <b>(372)</b>	19.2% (126)	12.1% (79)	7.0% (46)	4.9% (32)	655
<b>Televisão</b>	<b>50.8%</b> <b>(314)</b>	25.2% (156)	12.3% (76)	6.3% (39)	5.3% (33)	618
<b>Rádio</b>	<b>43.3%</b> <b>(123)</b>	20.8% (59)	18.7% (53)	9.2% (26)	8.1% (23)	284
<b>Conversas com amigos, parentes e colegas de trabalho</b>	<b>47.6%</b> <b>(188)</b>	19.5% (77)	15.4% (61)	10.9% (43)	6.6% (26)	395
<b>Participando de eventos e encontros oficiais da Campanha</b>	<b>58.1%</b> <b>(93)</b>	12.5% (20)	11.9% (19)	8.8% (14)	8.8% (14)	160
<b>Site oficial do MCCE</b>	<b>69.9%</b> <b>(285)</b>	14.2% (58)	4.9% (20)	3.7% (15)	7.4% (30)	408
<b>Orkut</b>	<b>47.3%</b> <b>(26)</b>	21.8% (12)	9.1% (5)	9.1% (5)	12.7% (7)	55
<b>Facebook.com</b>	<b>61.9%</b> <b>(169)</b>	18.7% (51)	9.2% (25)	4.0% (11)	6.2% (17)	273
<b>Vostu.com</b>	0.0% (0)	0.0% (0)	0.0% (0)	0.0% (0)	<b>100.0%</b> <b>(1)</b>	1
<b>MSN / Windows Live</b>	<b>50.0%</b> <b>(19)</b>	18.4% (7)	13.2% (5)	10.5% (4)	7.9% (3)	38
<b>AVAAZ</b>	<b>59.6%</b> <b>(102)</b>	18.1% (31)	8.2% (14)	5.8% (10)	8.2% (14)	171
<b>YouTube</b>	<b>34.5%</b> <b>(10)</b>	27.6% (8)	10.3% (3)	10.3% (3)	17.2% (5)	29
<b>Blog de alguém</b>	<b>49.4%</b> <b>(41)</b>	18.1% (15)	13.3% (11)	10.8% (9)	8.4% (7)	83
<b>E-mail</b>	<b>63.6%</b> <b>(222)</b>	14.3% (50)	10.3% (36)	4.3% (15)	7.4% (26)	349
<b>Twitter.com</b>	<b>64.8%</b> <b>(79)</b>	15.6% (19)	7.4% (9)	7.4% (9)	4.9% (6)	122

No que se refere à militância virtual e presencial:


- 65,8% responderam ter expressado apoio ao conteúdo da campanha nas redes sociais frequente ou ocasionalmente

21. Com que frequência você acessou conteúdos (vídeos, fotos, artigos, blogs, etc.) relacionados à Campanha Ficha Limpa na internet?





		Response Percent	Response Count
<b>Frequentemente</b>		41.7%	424
<b>Ocasionalmente</b>		<b>44.1%</b>	<b>449</b>
<b>Raramente</b>		10.6%	108
<b>Nunca</b>		3.6%	37

- 75,5% disseram ter compartilhado conteúdos da campanha nas redes sociais frequente ou ocasionalmente
- 66,9% disseram ter assinado a petição online da ONG Avaaz, lançada em setembro de 2009
- 53,2% disseram ter assinado o formulário oficial para coleta de assinaturas do MCCE
- 77,8% disseram ter conversado pessoalmente ou por telefone sobre a campanha frequente ou ocasionalmente

29. Em setembro de 2009, a ONG AVAAZ realizou uma petição online para pressionar os deputados federais a votar a favor da Lei Ficha Lima no Congresso. Você acessou o site da AVAAZ e assinou a petição online da AVAAZ?





		Response Percent	Response Count
<b>Sim</b>		<b>66.9%</b>	<b>678</b>
<b>Não</b>		33.1%	336

30. Entre abril de 2008 e abril de 2010, com que frequência você conversou sobre a Campanha Ficha Limpa pessoalmente ou por telefone com amigos, parentes ou colegas de trabalho?

		Response Percent	Response Count
<b>Frequentemente</b>		<b>39.9%</b>	<b>393</b>
<b>Ocasionalmente</b>		37.9%	373
<b>Raramente</b>		14.4%	142
<b>Nunca</b>		7.8%	77

- 34% disseram ter distribuído material de divulgação frequente ou ocasionalmente
- Só 37,8% disseram ter entrado em contato com seu congressista para pedir que votasse a favor do projeto, dos quais 84,8% o fizeram por e-mail
- 69,3% disseram nunca ter participado presencialmente de qualquer evento da campanha

36. Você participou presencialmente de algum evento, como uma passeata, uma manifestação nas ruas, ou algum encontro para a coleta de assinaturas relacionado à Campanha Ficha Limpa?

		Response Percent	Response Count
<b>Frequentemente</b>		8.2%	80
<b>Ocasionalmente</b>		12.5%	122
<b>Raramente</b>		10.0%	97
<b>Nunca</b>		<b>69.3%</b>	<b>675</b>

- 68,3% disseram assinar ocasional ou frequentemente petições
- 38,3% disseram que nunca participaram de manifestações/greves autorizadas
- 58,8% disseram que nunca participaram de manifestações/greves não autorizadas

As restrições à apresentação de projetos de iniciativa popular no Brasil deixaram, inicialmente, os organizadores do Movimento Ficha Limpa pessimistas em relação à perspectiva de coletar as 1,3 milhão de assinaturas necessárias. Porém, o destino da iniciativa sofreu uma mudança considerável a partir do momento em que seus promotores decidiram pelo uso das plataformas de mídia social para alavancar a campanha, daí o interesse demonstrado pelo MCCE e o Instituto Alemão para o Desenvolvimento em investigar o nível de engajamento digital dos apoiadores do Movimento Ficha Limpa.

O primeiro perfil do movimento criado no *Facebook* ocorreu em junho de 2009, ao mesmo tempo, diversos vídeos foram postados no *YouTube*. Em fevereiro de 2010, cerca de 30 mil usuários do *Facebook* haviam curtido sua *fanpage* e 10 mil no *Twitter* estavam seguindo o perfil do Ficha Limpa. Cerca de 50 mil pessoas baixaram os vídeos de campanha do *YouTube* e de outras plataformas, como o *Orkut*. Em setembro de 2009, já haviam sido coletadas 1,5 milhão de assinaturas físicas em apoio ao projeto de iniciativa popular, mais do que suficiente para sua aceitação pelo Parlamento. Porém, a mobilização *online* prosseguiu por meio de diversas iniciativas do MCCE, até como forma de manter a pressão pela aprovação da proposta.

Em abril de 2010, mais de 2 milhões de pessoas haviam assinados a petição *online* lançada pelo site *avaaz.org*. A presença da campanha nas redes sociais alimentou protestos de rua, como a lavagem simbólica da rampa do Congresso Nacional, em 6 de maio de 2010, que recebeu ampla cobertura da mídia tradicional, inclusive do *Jornal Nacional*.<sup>188</sup> O Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE) recorreu ao trabalho de três profissionais e dez voluntários para alcançar um universo de 3 milhões de apoiadores, ao final de 2011.

Portanto, as evidências recolhidas por este estudo, tanto na forma de depoimentos de organizadores do Movimento Ficha Limpa, como o juiz Márlon Reis, quanto a partir dos resultados da pesquisa online promovida pelo MCCE e o *Deutsches Institut für Entwicklungspolitik* (DIE) — Instituto Alemão para o Desenvolvimento — apontam para a conclusão de que a mobilização das mídias sociais serviu de emulador para o interesse das mídias tradicionais pela campanha. E vice-versa: assim como as mobilizações pelas redes sociais atraíram pautas jornalísticas, as adesões e as atividades relativas ao assunto no *Facebook* viveram grande crescimento a partir da cobertura dada pelas emissoras de TV e os jornais impressos.

Em depoimento às pesquisadoras alemãs Anita Breuer e Yanina Welp, Márlon Reis afirmou que “[...] antes do Movimento Ficha Limpa, quando a mobilização teve que ser feita fora das redes sociais, contatos pessoais ou telefonemas eram realizados por meio dos 300 comitês locais que faziam parte de nossa rede nacional [...] A mídia social e a intervenção do *Avaaz* proporcionaram uma excelente alternativa, que nos permitiram falar diretamente para as pessoas, sem a necessidade de pagar por publicidade. O uso do *Facebook* e do *Twitter* se tornou particularmente importante na fase em que a pressão popular precisava ser exercida sobre o Congresso, pois nos permitia transmitir informação em tempo real”.

#### 4.6 Os Movimentos Sociais - da Internet para as ruas

Quando as Redes Sociais digitais começaram a se desenvolver, não se fazia ideia da força, importância e alcance que assumiriam. Era notório o conhecimento da influência do povo no cotidiano das sociedades, como se verificou no Capítulo 1. Os grupos, sempre que se

---

<sup>188</sup> [www.youtube.com/watch?v=m1Bqxcg4lqmI](http://www.youtube.com/watch?v=m1Bqxcg4lqmI), acessado em 13/09/2013.

mobilizaram, conseguiram transformar (total ou parcialmente) a realidade que os deixava insatisfeitos. Desde a Revolução Francesa de 1789, são vários os registros de movimentos populares relevantes, como a Revolução Bolchevique (1917) ou aquela liderada por Mao Tsé Tung na China em meados do século XX. Exemplos como esses demonstram que a população sempre conseguiu, por meio de mobilizações, mudar o curso da História.

O caso mais recente de moderna luta social – já em tempos de Redes Sociais – é a onda de protestos que marcou os países do Oriente Médio e Norte da África, a partir de dezembro de 2010, conhecida no Brasil como Primavera árabe. Os levantes começaram na Tunísia, com a derrubada do ditador Zine El Abidini Ben Ali. Em seguida, se espalharam por outros países por meio das Redes Sociais e, em parte, pelos meios de comunicação tradicionais (onde o governo central não exercia censura completa sobre o conteúdo do noticiário). Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã viveram convulsões sociais, sendo que os dois primeiros também conseguiram afastar os seus governantes.

Embora cada um desses países tenha desenvolvido um diferente tipo de rebelião, a insatisfação com o cenário político era traço comum. Do mesmo modo, é característica de todas aquelas nações o fato de que parcela significativa da população tem menos de 30 anos e possui facilidade de acesso à informação digital. Por meio das Redes Sociais, essas pessoas tinham a oportunidade de observar realidades diversas das suas próprias, onde maiores doses de liberdade, de oportunidades de emprego e de igualdade de gênero são oferecidas.

No caso específico da Tunísia, além das décadas de repressão, a alta nos preços dos alimentos e a baixa oferta de emprego se mostraram catalisadoras da eclosão das revoltas populares. A atitude desesperada de um jovem tunisiano, que ateou fogo ao próprio corpo, serviu de gota d'água. As novas ferramentas da Internet, as Redes Sociais, exerceram papel central na convocação às ruas em protestos contra o governo. Pelo *Twitter*, encontros de ativistas eram marcados e informações ao mundo enviadas. O *Facebook* teve espaço na formulação de debates, divulgação de locais e hora dos protestos, e também para a publicação de fotos e vídeos dos acontecimentos. O resto é História.

Nos vizinhos africanos e árabes Egito e Líbia, os governos autoritários locais, ao perceberem que as ferramentas digitais vinham sendo uma eficiente arma de articulação popular, tentaram restringir ou cortar o acesso à Internet. O ato de bloquear a comunicação significa admitir que, de fato, as Redes Sociais digitais estava atuando para somar forças e ideologias aos protestos. Vale ressaltar que, mesmo após as restrições impostas, o conteúdo publicado atingiu outras regiões, alastrando a informação sobre os acontecimentos.

O Juiz Márlon Reis, um dos idealizadores, afirmou em um artigo na página eletrônica do MCCE que a “internet é, sem dúvida, a Ágora em que a democracia se vivifica neste Século XXI. A Primavera Árabe e diversas mudanças de governos dificilmente teriam ocorrido com o policiamento da rede mundial de computadores.”<sup>189</sup>,

Para Ghannam (2011), o poder das mídias sociais e das novas tecnologias (entendidas aqui como tecnologias de comunicação), em especial a telefonia móvel, provaram ser uma grande ameaça para os governos que não agradam as massas. Friedman (2011) inclui no debate a dimensão dos fatos que vêm se formando no cenário internacional. Para o autor, o baixo custo da internet usada em *smartphones* da Europa transformou o mundo de conectados para hiperconectados. Castells (2011) denomina a capacidade criada pelas tecnologias, de rapidez na mobilização, de “auto comunicação de massas”.

Esta pesquisa concorda com Castells sobre a facilidade em mobilizar pessoas, pois nos últimos tempos tem-se vivenciado diversas manifestações de rua oriundas da Internet. Os eventos se disseminam com tal velocidade que, por vezes, fazem com que as pessoas utilizem as informações propagadas de forma equivocada. Lévy (1999) sugere, neste caso, que o que interessa é o uso das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, bem como a intervenção do cidadão na manipulação e na apropriação da mesma:

As projeções sobre os usos sociais do virtual devem integrar o movimento permanente de crescimento de potência, de redução nos custos e de descompartmentalização. Tudo nos leva a crer que estas três tendências irão continuar no futuro. Em contrapartida, é impossível prever as mutações qualitativas que se aproveitarão desta onda, bem como a maneira pela qual a sociedade irá aproveitar-se delas e alterá-las. É neste ponto que projetos divergentes podem confrontar-se, projetos indissoluvelmente técnicos, econômicos e sociais. (LÉVY, 1999, p. 33).

Esta pesquisa admite que, ao disseminar informações via Internet e Redes Sociais digitais, corre-se o risco de receber mensagens manipuladoras. Acredita também que o surgimento de mais aparatos tecnológicos aprofundou os abismos sociais, pois nem toda a população tem acesso ao conteúdo digital. Dessa forma é necessário observar as discussões das sociedades, verificar as alterações de teorias e intervir na apropriação das ferramentas

---

<sup>189</sup> [www.mcce.org.br/site/pdf/Democracia\\_e\\_liberdade\\_de\\_expressao\\_na\\_internet.pdf](http://www.mcce.org.br/site/pdf/Democracia_e_liberdade_de_expressao_na_internet.pdf), acessado em 30/10/2013.

porque a difusão de informações tem seu poder ampliado à medida que os usuários se apropriam delas.

Há poucos anos, os Movimentos Sociais passaram a usar as ferramentas digitais de comunicação para difusão de informações e, com isso, têm conseguido inserir suas causas mais frequentemente nos debates. Não que a mudança efetiva de costumes e tradições ocorrerá exclusivamente por meio da difusão de informações via redes sociais ou mídias sociais digitais. De acordo com pesquisa realizada nos Estados Unidos e na Irlanda pela consultoria SAS e pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2012, é possível saber qual será o futuro econômico de um país a partir da análise das mensagens compartilhadas nas Redes Sociais. Segundo a pesquisa, é possível antecipar picos de desemprego em um país de acordo com o sentimento dos internautas em sites como *Twitter* e *Facebook* ou *blogs*. A análise comparava o “humor” dos comentários com os índices de desemprego nos dois países (muito atingidos pela crise financeira de 2008) e o que se constatou foi que boatos sobre férias coletivas, redução de salários e falta de emprego se espalhavam nas Redes Sociais antes dos índices caírem. O tempo de previsão apontado pela pesquisa foi de quatro meses.<sup>190</sup>

Em junho de 2013, no Brasil, houve uma onda de protestos contra o governo. Os movimentos de rua, originados em SP em função da alta nos preços das passagens do transporte coletivo, deu origem a diversas outras manifestações pelo país. Os movimentos, que ganharam as páginas dos veículos impressos de todo o país foram, em sua maioria, organizados na Internet. Originados no *Facebook*, os eventos contribuíram para levar milhares de pessoas às ruas das capitais e cidades do interior para pedir o fim da corrupção, melhoria nos sistemas de saúde e educação, entre outras reivindicações.

Ao noticiar apenas um deles, a *Folha de S. Paulo*, de 18 de junho de 2013, dedicou nove páginas ao tema no caderno Cotidiano. No *Facebook*, o evento nomeado de Marcha do Vinagre obteve mais de 30 mil participantes confirmados.

---

<sup>190</sup>[www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/06/01/pesquisa-indica-que-comportamento-em-redes-sociais-pode-prever-criises-e-desemprego-em-um-pais](http://www.tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/06/01/pesquisa-indica-que-comportamento-em-redes-sociais-pode-prever-criises-e-desemprego-em-um-pais), acessado em 18/08/2013.



Exemplos de páginas das manifestações criadas no Facebook e foto da manifestação no Congresso Nacional.

Pela primeira vez, desde a promulgação da Constituição de 1988, manifestantes ocuparam a marquise do Congresso Nacional. As mais de dez mil pessoas presentes pediam o fim da corrupção e a saída do PT do governo, entre outras bandeiras. Pedro Abramovay, mestre em Direito e diretor do Avaaz, em artigo no jornal *Zero Hora*, reiterou que, sem o povo, as mudanças não ocorrem. O professor se referia ao Ficha Limpa, mas podemos transportar sua reflexão para as manifestações de junho de 2013. Ele escreveu: “é preciso perceber que o grande motor da democracia, que tornou a Ficha Limpa diferente de outros projetos de reforma política, é a mobilização popular. Pode-se cobrar mudanças estruturais de todos os poderes. Mas elas só ocorrem quando o povo se torna seu principal ator.”<sup>191</sup>

<sup>191</sup> [www.mcce.org.br/site/pdf/As%20Licoes%20da%20Ficha%20Limpa\\_Pedro%20Abramovay.pdf](http://www.mcce.org.br/site/pdf/As%20Licoes%20da%20Ficha%20Limpa_Pedro%20Abramovay.pdf), acessado em 28/10/2013.



#### 4.7 Algumas das bandeiras dos Movimentos Sociais nas Redes Sociais Digitais

Desde o início do século passado, as inovações tecnológicas vêm tornando mais dinâmica a vida das pessoas. Elas estimulam a transmissão de informação até às localidades mais remotas, com grande velocidade e eficiência. As sociedades ganharam mais autonomia e os indivíduos passaram a viver e a se desenvolver com o mesmo nível de importância que as instituições e organismos. A acessibilidade e a garantia de visibilidade tornou o homem mais capaz de influenciar seus semelhantes e facilitou este processo. Ele caminha, via novas tecnologias e Internet, por estradas antes não conhecidas. Este trilhar resulta na proliferação de novas ideias e ideais e auxilia na criação de comunidades virtuais, promovendo, assim, o surgimento de Movimentos Sociais instantâneos. As novas tecnologias têm originado diferentes organizações e conseqüentemente, novos tipos de comunidade, com mais influência e mais conhecimento.

As Redes Sociais digitais podem ser classificadas em, segundo Aguiar (2007), árvore, malha ou tema, teia e rizoma. No caso aqui tratado, elas se encaixam dentro da “teia”, como explica Aguiar:

A teia representa um padrão de relações que se desenvolvem radialmente, a partir de uma liderança, de uma coordenação, de um “facilitador” ou de um centro “irradiador” que distribui mensagens recebidas de qualquer nó para todos os nós da rede. Embora pressuponha uma relação horizontal, não hierárquica, entre os nós, não há comunicação direta entre eles; qualquer mensagem tem que ser enviada a um nó central (uma máquina ou uma pessoa), que a distribui para todos os demais (comunicação de todos para um, um para todos), mas não para um ou alguns nós específicos (comunicação seletiva). A teia pressupõe uma certa homogeneidade ou equivalência entre os participantes, em termos de conhecimentos, recursos, interesses e/ou objetivos compartilhados; é o modelo mais utilizado nas redes organizacionais e interorganizacionais (incluindo as de ONGs e Movimentos Sociais) e nas listas de discussão. Por terem um fim em comum bem delimitado (pela temática), seus integrantes tentam manter a dinâmica da rede sob controle, mas quanto maior for a participação no fluxo de informações (envio de mensagens, comentários, réplicas e tréplicas), menor será o seu grau de previsibilidade. A teia corresponde também ao padrão egocentrado dos sites de Redes Sociais em que “amigos” e “amigos de amigos” são adicionados a cada perfil ou página individual. (AGUIAR, 2007, p.6)

As Redes Sociais digitais, como se pode observar, se consolidam quando os grupos aderem aos sites de relacionamentos. Existem centenas de Redes Sociais pelo mundo, no entanto em alguns países elas são objeto de fiscalização e controle, como na China. Em alguns casos, a rede social não consegue se popularizar por suas características não voltadas para determinadas sociedades, a exemplo das redes russas, que não chegaram ao Brasil. O idioma também pode ser um entrave para uma rede social se tornar popular. As redes digitais, como afirma Amadeu (2008, p.31) aprofundam as contradições do capitalismo cognitivo ao ampliar

os espaços democráticos da crítica, da criação cultural e da diversidade, abrindo espaço para a emergência de uma esfera pública interconectada, com um potencial mais democrático que a esfera pública dominada pelos *mass media*.<sup>192</sup> Com isso, pode-se perceber que as Redes Sociais digitais são locais complexos onde diversos assuntos se convergem unindo pessoas de todos os países. O ciberespaço proporciona a diversidade de leituras, vivências e interpretações. Como ensina Lemos:

Toda a economia, a cultura, o saber, a política do século XXI, vão passar (e já estão passando) por um processo de negociação, distorção, apropriação a partir da nova dimensão espaço-temporal de comunicação e informação planetárias que é o ciberespaço (LEMOS, 2007, 127).

Como se viu, os Movimentos Sociais estão cada vez mais fortes devido ao alcance da Internet e das Redes Sociais. Cada grupo vem montando suas páginas e promovendo seus eventos para os grupos de interesse. Seguindo o exemplo do movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa, que em três meses de campanha havia conseguido 110 mil assinaturas<sup>193</sup>, um grupo de 36 entidades lançou, em 2013, um movimento para coletar assinaturas para o projeto de reforma política de iniciativa popular. A iniciativa já se propagou nas Redes Sociais e os formulários estão disponíveis na *web*. O objetivo é alcançar 1,5 milhão de apoiadores, mínimo exigido pela Constituição para que uma proposta possa tramitar no Congresso. Entre as entidades que participam da campanha está o MCCE, que capitaneou a campanha da Ficha Limpa.

No caso das fotos abaixo, os dois eventos do *Facebook* são exemplos de causas a serem trabalhadas. A saúde, tema bastante discutido em todos os governos, sofre grave crise de investimentos com falta de estrutura para atendimento. No entanto, o governo federal, ao invés de privilegiar os investimentos em infraestrutura e organizar uma carreira de saúde do Estado, optou por lançar um programa para atrair médicos estrangeiros para o Brasil. A categoria profissional se revoltou e passou a se mobilizar, mostrando que não faltam médicos no país, mas sim segurança funcional e estrutura para trabalhar nas localidades mais remotas, onde há maior carência destes profissionais.

---

<sup>192</sup> [www.pt.scribd.com/doc/57968555/Nelson-Preto-e-Sergio-Amadeu-Alem-das-Redes-de-Colaboracao](http://www.pt.scribd.com/doc/57968555/Nelson-Preto-e-Sergio-Amadeu-Alem-das-Redes-de-Colaboracao), acessado em 18/08/2013.

<sup>193</sup> [www.caritas.org.br/novo/2008/08/27/ultrapassa-110-mil-assinaturas-pela-proibicao-da-candidatura-de-politicos-em-debito-com-a-justica](http://www.caritas.org.br/novo/2008/08/27/ultrapassa-110-mil-assinaturas-pela-proibicao-da-candidatura-de-politicos-em-debito-com-a-justica), acessado em 18/08/2013.

A página SOS Saúde tem como principal objetivo mostrar os locais de atendimento médico no interior, onde há falta de tudo, além das condições em que são tratados os pacientes em hospitais do Sistema Único de Saúde.

A outra página apresentada abaixo trata da reforma política postando os benefícios de se aprovar o projeto e conclama a população a assinar a petição.



*Páginas de causas específicas: reforma política e melhorias na saúde*

#### *4.8 A página eletrônica do Movimento Ficha Limpa e os “exércitos” que vão às ruas convocados via Internet*

Apesar de todos os problemas vivenciados no cenário político brasileiro, esta pesquisa vê possibilidade de transformação do país e acredita que as pessoas logo verão os fatos por meio de uma perspectiva avançada, proporcionada pelas inovações tecnológicas. Estes novos tempos dos quais se fala são aqueles em que os protestos e reivindicações feitos no ciberespaço se desdobrarão em reais mudanças. Dessa forma, a sociedade estará cada vez mais participativa, principalmente por se fortalecer em um sistema onde os avanços industriais e tecnológicos contribuem para o desenvolvimento de uma nação mais confiante em seu governo.

O Ficha Limpa, que com sua ação propositiva e popular fez o Congresso Nacional aprovar a Lei Complementar 135/2010, se tornou exemplo emblemático de mobilização em prol da mudança, da transformação do hábito cultural de aceitar a falta de conduta ilibada dos representantes políticos. O grupo, porém, não encerrou suas atividades e permanece na labuta. O MCCE disponibiliza na sua página eletrônica diversas informações a respeito dos processos eleitorais e dicas de como escolher candidatos. O grupo publica ainda os nomes das pessoas que não podem se candidatar aos cargos eletivos e informações sobre as doações de

campanha. É uma ferramenta fundamental para todos aqueles que se interessem em conhecer os candidatos para bem escolher os futuros representantes da sociedade brasileira.



*Site Ficha Limpa. Nele são disponibilizadas as campanhas e diversas informações que possam ajudar o brasileiro a escolher candidatos com conduta ilibada.*

Castells, dentro da sua visão pioneira, mostrou que as comunicações em rede, sejam elas feitas por quaisquer motivos ou objetivos, têm a possibilidade de alcançar mais e mais interlocutores. A Internet possui a característica mais relevante para o sucesso destas comunicações: a velocidade com que as informações superam os obstáculos geográficos e culturais. Castells explica que:

O novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de luxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta se vai tornando realidade. (CASTELLS, 2000, p. 57)

#### 4.9 Considerações Finais

A pesquisa termina este estudo apresentando o Movimento Ficha Limpa e suas ações que culminaram na lei de mesmo nome. O capítulo 4 apresentou temas relacionados ao processo político e legislativo do Brasil passando pelos diversos momentos históricos da consituições até a de 1988.

Foram apontados os percursos dos movimentos populares que ganharam as páginas da imprensa e que mudaram a história do país para sempre. Abordou-se o importante movimento ocorrido em 2010 e 2011, a Primavera Árabe, e sua contribuição para a derrubada do regime autoritário em alguns países. Explicou-se como são realizadas as petições *online*

para apresentação de projetos de iniciativa popular no Congresso Nacional e mostrou-se o processo de criação da Lei da Ficha Limpa, desde seu nascimento dentro do movimento contra a corrupção eleitoral até a aprovação nas duas casas legislativas. Pode-se observar que quando as organizações não governamentais e demais grupos civis se articularam, houve uma expansão das causas sociais, fazendo com que elas fossem mais adequadamente levadas adiante e, principalmente, ganhassem visibilidade quando foram apresentadas e disseminadas via Redes Sociais na Internet. Por fim, apresentou-se resultados da pesquisa realizada pelo MCCE, em parceria com o prestigioso Instituto Alemão para o Desenvolvimento (DIE) que mostrou a importância das redes sociais e do ambiente virtual no processo que culminou na aprovação da lei da Ficha Limpa.

A partir deste pensamento e das reflexões oriundas da pesquisa, pode-se afirmar que a comunicação realizada por computador já é considerada a base para uma modificação no modo de organização social e em causas de interesses comuns. Passados mais de 20 anos da massificação e individualização dos computadores e do acesso à Internet, nota-se que o motivo principal do sucesso que alcançaram as redes é a maneira que as pessoas podem se comunicar, se fazer compreender e ter grandes chances de alcançar e influenciar outros grupos e comunidades por meio da sua própria máquina, a partir da sua casa (ou escritório) e das suas ideias. Ver e ser visto (lido) é um dos fatores de maior influência nos acessos das pessoas nas Redes Sociais.

Nascida da iniciativa popular, a Lei da Ficha Limpa foi uma importante contribuição para as mudanças estruturais da prática política, originando certa esperança de se alcançar um país mais justo e transparente. Ela não é resultado de lutas corporativas nem de vaidade das entidades organizadoras do movimento que deu nome à lei. Reflete sim, o anseio de parte da população por políticos honestos. Ela contribui para o fortalecimento do Poder Legislativo porque insere o necessário pressuposto para exercício da democracia: a ética na política.

O movimento Ficha Limpa é um exemplo de mobilização que ajudou a reescrever a história contemporânea do Brasil, mudando para sempre a mentalidade dos brasileiros acostumados aos muitos anos sob a batuta do coronelismo e dos roubos de votos por meio do poder econômico.

## CONCLUSÃO

Ao longo de dois anos, esta pesquisa observou os fenômenos das Redes Sociais e as mobilizações populares dentro delas. No princípio deste estudo, a movimentação social mais relevante que havia acontecido dentro dos objetos de estudo – *Facebook* e *Twitter* – fora a Primavera Árabe, onde os cidadãos da Tunísia, Egito, Líbia e vários outros países relataram os conflitos dentro de seus territórios, por meio das Redes Sociais, até que os canais sofressem interferência e até bloqueio por parte dos governos totalitários — confirmando a tese de que estas ferramentas digitais alcançavam pessoas e disseminavam ideais.

No decorrer destes dois anos, porém, as duas redes foram mudando de perfil no Brasil e passaram, cada vez mais, a servirem para mobilizar pessoas em torno de causas. Uma delas, a Marcha Contra a Corrupção, em 2011, chegou a reunir cerca de 20 mil pessoas na Esplanada dos Ministérios. Mas o ápice da força destas redes foi em junho de 2013, quando dezenas de milhares de pessoas, convocadas pelas Redes Sociais por todo o Brasil, se uniram nas ruas contra a corrupção, em favor da saúde, da educação e contra os governos. Durante um mês, o país viveu manifestações populares como não se via desde o início dos anos 90, com os caras-pintadas.

Os Movimentos Sociais, que deram importante contribuição para o processo de redemocratização do país, novamente mostraram sua força e levaram estudantes e trabalhadores às ruas para clamar por um Brasil melhor. Durante as mobilizações de 2013, as ruas foram tomadas por movimentos apartidários e que lutavam realmente por transformações sociais e políticas. Entretanto, nos parece, as mobilizações encontradas nas ruas nos anos 2011 e 2013 não possuem as mesmas características dos Movimentos Sociais do passado. Não apresentam perfil organizativo próprio, muito menos inserção em algum grupo de militância específica ou articulação política-institucional. Havia a intenção em renovar a vida política-partidária já tão desgastada no Brasil.

Muitos dos acontecimentos nascidos nas Redes Sociais, e que tomaram as ruas neste ano, receberam a *hashtag* #vemprarua, tanto no *Twitter* quanto no *Facebook*. Os acontecimentos criaram um fato histórico e deram novo fôlego aos Movimentos Sociais — que nos anos recentes vinham agindo separados, cada militância com sua própria causa. Após a multiplicação dos eventos, muitas pessoas começaram a refletir sobre a perda da moralidade ética na política, na falta de investimentos nos serviços básicos ofertados pelo Estado à sociedade e também, na solidariedade com o próximo.

Um dos temas que ganharam destaque nas pautas dos movimentos foi a saúde. Caótica e desfavorecida de investimentos, sua bandeira foi levantada nas manifestações. Postos de saúde e hospitais sucateados tiveram suas fotos espalhadas nas ruas e na *web*. Educação, segurança e transporte coletivo público também foram tema das reivindicações das ruas. Os Movimentos Sociais solicitaram atenção ao povo e o reconhecimento do governo das dificuldades pelas quais a população brasileira passa. Preocupados com a dimensão dos protestos, divulgados também na imprensa internacional, cuja repercussão poderia ser negativa para a copa das Confederações, o governo tratou de se pronunciar e dar explicações à nação por meio da imprensa.

A pesquisa, entretanto, observa que as mudanças solicitadas pela população não tiveram muito resultado em curto prazo. Será necessário algum tempo para que a semente plantada agora germine e produza bons frutos. Os fatores socioeconômicos sempre devem ser considerados nos processos de mudança das sociedades, no entanto, esta pesquisa observa que as Redes Sociais, em função da necessidade de comunicação por meios tecnológicos a cada dia se desenvolve mais. Grupos, pessoas e organizações se organizam dentro das redes digitais e iniciam seus trabalhos por meio da Internet como forma de obter espaço social e projeção de ideias e ideais, de forma simples, igualitária e com baixos custos.

São várias as ferramentas a serem exploradas para expor conteúdos – *blogs*, redes de relacionamentos, *chats*, *microblogs*, *broadcastings* etc. A *web* é uma plataforma democrática, onde todos os usuários, de toda classe social e econômica tem iguais possibilidades e alcance. O ciberespaço é infinito, pois comporta as mais variadas linguagens em um único conteúdo: vídeos, áudios, textos, *links*, fotos – os grandes diferenciais que possibilitam experiências e atraem atenção. Por essa razão, acredita-se, aqui, que as mobilizações por meio das Redes Sociais têm ganhado força, como também mostra a entrevista com o juiz de direito, Márlon Reis.

O objeto aqui discutido, o movimento que deu origem à lei da Ficha Limpa, fez com que a sociedade conquistasse o direito de conhecer o passado dos candidatos e impossibilitar a que as pessoas acusadas de terem cometido crimes eleitorais ou de corrupção sejam eleitos para os cargos políticos. Certamente ainda existem fatores que entram o avanço na filtragem dos candidatos a cargos eletivos, o recebimento oculto de doações para campanhas é um deles.

Com o crescimento e popularização das conexões digitais e da acessibilidade, a sociedade tem, aos poucos, modificado seus costumes, criado novos hábitos, absorvido novas culturas e desenvolvido novas formas de pensar e agir. Deste modo, tem sido possível criar

um novo imaginário coletivo, onde as pessoas não precisam se preocupar em esconder ou mascarar suas visões políticas nem suas opiniões, por medo de sofrer repressão. Este imaginário transformado tende a se transmutar para inteligência coletiva e, por fim, se converter em hábitos e ações novos.

As Redes Sociais são ferramentas que protagonizam as mudanças originadas no ciberespaço. Para os Movimentos Sociais, elas são grandes aliadas. Nelas, bem como na Internet, como demonstrou a pesquisa realizada pelo Instituto Alemão para o Desenvolvimento, as pessoas demonstram o claro desejo de participar mais ativamente das decisões e da vida sociopolítica do país. Nos ambientes virtuais, há espaço para discussões democráticas que podem originar ou ampliar conceitos e opiniões, agregando valor e ideais aos mais diferentes grupos da sociedade.



## BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Douglas. *O Guia do Mochileiro das Galáxias*. Sextante. 2009 [1979].
- ADORNO, Theodor. W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor Adorno*. Trad. de Amélia Cohn. Coleção *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1986.
- AGUIAR, Sonia. *Redes sociais na internet: desafios à pesquisa*. Texto apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação – XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 2007.
- AMADEU, Sergio. (2008) Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: PRETTO, N. e AMADEU, S. (org.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA.
- ANTOUN, Henrique. *Democracia, multidão e guerra no ciberespaço*. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Mobilidade e Governabilidade nas Redes de Comunicação Distribuída*. In: V Bienal Iberoamericana de la Comunicación. Razón y Palabra. 2005. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org>.
- \_\_\_\_\_. *Vigilância, comunicação e subjetividade na cibercultura*. IN: *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação/ organizado por Fernanda Bruno, Marta Kanashiro e Rodrigo Firmino*. Porto Alegre: 2010.
- BAREFOOT, Darren.; SZABO, Julie., *Manual de Marketing em Mídias Sociais*. Novatec, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 2011.
- BRUNO, Fernando, KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo. *Vigilância e visibilidade - espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura – a sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, (2000).
- \_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- DUARTE, Fábio e FREI, Klaus. *Redes Urbanas*. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. *O Tempo Das Redes, Perspectiva*, 2008.
- FELINI PEREIRA, Eliton. “Eleições: Uma Instituição em Processo de Mudança” *Revista Olhar Científico.*, V. 01, n.2, Ago./Dez. 2010.
- EVANS, Liana. *Social Media Marketing: Strategies for engaging in Facebook, Twitter e other Social Media*. Indianapolis: Que. 2012.
- FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUEDES, Maria Giovana. FREIRE, Isa Maria. *Memória do cotidiano: registro da Comunidade Santa Clara na Web*. Porto Alegre. UFRGS: 2011.
- GIBSON, William. *Neuromancer*; tradução Fábio Fernandes. 4ª ed. – São Paulo: Aleph, 2008.
- GIROUX, Henry A. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2ª ed. – São Paulo: Loyola, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. *Revista Scientie Studia*, SP. 2007.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- KEEN, Andrew. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Trad: Maria Luiza X. de A. Borges. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- KEEN, Andrew. *Vertigem Digital. Por que as Redes Sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando*. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- LAKATOS, Eva Maria. I. *Histoire et Méthodologie des Sciences: Programmes de Recherche et Reconstruction Rationnelle*. 1ª.ed. Paris. Presses Universitaires de France, 1994.
- \_\_\_\_\_. MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LEMONS, André. *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina. 2007.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 999 (versão traduzida).
- \_\_\_\_\_. *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2004.

- LOPES, Luís Carlos. *Crenças e tecnologias - ensaios de comunicação, cibercultura e argumentação*. São Carlos: Edufscar, 2008.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. "Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação". In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V. de; MARTINO, L.C. (org.). *Pesquisa empírica em comunicação*. Livro Compós 2010. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. In: Marx, K e Engels, F. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omêga, vol. 1, p. 26.
- \_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Livro 1.
- MASUDA, Yoneji. *A sociedade da informação como sociedade pós-Industrial*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1982.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Trad. de Antonio Filipe Marques. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e Movimentos Sociais*. Revista Brasileira de Educação [online]. 1997, n.05-06, pp. 05-14. ISSN 1413-2478.
- MORIGI, Valdir José. PAVAN, Cleusa. *Tecnologias de informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias*. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 1, p. 117-125, jan./abril 2004.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação sobre a técnica*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963.
- PARK, Robert. "A notícia como forma de conhecimento". In: STEINBERG - *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultix, 1976.
- PLATÃO. O Mito da Caverna. Extraído de *A República*. 6ª Ed. Curitiba: Atena, 1956.
- PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- \_\_\_\_\_. "Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade". In: PRETTO, N. e AMADEU, S. (org.) *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- RAMOS, Murilo César. *Às Margens da Estrada do Futuro: comunicações, políticas e tecnologia*. Coleção FAC. Brasília, UnB: 2000.

- RECUERO, Raquel. *A conversação em rede - comunicação mediada pelo computador e Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Trad. Helder Aranha. Lisboa: Gradiva, 1996.
- RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina: 2011.
- SANTAELLA, Lucia. “As linguagens como antídotos ao midiacentrismo”. *Revista Matrizes*, nº 1, out. 2007.
- \_\_\_\_\_. “Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano”. *Revista Famecos* 22, dezembro de 2003.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Das mobilizações às redes de Movimentos Sociais*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006
- SÊGA, Christina P. *Sociedade e Interação: um estudo das diferentes formas de interagir*. Brasília. UnB: 2011.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu. *Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo*. Revista USP, São Paulo: 2010.
- SORJ, Bernardo (Org.). *Meios de comunicação e democracia: Além do estado e do mercado*. Rio de Janeiro. Plataforma Democrática: 2011.
- TOURAINÉ, Alain. *Em Defesa da Sociologia*. Rio de Janeiro. Zahar Editores: 1976.
- \_\_\_\_\_. *Os Movimentos Sociais*. In: FORACCHI, M. M. & MARTINS, J. de S. *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes: 2006.
- VAZ, Paulo. A mídia, a rotina e a vítima virtual. In: *Vigilância e visibilidade - espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- WEBER, Max. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 1971.
- \_\_\_\_\_. *Metodologia das Ciências Sociais, parte 2*. Tradução Augustin Wernet; Introdução à edição brasileira Maurício Tragtenberg. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- WHITAKER, Francisco. “Rede, uma estrutura alternativa de organização”. *Revista Mutações Sociais*, v.2, n.3, p.1-7, mar./mai. 1993.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

Revista Galileu. Manual Prático da revolução *online*. Ed. dezembro de 2009.

CASTELLS, Manuel. Brasília: Rede de Tecnologia Social – RTS. [www.rts.org.br/entrevistas/manuel-castells-sociologo-e-diretor-do-institutointerdisciplinar-sobre-internet-na-universitat-oberta-de-catalunya](http://www.rts.org.br/entrevistas/manuel-castells-sociologo-e-diretor-do-institutointerdisciplinar-sobre-internet-na-universitat-oberta-de-catalunya); Acessado em: 11/08/2013.

\_\_\_\_\_. *Todos los gobiernos odian internet*. Espanha. RTVE: Europa Abierta. [www.rtve.es/alacarta/audios/europa-abierta/europa-abierta-manuel-castells/1286978](http://www.rtve.es/alacarta/audios/europa-abierta/europa-abierta-manuel-castells/1286978), Acessado em 05/05/2013.

\_\_\_\_\_. Sobre Internet e Rebelião: “É só o começo”. Entrevista a Jordi Rovira, Universidad Oberta de Catalunya. [www.zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/castells-sobre-internet-e-rebeliao](http://www.zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/castells-sobre-internet-e-rebeliao), acessado em 15/08/2013.

FRIEDMAN, Thomas L. *A Theory of Everything (Sort Of)*. The New York Times. 13/08/2013. [www.nytimes.com/2011/08/14/opinion/sunday/Friedman-a-theory-of-everyting-sort-of.html](http://www.nytimes.com/2011/08/14/opinion/sunday/Friedman-a-theory-of-everyting-sort-of.html), Acessado em: 15/08/2013.

GHANNAM, Jeffrey. A revolução das Redes Sociais? O Globo, 21/02/2011. [www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/o-globo/2011/02/21/a-revolucao-das-redes-sociais-artigo](http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/selecao-diaria-de-noticias/midias-nacionais/brasil/o-globo/2011/02/21/a-revolucao-das-redes-sociais-artigo), Acessado em: 03/08/2013.

HEIDEGGER, Martin. *A Questão da Técnica*. <http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a05v5n3.pdf>, acessado em 11/11/2013.

SCHIEK, Monica. *Ciberativismo: um olhar sobre as petições online*. [www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/schieck-monica-ciberativismo.pdf), acessado em 11/07/2013.

[www.agenciabrasil.ebc.com.br/assunto/pesquisa-e-inovacao](http://www.agenciabrasil.ebc.com.br/assunto/pesquisa-e-inovacao), acessado em 6 de maio de 2012.

[www.avaaz.org/po/petition/Movimento\\_Nacional\\_de\\_Combate\\_a\\_Corrupcao\\_MNCC](http://www.avaaz.org/po/petition/Movimento_Nacional_de_Combate_a_Corrupcao_MNCC), acessado em 25/06/2012.

[www.bernardosorj.com/pdf/bsorj\\_Meios\\_de\\_comunicacao\\_e\\_democracia.pdf](http://www.bernardosorj.com/pdf/bsorj_Meios_de_comunicacao_e_democracia.pdf), acessado em 16/06/2012.

[www.abrrec.org.br](http://www.abrrec.org.br), acessado em 10/10/2012.

[www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132003000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132003000100005&script=sci_arttext). Acessado em 28/10/2013.

[www.blogdoecommerce.com.br/fatos-sobre-twitter/#sthash.rmuJjvzO.dpuf](http://www.blogdoecommerce.com.br/fatos-sobre-twitter/#sthash.rmuJjvzO.dpuf), acessado em 23/07/2013.

[www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=22411](http://www.correioweb.com.br/euestudante/noticias.php?id=22411), acessado em 22/04/2012.

[www.econsultancy.com/br/blog](http://www.econsultancy.com/br/blog), acessado em 12/05/2012.

[www.estadao.com.br/noticias/cidadesmarcha-contracorrupcao-reune-3-mil-em-brasil,863851,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/cidadesmarcha-contracorrupcao-reune-3-mil-em-brasil,863851,0.htm), acessado em 22/04/2012

[www.gecorp.blogspot.com](http://www.gecorp.blogspot.com), acessado em 2/09/2012

- [www.redesocial.net](http://www.redesocial.net), acessado em 20 de outubro de 2011.
- [www.repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76532](http://www.repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76532), acessado em 28/10/2013.
- [www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br), acessado em 20 de outubro de 2011.
- [www.noticias.terra.com.br/brasil/noticias/marchacontraacorrupcao](http://www.noticias.terra.com.br/brasil/noticias/marchacontraacorrupcao), acessado em 21/09/2012.
- [www.marcosarraais.com.br/?p=3233](http://www.marcosarraais.com.br/?p=3233), acessado em 06/03/2013.
- [www.adnews.com.br/internet/110788.html](http://www.adnews.com.br/internet/110788.html), acessado em 18 de outubro de 2011.
- [www.info.abril.com.br/noticias/internet/internet-no-brasil-chega-a-78-mi-de-usuarios-12092011-5.shl](http://www.info.abril.com.br/noticias/internet/internet-no-brasil-chega-a-78-mi-de-usuarios-12092011-5.shl), acessado em 18/10/2011.
- [www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com), acessado em 14/10/2011.
- [www.pt.wikipedia.org/wiki/Twitter#cite\\_note-13](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Twitter#cite_note-13), acessado em 14/10/2011.
- [www.codigodeideias.blogspot.com/2005/10/grupo-3-o-que-movimento-social.html](http://www.codigodeideias.blogspot.com/2005/10/grupo-3-o-que-movimento-social.html), acessado em 15/10/2011.
- [www.midiassociais.blog.br/2011/01/16/70-redes-sociais](http://www.midiassociais.blog.br/2011/01/16/70-redes-sociais), acessado em 17/10/2011.
- [www.midiassociais.net/2011/01/estatisticas-e-fatos-sobre-o-facebook-em-2011](http://www.midiassociais.net/2011/01/estatisticas-e-fatos-sobre-o-facebook-em-2011), acessado em 18/10/2012.
- [www.tecmundo.com.br/rede-social/15267-14-estatisticas-insanas-sobre-redes-sociais.htm#ixzz1u7FrwBIO](http://www.tecmundo.com.br/rede-social/15267-14-estatisticas-insanas-sobre-redes-sociais.htm#ixzz1u7FrwBIO), acessado em 5/05/2012.
- [www.facebook.com/groups/porumbrasilmelhor/](http://www.facebook.com/groups/porumbrasilmelhor/), acessado em 25/06/2012.
- [www.g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/10/mesmo-com-efeito-viral-atendimento-ao-cliente-pelas-redes-sociais-e-baixo.html](http://www.g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2012/10/mesmo-com-efeito-viral-atendimento-ao-cliente-pelas-redes-sociais-e-baixo.html), acessado em 15/10/2012.
- [www.oglobo.globo.com/cultura/especialista-em-cibercultura-frances-pierre-Lévy-critica-intencao-inglesa-de-controlar-redes-sociais-fala-sobre-futuro-dos-livros-2690647](http://www.oglobo.globo.com/cultura/especialista-em-cibercultura-frances-pierre-Lévy-critica-intencao-inglesa-de-controlar-redes-sociais-fala-sobre-futuro-dos-livros-2690647), acessado em 25/10/2012.
- [www.facebook.com/pages/DIREITO/183581201704351](http://www.facebook.com/pages/DIREITO/183581201704351), acessado em 23/08/2012.
- [www.zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/castells-sobre-internet-e-rebeliao](http://www.zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/castells-sobre-internet-e-rebeliao), acessado em 22/12/2012.
- [www.raquelrecuero.com/seaed.pdf](http://www.raquelrecuero.com/seaed.pdf), *Reflexões sobre Redes Sociais, Tecnologia e Educação*, acessado em 20/05/2013.
- [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000400004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000400004&script=sci_arttext), *Revista Educação & Sociedade* vol.27, no.97. Campinas. Sept/Dec. 2006. Acessado em 28/10/2013.

## ANEXO I - ÍNTEGRA DA ENTREVISTA DO JUIZ MARLON REIS

A entrevista abaixo transcrita foi concedida a esta pesquisa em 30 de outubro de 2013.

– *Como se deu o movimento na origem, e quais foram as pessoas que encabeçaram o movimento?*

– O Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral ([www.mcce.org.br](http://www.mcce.org.br)) é uma rede de organizações da sociedade civil que existe desde 2002. As principais entidades que atuaram na sua formação foram a CNBB, a OAB, a FENAJ e a CUT. Hoje são pouco mais de 50 organizações no MCCE. Essa foi a rede responsável pela conquista da Lei da Ficha Limpa. A ideia que culminou com a elaboração do projeto que deu origem à Ficha Limpa foi apresentada ao MCCE por Dom Dimas Lara Barbosa (hoje Arcebispo de Campo Grande). Ele era o Secretário Geral da CNBB em 2007. Foi ele quem me entregou a minuta que, após passar por um aprimoramento coletivo, viraria o projeto de lei. Também destaco o protagonismo de pessoas como Jovita José Rosa, Chico Whitaker, Carlos Alves Moura e Luciano Santos.

– *Em sua opinião a Internet ajudou o movimento Ficha Limpa a impulsionar o projeto de iniciativa popular? Como?*

– O projeto de lei de iniciativa popular em si, na fase de coleta de assinaturas, não foi muito auxiliado pelas redes sociais. Usava-se a internet apenas para envio de *emails*. Só no final da coleta de assinaturas, por iniciativa minha, começamos a criar espaços no *Facebook* e no *Twitter*. Então a coleta em si se deu por meio de estratégias de mobilização mais tradicionais, tipo pessoa a pessoa.

– *Qual o papel das Redes Sociais na aprovação da Lei da Ficha Limpa em 2010?*

– Mas já na fase de discussão parlamentar, as Redes Sociais foram decisivas para a aprovação do projeto de lei. Eram inúmeras as páginas e perfis em que se promovia a campanha. As pessoas reagiam mandando mensagens aos parlamentares, os quais nos falavam sobre o impacto que recebiam das ruas por meio da internet. Não tenho dúvida de que a lei só foi aprovada por causa da pressão cívica realizada por meio da internet.

– *Qual o papel das redes sociais para a validação da Lei da Ficha Limpa no STF?*

– Embora não tenha havia uma campanha específica de incidência cívica sobre o STF, creio que o tribunal foi sensível à grande mobilização social que deu origem à Lei da Ficha Limpa. Todos sabiam do tamanho da relevância da matéria.

– *Como o senhor vê o engajamento das pessoas nas redes?*

– Avalio que está crescendo muito. Há muita gente envolvidas em debates políticos na internet. Muitas delas se conformam com reclamações na forma de posts. Outros agora começam a ir mais longe. As Manifestações de Junho são uma prova disso.

– *Qual a importância das redes sociais agora que a lei foi validada?*

– Agora esperamos que as redes sociais cumpram o papel de asseguram o fluxo informacional necessário a descoberta de casos de pessoas que possam ser enquadradas na Lei da Ficha Limpa. Nem sempre é fácil verificar quem tem ou não a “Ficha Limpa”. Mas as pessoas que tenham informações importantes a respeito podem colaborar para a revelação desses dados. Além disso, esperamos que as redes sociais nos ajudem a difundir a “ética da Ficha Limpa”, ou seja, as ideias e valores que pretendemos ressaltar com a nossa iniciativa.

– *Dê sua opinião sobre o valor das petições online e como tiveram a ideia de fazer uma.*

– As petições *online* são MUITO importantes. Mesmo que não tenham muito valor jurídico em muitas hipóteses, elas servem para firmar a posição das pessoas sobre temas relevantes, o que contribui para formar e robustecer a cultura política da sociedade. Fizemos uma petição por meio do *site* Avaaz para explorar a capacidade da internet de multiplicar as pessoas às quais poderia chegar a nossa mensagem.